

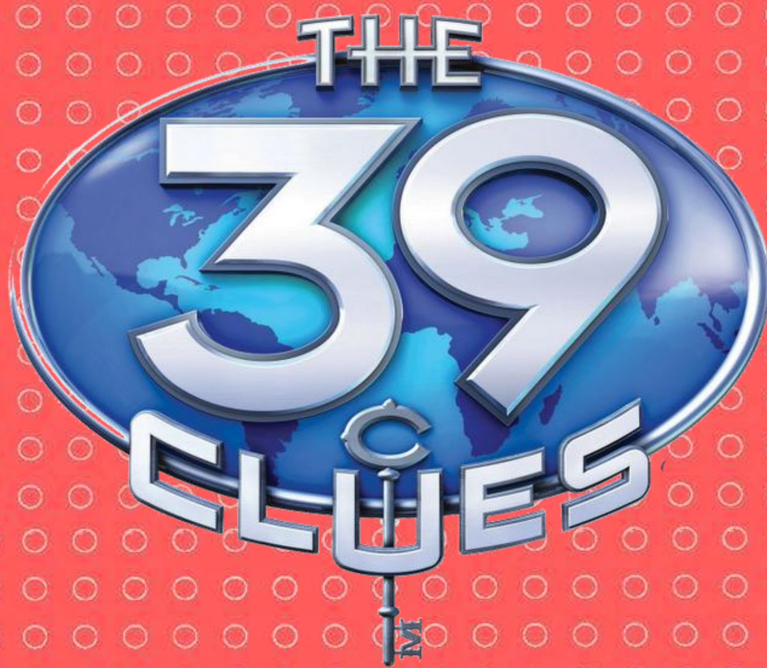
O LADRÃO DE ESPADAS

PETER LERANGIS

LIVRO 3

editora ática

O LADRÃO DE ESPADAS



O LADRÃO DE ESPADAS

PETER LERANGIS


Com um segredo tão poderoso em jogo,
a inveja é inevitável e nenhuma aliança sobreviverá.

Amy e Dan decidem ir para o Japão seguindo a dica encontrada em Veneza: uma espada de samurai. Mas já no aeroporto são surpreendidos por um golpe de seus concorrentes

Ian e Natalie Kabra tomam suas passagens e embarcam no avião, sequestrando a au pair Nellie. Sozinhos, os irmãos Cahill são abordados pelo tio Alistair Oh e rumam com ele para o Oriente.

shadow

Hunters

Para Tina, Nick e Joe

Sempre

PL

CAPÍTULO 1

ELES ESTAVAM FRITOS.

Amy Cahill observou a velha sacola se afastando pela esteira rolante do aeroporto. Em suas laterais despontava um volume visível. Acima da esteira, uma placa alertava os passageiros em cinco idiomas: OBRIGADO POR VISITAR VENEZA. BAGAGENS SERÃO REVISTADAS ALEATORIAMENTE.

— Ah, legal — disse Amy. — Esse "aleatoriamente" seria exatamente com qual frequência?

— Eu avisei que um guerreiro ninja deve sempre levar suas espadas na bagagem de mão — sussurrou seu irmão Dan, que, como sempre, operava em déficit cerebral.

— Desculpe, Jackie Chan, mas a bagagem de mão sempre passa pelo raio X — Amy sussurrou de volta. — Existem normas muito rígidas contra espadas de samurai dentro de mochilas. Mesmo quando pertencem a moleques de 11 anos que acham que são ninjas.

— E o que tem de errado com a desculpa que eu inventei que precisamos delas para fatiar o bife à parmegiana? Teria funcionado perfeitamente. Os italianos entendem tudo quando o assunto é comida.

— E você entende tudo quando eu digo "de 5 a 20 anos de prisão, sem

liberdade condicional"?

Dan deu de ombros. Levantou uma gaiolinha cercada com grades de arame dos lados. Dentro dela um gato, da raça Mau Egípcio, parecia bastante descontente e espiava o menino com um olhar desconfiado.

— Tchauzinho, Saladin — ele disse para o bichano do outro lado da grade. — Lembre-se que, quando chegarmos em Tóquio, vai ter sushi de salmão toda noite!

— *Prrr?* — choramingou Saladin da gaiola, enquanto Dan o colocava com cuidado sobre a esteira rolante.

— Mmmm, hmmm, ohh... aaaaaaaaaahhh! — um gemido esganiçado veio de trás. Embora todos em volta virassem suas cabeças e olhassem assustados, Amy e Dan sabiam que era a *au pair,* Nellie Gomez, dançando alguma música com seu iPod. Ela não estava nem aí para o fato de sua voz parecer a de um lêmure moribundo, e isso era uma das várias coisas legais em Nellie.

Amy ficou observando a gaiola desaparecer pela janelinha. Se os funcionários de fato revistassem a bagagem, os alarmes iam disparar. Policiais italianos viriam em sua procura gritando. Ela, Dan e Nellie teriam que sair correndo.

Não que eles não estivessem acostumados a isso. Nos últimos tempos, tinham corrido bastante. Tudo havia começado no dia em que tinham aceitado o desafio proposto por sua avó Grace no testamento dela. Isso aconteceu na mansão onde ela vivia, nos Estados Unidos, um pouco antes de ter sido destruída pelo fogo. Desde aquele dia, os dois já tinham escapado da morte no desabamento de um prédio na Filadélfia, depois foram atacados por monges austríacos e ainda perseguidos por barcos pelos canais de Veneza. Tinham sido alvo de truques sujos de todos os clãs da família Cahill.

De vez em quando — tipo de três em três segundos — Amy se perguntava por que diabos eles estavam fazendo aquilo. Ela e Dan podiam ter escolhido ficar com 1 milhão de dólares cada um, como vários membros da família Cahill tinham feito. Grace, porém, oferecera outra alternativa: uma corrida em busca de 39 pistas que levariam a um segredo escondido há séculos, a maior fonte de poder que o mundo jamais conhecera.

Até esse dia, Amy e Dan levavam uma vida comum, bem sem graça.

Depois que seus pais haviam morrido, há sete anos, sua tia-avó Beatrice, uma megera, se tornara a responsável por eles — e contratar Nellie foi a única coisa legal que ela já havia feito. Mas agora eles sabiam que faziam parte de algo muito maior, uma família imensa que incluía antepassados como Benjamin Franklin e Wolfgang Amadeus Mozart. Era como se todos os grandes gênios do mundo pertencessem à família Cahill. Quase inacreditável.

— Ei, Amy, você nunca quis, tipo, subir na esteira rolante pra ver o que acontece? Tipo: *Opa, tá tudo bem, pessoal, só tô dando uma voltinha com a bagagem?*

E esse era Dan.

— Vamos! — Amy agarrou o irmão pelo braço e seguiu para o portão de embarque. Nellie estava bem atrás deles, girando o botão do iPod com uma mão e, com a outra, arrumando o piercing em formato de cobra que tinha no nariz.

Amy olhou para o relógio do aeroporto. Eram 14h13. O voo estava marcado para sair às 14h37. Era um voo internacional. As companhias aéreas costumam pedir para que os passageiros cheguem ao aeroporto com duas horas de antecedência, e não 24 minutos.

— Não vamos conseguir! — disse Amy.

Eles estavam correndo na direção do portão 4, desviando dos outros passageiros.

— Acho que eles não encontraram o Rênulo e o Remo, né? — gritou Dan.

— Quem são Rênulo e Remo? — Amy perguntou.

— As espadas! Batizei as duas com o nome dos fundadores da Itália.

— *É Rômulo* e Remo — chiou Amy. — E eles fundaram Roma. E nunca mais diga essa palavra!

— Roma?

— Não... *e-s-p-a-d-a.* — Amy baixou a voz até virar um sussurro, enquanto eles entravam no fim de uma fila muito comprida. — Você quer que mandem a gente pra *c-a-d-e-i-a?*

— O-p-s.

— O-O-O-O... — Nellie cantava desafinada alguma música punk não identificável.

A fila pareceu durar umas 32 horas. A pior parte para Amy, como sempre, era tirar o colar de jade na hora de passar pelo raio X. Ela odiava se separar dele, mesmo que fosse por um minuto. Quando eles foram liberados, o relógio indicava 14h31. Os três dispararam por um corredor comprido rumo ao portão.

— Passageiros da Japan Airlines, voo 807 com destino a Tóquio, embarque no portão 4 — soou no alto-falante uma voz com sotaque carregado. — Tenham em mãos seus cartões de embarque e... *Arrrrrrrrivederci!*

Eles entraram no fim da fila, atrás de um garotinho fungão que virou e espirrou em cima de Nellie.

— *Eca*. Ô, educação! — ela reclamou, puxando a manga para enxugar o braço.

— Alguém viu meu cartão de embarque? — Dan perguntou, fuçando nos bolsos.

— Pega o meu — ofereceu Nellie. — Está coberto de ranho.

— Veja se não está dentro do seu livro — disse Amy, apontando para o volume enfiado no bolso de trás da calça de Dan.

Ele tirou uma cópia surrada de *Os maiores clássicos da comédia*, que havia encontrado no banco de trás do táxi a caminho do aeroporto. O cartão de embarque estava marcando a página 93.

— *Deu a louca no mundo* — disse Dan.

— Esse foi o comentário mais inteligente que você fez o dia inteiro.

— É o nome de um filme — retrucou. — Estou lendo sobre ele. A história é tão legal...

— Um passo à frente, por favor... Sejam bem-vindos! — trinou uma aeromoça loira animada, cujos fones de ouvido da Japan Airlines balançavam sempre que ela acenava a cabeça para cumprimentar um passageiro. Em seu crachá se lia I. RINALDI.

Nellie entregou o cartão de embarque e entrou no túnel de paredes sanfonadas que levava ao avião.

— Ei, crianças, qual é a dificuldade? — ela gritou por cima dos ombros.

Dan estendeu seu cartão para a aeromoça.

— É um filme muito engraçado. Tipo, vários comediantes das antigas

procurando um tesouro...

— Desculpa, ele tem problema — Amy justificou para a comissária, entregando o cartão e cutucando Dan para que andasse na direção do túnel.

Mas de repente a aeromoça Rinaldi entrou na frente deles, bloqueando o caminho.

— *Un momento* — ela pediu, tentando manter seu inabalável sorriso enquanto ouvia alguma coisa pelos fones de ouvido. — *Sì... ah, sì sì sì sì... buono* — ela respondeu no microfone.

Então, fazendo um gesto para Dan e Amy, a aeromoça declarou:

— Podem me acompanhar, por favor?

Enquanto os irmãos seguiam a moça até o canto do saguão, Amy tentou se controlar para não tremer. As espadas. Eles tinham encontrado as espadas.

Dan encarou Amy com olhos de cachorrinho pidão. Às vezes, só de olhar para o irmão ela sabia exatamente o que ele estava pensando.

Talvez fosse melhor a gente fugir, os olhos dele diziam.

Ah, é... pra onde?, ela respondeu em silêncio.

Vou ficar invisível usando meus poderes mentais de ninja, ele estava pensando.

Pra isso você precisaria TER um cérebro, ela lhe transmitiu.

Nellie espiou da entrada do túnel.

— Qual é o problema? — ela perguntou.

— É um procedimento-padrão — a senhorita Rinaldi anunciou, virando na direção de Amy e Dan. — Minha supervisora está dizendo que é a revista aleatória. Vocês, por favor, esperem aqui encostados na parede.

Ela saiu num passo apressado, levando os dois cartões de embarque, e desapareceu ao virar o corredor.

De dentro do túnel, outra aeromoça chamou a atenção de Nellie:

— Por favor, vá para o seu assento, meu bem. Não se preocupe, o avião não vai partir sem todos os passageiros estarem a bordo.

— Eu odeio aeroportos — Nellie revirou os olhos e virou-se na direção do avião. — Espero lá dentro. Vou guardar um saquinho de amendoim para vocês.

Quando Nellie desapareceu pelo corredor, Amy sussurrou:

— Eu sabia... Eles revistaram a sua sacola. Vão prender a gente e ligar

para a tia Beatrice, e nunca mais veremos a Nellie...

— Quer parar de ser tão pessimista? Vamos falar pra eles que outra pessoa pôs as esp... você-sabe-o-quê dentro da sacola. Nunca vimos elas na vida. Somos crianças. Eles sempre acreditam em crianças. E, além disso, talvez eles nem tenham revistado nossa bagagem. Talvez só estejam conferindo seu passaporte pra ter certeza de que podem deixar uma menina tão feia embarcar no avião...

Amy lhe deu uma cotovelada nas costelas.

— Última chamada para o embarque, voo 807 com destino a Tóquio, portão 4! — anunciou uma voz forte.

Uma terceira aeromoça estava colocando uma fita divisória, isolando a frente do túnel.

Amy ficou nervosa. Eles não segurariam o avião ali para sempre.

— A gente precisa achar aquela aeromoça... Rinaldi — ela decidiu. — Vamos!

Amy agarrou Dan pelo braço e os dois correram até o canto do saguão, virando no corredor.

Tum! Os irmãos trombaram com duas pessoas que estavam correndo em direção ao portão. Na colisão, Amy cambaleou para trás, perdendo o fôlego por um instante. Ela esbarrou em Dan, que por sua vez quase caiu no chão.

— Mas que...? — ele disse.

Os dois estranhos vestiam sobretudos pretos com as golas levantadas, escondendo seus rostos. Um deles calçava sapatos caros de executivo; a outra, tênis incrustados de pedras preciosas. Enquanto passavam empurrando Dan e Amy e acenando com os cartões de embarque, um deles gritou:

— Com licença!

Amy reconheceu a voz. Agarrou Dan e deu meia-volta. Os dois estavam afastando para o lado a fita divisória que impedia a passagem para o túnel.

— Peraí! — berrou Amy.

Um funcionário da empresa aérea também gritou com os dois estranhos, correndo para interceptá-los. Educadamente, os dois pararam e entregaram seus cartões de embarque. Ele examinou os tíquetes rapidamente, balançou a cabeça fazendo um sinal afirmativo e afastou a divisória.

— Boa viagem, Amy e Daniel — desejou o funcionário.

Os dois entraram no túnel e se voltaram para trás na mesma hora. Então eles baixaram as golas e sorriram.

Amy levou um susto ao ver os primos, seus maiores rivais na busca pelas 39 pistas, uma dupla cuja maldade só perdia para sua riqueza e astúcia.

— *Sayonara*, otários! — disseram em coro Ian e Natalie Kabra.

CAPÍTULO 2

— PEGUEM ELES! — DAN E AMY CORRERAM EM DIREÇÃO AO TÚNEL, gritando o mais alto que podiam.

Rapidamente o funcionário da empresa aérea barrou o caminho dos dois.

— Seus cartões de embarque, *per favore?* — ele pediu. Seu rosto era um misto de perplexidade e irritação.

Amy ficou olhando espantada, enquanto Ian e Natalie sumiam na sombra do túnel.

Os irmãos ouviram a porta do avião se fechar com um tum abafado.

— Eles... eles são os Kabra! — disse Dan. — Os Kabra são do mal. *Vilano, malvatto, Kabritos!* Eles vão fazer nossa au pair de refém!

Enquanto uma multidão de curiosos se formava em volta, o funcionário insistiu:

— Vocês não têm cartão de embarque?

Ele estava encarando Amy. Desesperado, Dan olhou de relance para ela, seus olhos gritando: Você é mais velha... faça alguma coisa!

Os pensamentos disparavam de um lado para o outro no cérebro de Amy. Como os Kabra podiam estar ali? Ela e Dan tinham abandonado os dois inconscientes, numa sala fumegante em Veneza. Quem os resgatara? Como eles tinham se recuperado tão rápido? Como tinham roubado as suas

passagens?

Todo mundo estava olhando para Amy. O aeroporto inteiro. Ela odiava quando as pessoas olhavam para ela. Odiava ainda mais quando isso envolvia ser humilhada pelos Kabra. Aqueles dois sempre estavam um passo à frente, sempre tinham uma pista na manga que os aproxima do segredo da família Cahill. Não importava o quanto Amy e Dan se esforçassem, os Kabra eram mais espertos, mais rápidos, mais descolados — e mais inescrupulosos. Agora, eles estavam fingindo ser Dan e Amy. Estavam prestes a emboscar uma au pair indefesa. Como Amy conseguiria expressar tudo isso em palavras? Ela abriu a boca para tentar falar, mas era pressão demais, olhos demais à sua volta. Era como se alguém tivesse dado um nó em suas cordas vocais. Não saía nada.

— Ceeerto, obrigado, Amy — disse Dan. — Hã, olha só, amigo... senhor... sabe aquelas pessoas? Os Kabra? Bom, na verdade eles são um menino e uma menina. Eles enganaram a gente, ok? Capisce? Nas passagens está escrito Cahill , e eles não são da família Cahill... quer dizer, tecnicamente são, mas é um clã diferente da família, eles são tipo Janus, quer dizer, Lucian, e a gente não sabe o que a gente é, quer dizer, de que clã a gente é, mas nós somos parentes... enfim, estamos meio envolvidos numa coisa, tipo mais ou menos uma briga pelo testamento da nossa vó, mas é uma história muito comprida e ALGUÉM PRECISA DETER AQUELES DOIS! AGORA!

— Sinto muito — disse o funcionário —, se vocês não têm cartões de...

Amy agarrou Dan pelo braço. Aquilo não ia levá-los a lugar algum. Precisavam encontrar a senhorita Rinaldi, ou a supervisora que a chamara pelo fone de ouvido. A tal supervisora devia ter mais autoridade que todos os outros funcionários. Talvez ainda houvesse uma chance. Talvez eles pudessem impedir o avião de decolar.

Ela e Dan correram outra vez para o canto do saguão e viraram no corredor. Passaram pelo lugar onde haviam colidido com os Kabra e logo saíram no corredor principal. Ao longe, viram uma fileira de lojas. À direita havia um armário de produtos de limpeza e uma porta de vidro onde estava escrito SOMENTE FUNCIONÁRIOS AUTORIZADOS.

À esquerda, um grupo de curiosos cercava a entrada do sanitário

feminino, de onde surgiram funcionários da equipe de emergência médica, carregando uma mulher numa maca. Policiais em disparada surgiram de todas as direções.

Era o caos. Puro pandemônio. Enquanto corria, Amy esforçou-se para olhar as pessoas amontoadas, na esperança de encontrar um rosto conhecido.

Lá estava.

Uma mecha de cabelos loiros, caídos por cima do ombro, atraiu os olhos de Amy para a direita.

— Dan, olhe!

— Ah, *agora* você abre a boca. Que foi?

Uma mulher alta, vestindo um uniforme da Japan Airlines que parecia um número maior que o dela, abria caminho discretamente entre a multidão.

A visão daquela figura tão conhecida foi o suficiente para acionar o volume máximo da voz de Amy:

— IRINA! — ela gritou.

Irina Spasky era inconfundível: porte militar duro e ombros que se moviam como lâminas conforme ela andava. Outra Cahill decidida a encontrar as pistas. Assim como Ian e Natalie, era inescrupulosa. Diferentemente de Ian e Natalie, era uma espiã treinada pela KGB.

Irina não se virou. Não demonstrou nenhum sinal de ter escutado Amy, a não ser pela velocidade do passo, que acelerou um pouco.

Então ela sumiu na multidão, como se nunca tivesse estado ali.

— Prendam essa mulher! — Dan disparou para a frente, quase trombando com um homem de cara azeda numa cadeira de rodas.

— *Polizia!* — o homem gritou, levantando a bengala como se fosse dar uma cacetada na cabeça de Dan.

Dan se agachou. Amy o puxou para longe, tentando ficar de olho em Irina. Os irmãos foram avançando, abrindo caminho entre os passageiros às cotoveladas.

Quando conseguiram chegar a uma área menos tumultuada, perto da ponta do terminal, Irina já tinha sumido de vista.

— Ela desapareceu — falou Dan.

— Não... não acredito — Amy disse, recuperando o fôlego. — Ela estava

colaborando com Ian e Natalie. Eles agiram juntos para sabotar a gente.

— Tem *certeza* de que era ela? — perguntou Dan. — Afinal, como a Irina ia conseguir arranjar aquele uniforme?

Antes que ele pudesse concluir a pergunta, uma voz anunciou algo em italiano pelo megafone, e a multidão abriu passagem. Uma pequena ambulância entrou no aeroporto com a sirene berrando.

Ouviram-se murmúrios em meio ao tumulto, a maioria em línguas que Amy desconhecia. Ela avistou um casal com óculos escuros, câmeras no pescoço, camisas havaianas horrendas e expressões entediadas.

— Olha, Dan... são americanos. Vamos escutar o que eles estão falando.

Os dois se aproximaram até conseguir ouvir pedaços das conversas. As pessoas estavam falando sobre a mulher na maca.

Dan parecia confuso.

— Ela foi aquecida no banheiro feminino?

— *Agredida* — disse Amy. — Essa devia ser a tal supervisora, Dan! Irina nocauteou a mulher e roubou o uniforme dela.

— Uau — respondeu Dan, quase impressionado.

Amy olhou de relance pela janela e viu o avião se afastando lentamente do portão 4 e indo em direção à pista de decolagem.

Eles estavam indo embora. O túnel havia sido recolhido, e a nave estava taxiando na pista.

Amy entrou em pânico.

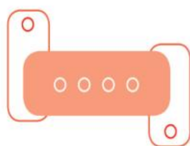
— Não olhe agora, mas eles estão indo embora!

— Cadê a porta? Ainda podemos correr atrás deles!

— Certo. Você corre atrás deles, Dan. Enquanto isso, vou tentar convencê-los a me levar no próximo voo... passagem para uma pessoa, enquanto seus restos mortais são retirados da turbina do avião para dentro da qual você foi sugado. — Amy começou a correr, dessa vez na direção do balcão de reservas. — Ou você pode vir comigo!

Lá fora, as janelas do avião eram buracos negros prateados ao longe. Amy sabia que atrás de uma delas estava Nellie, numa situação que nenhum ser humano deveria ter que enfrentar.

Ela estava sozinha com os Kabra.



Amy, seguida por Dan, passou pelo posto de segurança apinhado de gente e caminhou até o balcão de reservas. A fila para comprar passagens dava no mínimo três voltas, e eles tomaram lugar no final dela.

Os irmãos trocaram um olhar silencioso. Amy sabia que Dan estava pensando exatamente o mesmo que ela. Ele deu um suspiro, e seu olhar entristecido vagou lentamente pela esteira rolante.

— Saladin também está no avião — lembrou Dan. — E nossas espadas.

Amy lutou contra a vontade de se jogar no chão e chorar. Bem ali, no meio do terminal. Tudo estava dando errado. Fazia sete anos que eles estavam em uma maré de azar, desde que seus pais haviam morrido num incêndio. Como eles conseguiriam fazer aquilo sozinhos? Os Kabra tinham dinheiro e o apoio dos pais para o que quer que fizessem. Além disso, tinham feito uma parceria com Irina. Os Holt eram uma família inteira. Jonah Wizard tinha o pai para planejar cada instante da sua vida. Eram Amy e Dan contra... famílias. Equipes. Gerações. Eles não tinham a menor chance.

Se ao menos Grace tivesse lhes contado antes, na época em que a mãe e o pai ainda estavam vivos... Se ao menos os dois estivessem vivos agora!

Pensar nos pais só fez Amy se sentir pior. Ela vinha sonhando com eles toda noite. De vez em quando enxergava seus rostos — sorridentes, confiantes, bondosos. Sentia a aprovação, a reprovação, o orgulho deles quando ela fazia alguma coisa certa. Eles apareciam ali na mente dela e então... pluft! Sumiam. E novamente Amy sofria o sentimento de perda.

— Amy? — Dan a chamou, intrigado. E lá estavam os pais dela... de novo. Nos olhos do tonto do seu irmão. Não seus rostos exatamente, mas eles. Olhando para ela, como se tivessem se apoderado dos traços de Dan por um instante. Coisa que nenhuma outra pessoa em sã consciência faria, pensou Amy.

Naquele instante, ela soube exatamente qual era a coisa certa a ser feita.

— Tem um voo saindo às 17h10 — Amy disse, lendo o telão luminoso que mostrava os horários das partidas. — A segurança de Nellie está em jogo. Precisamos ir atrás dela.

— É isso aí! Retroceder nunca, render-se jamais! — comemorou Dan. — Então... Você tem alguma ideia de como vamos pagar as passagens?

PÉÉÉM! PÉÉÉM! PÉÉÉM! PÉÉÉM!

Um alarme fez o terminal tremer, interrompendo todas as conversas. Conforme soava um anúncio sucinto, primeiro em italiano, depois em francês, por fim em alemão, as pessoas se encaminhavam para a entrada. Até que finalmente:

— *Senhoras e senhores, dirijam-se imediatamente para a saída mais próxima. Este terminal será evacuado por motivos de segurança.*

Um grito cortou o ar, e as pessoas começaram a correr desesperadas, trombando umas nas outras. Amy se lançou para a porta, puxando o irmão, enquanto ouvia trechos de conversas ao redor deles, algumas delas em inglês:

— Ameaça de bomba...

— Terroristas...

— Telefonema anônimo...

Os irmãos alcançaram a porta e abriram caminho aos empurrões. O dia tinha ficado cinza, no entanto as ruas sinuosas que davam acesso ao aeroporto estavam pontilhadas de faróis dos veículos que se aproximavam. Passageiros apinhavam a calçada, gritando em celulares, lançando-se na direção de ônibus e táxis. Dan e Amy, em meio àquele amontoado de corpos, seguiram até o meio-fio, onde os últimos integrantes de um grupo tinham entrado num ônibus.

A porta do veículo se fechou na cara deles e ele partiu cuspindo fumaça, avançando barulhento pela rua entupida de automóveis. Dan saiu correndo atrás, esmurrando a janela.

— Pare! *Tarantella!*

— *Tarantella?* — Amy perguntou com espanto.

— Meu vocabulário em italiano é limitado! — gritou Dan. — *Lasanha! Ravioli! Buon giorno! Gucci!*

Uma limusine preta deu uma freada estridente a alguns centímetros de

distância, quase acertando Amy.

— *Gucci.* Eu sabia que isso ia funcionar! — comemorou Dan.

O vidro fumê do lado do motorista se abriu, e um homem de óculos escuros e bigode grosso fez um gesto calmo, pedindo que entrassem.

Amy abriu a porta de trás e pulou para dentro do carro, puxando o irmão para que ele entrasse também.

— Ei! — gritou outro passageiro enlouquecido, enquanto tirava do bolso um maço de notas e o sacudia diante da cara do motorista pela janela.

Dan fechou a porta, e três pessoas pularam em cima do carro, esmurrando e gritando. O motorista virou o rosto para a frente e fechou a janela, quase amputando o braço do homem que tinha chacoalhado o maço de notas.

— Valeu, amigo — Dan disse para o motorista. — Ou *gracias*, ou... enfim.

— Nój vamoj para outra aeroportov? — o homem perguntou com um forte sotaque, que não parecia italiano.

— Tem outro aeroporto? — disse Dan.

— Para navej pequenov — respondeu o homem.

— Mas... — gaguejou Amy. — Nós não temos din...

Dan cutucou a irmã nas costas.

— Tenho que falar a verdade pra ele — sussurrou Amy.

Dan cutucou outra vez.

Amy olhou feio para o irmão.

— Dá pra parar de...?

Foi só então que ela viu a outra pessoa que estava sentada no banco de trás. Um homem asiático, com um sorriso plácido, vestindo um terno de seda com luvas brancas e um chapéu-coco.

— Saudações, meus ardilosos parentes — ronronou Alistair Oh.

CAPÍTULO 3

O PAI DE ALISTAIR COSTUMAVA DIZER QUE TODO MEMBRO DA FAMÍLIA Oh em algum momento da vida revelava uma surpresa.

Não que Alistair de fato se lembrasse do pai dizendo isso, considerando que era apenas uma criança quando ele morreu. Porém, era um traço da família Oh enfeitar a realidade dando a ela um toque de lenda.

O silêncio hostil dos irmãos Cahill deixou Alistair perplexo. Ele tinha imaginado que os dois iam gostar daquela surpresa.

Vrom... Vrom... iééé

Conforme Serge esterçava o volante, forçando o carro a entrar em espaços nos quais nenhum ser humano normal ousaria tentar, as crianças eram jogadas de um lado para o outro. Elas pareciam ter nojo de encostar em Alistair ou até mesmo de olhar para ele, como se fosse aspargo cozido ou alguma outra coisa desagradável. Como se ele não tivesse acabado de arrancá-las das garras do caos para colocá-las de volta no caminho que tinham escolhido. Alistair tentou lançar-lhes um sorriso reconfortante. Tinha pena dos irmãos Cahill. Pareciam tão pequenos, tão assustados, tão sozinhos.

Ele entendia aquela sensação. Mais do que Amy e Dan poderiam imaginar.

— Sabem uma coija? — gritou Serge por cima da algazarra de buzinas furiosas. — Eu também ter filhaj... garota de catchorze e meninio de onze!

Pois é! Verdade. Elej moram na Moscou!

Alistair ficou de olho em Dan, que parecia bastante enjoado. O menino tentou abrir a porta umas vinte vezes em dois minutos. Por sorte, Alistair tomara a precaução de ativar as travas de segurança.

— Não insista, por favor. Você só vai conseguir uma tendinite se continuar tentando. Além disso, estou ficando tenso, preocupado com a sua segurança.

— Então você estava por trás disso tudo, não é? — perguntou Dan. — Com os Kabra e Irina. E a ameaça de bomba. Você está colaborando com eles agora.

Alistair franziu o rosto. Ele sabia que seria difícil conquistar a confiança dos dois. Era de se esperar que fizessem acusações infundadas. Sabia que as crianças haviam guardado rancor, o que era compreensível. Abandoná-los numa casa em chamas no dia da leitura do testamento fora uma infeliz necessidade..., mas também um erro pessoal e estratégico. Um erro do qual ele se arrependia profundamente.

— Acredite, meu caro sobrinho, não faço a mínima ideia...

— Acreditar em você? — respondeu Dan, virando o rosto para encará-lo. — Vejamos. Você nos abandonou quando a casa de Grace estava desmoronando à nossa volta. Você plantou um rastreador no Saladin...

— Rastreador? *Isto?* — Alistair pôs a mão no bolso e tirou um aparelho eletrônico do tamanho de um alfinete de lapela. — Acredito que foram vocês que plantaram isto em mim. No museu em Salzburgo, enquanto eu estava cochilando.

— Você m-m-mereceu, tio Alistair — gaguejou Amy, nervosa. — Foi você que escondeu isso na coleira do Saladin af-f-flnal.

—Também não, minha querida — Alistair respondeu com um sorriso caloroso, tentando acalmar os nervos da menina. — Alguma outra pessoa estava rastreando vocês. Não eu. Lembrem-se de que muitos outros membros da família estão competindo pelas pistas. Eu estou do lado de vocês. Como vocês sabem, acredito na Cooperação.

—Ah, sim! — Dan retrucou. — Você deveria contar essa em um concurso de piadas.

Paciência. Sempre paciência. Alistair repousou no colo suas mãos com luvas brancas.

Pensem em quem justamente salvou vocês hoje. E quem, em muito pouco tempo, conseguiu, além de encontrá-los, conceber uma estratégia de fuga. Considerem ainda que, de brinde, estou prestes a levá-los para onde precisam ir, seja onde for. Em um avião particular. Tudo isso, e só peço uma coisa em troca: que vocês me digam para onde estão indo. O que, na presente circunstância, chega a ser mais uma necessidade que uma opção.

—Você tem seu próprio av-vião? — perguntou Amy.

Alistair deu um sorriso modesto.

— Bem, não é meu. Mas ainda tenho contatos comerciais, favores que posso cobrar em situações de emergência. Ser o inventor dos burritos para micro-ondas traz algumas vantagens financeiras.

— Nój ter um eshtoque de burritoj no aviom! — disse Serge. — Carne, franga, quiejo...

O bom e velho Serge. A experiência ensinara aos dois homens a importância do lema da empresa Oh: "O melhor jeito de conquistar o coração de um jovem é oferecendo comida de micro-ondas".

Amy soltou um suspiro.

— Ok. Se entrarmos nesse avião... se nós concordarmos, que garantia teremos de que...

— *Amy!* — explodiu Dan. — Nem sonhando! Só tem um jeito de a gente fazer isso, e é sozinhos.

Amy olhou feio para o irmão.

— Ah, então nós vamos para o Japão a nado? Deixa a gente num shopping, tio Alistair. Preciso comprar um pé de pato. Daqueles bem grandes. Com repelente contra tubarões famintos.

Dan rosnou.

— Você disse a palavra que começa com J, Amy! Você contou pra ele!

— Que escolha nós temos, Dan? Eles estão com Nellie e Saladin e nossas...

Amy parou no meio da frase. Alistair lançou-lhe um olhar de incentivo. A coitadinha até que estava progredindo rápido no esforço para superar a

timidez.

— Suas...? — ele indagou.

— Nossas... malas — ela respondeu.

Alistair assentiu com a cabeça. *Japão.* Excelente. Então era lá que estaria a próxima pista. Uma feliz reviravolta. Ele se inclinou para falar com o motorista.

— Temos condições de ir para o Japão, Serge?

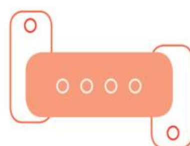
O motorista deu de ombros.

— Bom, ser um longo viashem. Precisia parar pra abajtecer no meio do caminio. Na Moscou. Vou avisar. Quando nój pararmoj lá, vocêj podem coniecer meuj filhov: Kolya e Tinatchka!

— Ora, Serge, por favor — disse Alistair. — O motivo da viagem não é a socialização.

Serge soltou uma risada gutural.

— Kolya e Tinatchka não ser socialistas



Dan olhou feio para a irmã. Espadas, ela estivera prestes a dizer. Eles estão com Nellie e Saladin e nossas espadas. Pelo menos ela conseguira fechar o bico daquela vez. Falar para a velha raposa aonde eles estavam indo era uma coisa. Entregar a pista de bandeja era outra. Algumas coisas precisavam permanecer em segredo. Até a burronilda da Amy sabia disso.

Então ele reconheceu o olhar no rosto de Amy. Era mais que o desprezo normal, mais que as variações costumeiras de idiota e não, não é hora de comer. Aquele olhar dizia: Se você estragar tudo, eu te mato.

Que era exatamente o modo como ele estava se sentindo naquele momento.

Alistair pôs a mão no bolso e tirou dois pequenos aparelhos eletrônicos, que entregou para Dan e Amy com falsa jovialidade, como um mordomo

demente fingindo ser o Papai Noel.

— São aparelhos de GPS de última tecnologia. Conectem nos seus celulares, como eu fiz com o meu. Ainda não descobri como criptografar o sinal em 128 bits, mas a criptografia-padrão já deve bastar. O que importa é que, quando chegarmos ao Japão, não poderemos nos perder uns dos outros.

Enquanto isso, Serge mostrava a carteira de identificação para um guarda num portão. A limusine pegou uma rua estreita que levava a um minúsculo aeroporto. Eles passaram por vários aviões pequenos e pararam perto de um hangar comprido, aberto.

Serge saiu do carro depressa e abriu a porta do passageiro. Com um sorriso radiante, fez um gesto grandioso na direção do hangar.

— Digam oi pra meu querida Ludmila.

— "Outro" filha? — perguntou Dan. — Quantos você tem?

O menino olhou para os dois lados. O lugar parecia vazio, a não ser por uns poucos jatos pequenos e pela presença de alguns tripulantes parrudos, de barba por fazer. Nenhum deles parecia se chamar Ludmila.

— Não estou vendo ela — Amy falou numa voz tímida.

Mas Dan não ouviu, distraído por um clarão prateado. Um jato absurdamente brilhante surgiu no hangar. Tinha janelas escuras, um formato que parecia uma faca e um cockpit aberto que parecia dizer: *Entre e dê o passeio mais emocionante da sua vida.*

— Esta... — disse Serge, quando o jato parou na frente deles — ... ser Ludmila.

CAPÍTULO 4

AS PALAVRAS CLASSE ECONÔMICA ESCRITAS NA PASSAGEM deixavam claro a Natalie que ela não deveria esperar por bancos de couro e tratamento VIP. Mas ela também não imaginava que poderiam significar "assentos minúsculos e duros, na companhia de uma porca".

Não era tanto pela atitude da babá, que, por sinal, era detestável. Nem pelas tatuagens e piercings, que algum dia ainda lhe trariam graves problemas no emprego. Quer dizer, isso caso algum dia ela conseguisse arranjar um emprego de verdade. Não foi nem pela grosseria da moça ao avistar Natalie e o irmão. Certamente, naquelas circunstâncias, não eram esperadas saudações acolhedoras e abraços fortes, mas a enxurrada de xingamentos animalescos foi um pouco, digamos, deselegante. Para dizer o mínimo.

No entanto, tudo aquilo era esperado de uma pessoa da classe social de Nellie. E Natalie e lan eram capazes de tolerar as grosserias. Alguns sacrifícios eram necessários para conseguir as informações de que precisavam.

Na verdade, a pior parte foi a sujeira. Os papéis de bala e as migalhas de batata frita espalhados por todos os lados, a mochila jogada no chão entre os pés dela, em vez de acomodada embaixo do assento da frente. O hábito irritante de enfiar punhados de salgadinhos na boca e falar enquanto mastigava. Terrível. *Hábitos desleixados formam uma mente desleixada,* dizia o velho

ditado da família Kabra. Ou talvez fosse de algum livro de citações. Natalie não tinha muita certeza.

Ela contraiu o rosto enquanto a repugnante babá falava com a boca cheia de comida.

— Choiman... chodchalar ufififer, ochech nhanvan fe fafar defa! — disse Nellie, cuspindo pedacinhos de amendoim e biscoito pelos cantos da boca.

O irmão de Natalie, lan, retirou uma migalha de seus impecáveis cabelos negros.

— Engula, por favor, e repita.

Nellie engoliu com esforço.

— Foi mal... Podem falar o que quiserem, vocês não vão se safar dessa!

— Oh! — lan passou os olhos pelo avião lotado. — Por acaso estou vendo alguém com pena de você? Hum... não. O que você acha, Natalie? Será que vamos nos safar dessa?

— Você pode fazer do jeito fácil, ou seja, respondendo a uma simples pergunta — pressionou Natalie.

Eles já tinham perguntado a mesma coisa para Nellie umas dez vezes, e as respostas foram ficando cada vez mais agressivas. Mas ela ia aprender. Ia entender o que era melhor para ela. E, se não entendesse, bem, os Kabra dispunham de outros métodos. — Vou perguntar pela última vez: por que estamos indo para o Japão?

Nellie tirou uma revista da bolsa do assento à sua frente, derrubando em lan um par de fones de ouvido e vários lenços de papel usados. Ele deu um pulo e mal conseguiu disfarçar um *argh* de nojo.

— Porque eu amo sudoku. E os melhores sudokus estão sempre nos voos para o Japão, obviamente. Vocês não entendem nada.

— Café, chá, um salgadinho, ou alguma outra coisa que eu possa fazer para tornar este o melhor voo da sua vida? — trinou uma aeromoça, que se aproximava devagar pelo corredor.

— Um refrigerante e um mandado de polícia, por favor — pediu Nellie. — Porque esses dois não têm direito de estarem sentados aqui, e estão me incomodando.

lan soltou uma risada calorosa.

— Hahá! Ah, prima Nell, você sempre me mata de rir com suas piadas e diabruras. Não é mesmo... Amy?

— Pois é, Daniel — respondeu Natalie. — É sempre assim lá na nossa cidade. Em... Homedale.

— Oh, que convincente. Tem algum policial a bordo? Porque, se não tiver, quero ordenar uma prisão civil. Dá pra fazer isso na Itália, ou seja lá onde estivermos?

Com um sorriso desconfortável, a comissária se curvou e colocou um refrigerante na bandeja de Nellie. Quando se levantou, Natalie virou para a funcionária confusa e fez círculos com o dedo em volta da orelha, num gesto sutil de ela é doida.

Do lado de fora, relâmpagos se alastravam no céu. O avião de repente começou a sacudir.

— Senhoras e senhores, estamos enfrentando uma pequena turbulência — informou o piloto pelo alto-falante.

A aeromoça empurrava o carrinho de volta pelo corredor, pedindo em voz alta aos passageiros:

— Por favor, retornem seus assentos à posição vertical.

lan deu um gemido.

— Eu... não estou me sentindo muito bem...

Quando ele se debruçou para a frente, com o rosto meio esverdeado, foi a vez de Nellie se assustar.

Natalie sorriu. Ela e lan tinham planejado aquilo. Certos sinais para certas situações. Os Kabra eram mestres em planejamentos minuciosos. A farsa de lan só podia significar uma coisa, e Natalie sabia exatamente o que fazer naquele caso.

Mesmo assim, ela não conseguia deixar de sentir pena da garota. Por baixo daquela vulgaridade havia uma faísca de atitude e espírito. Em outras circunstâncias em outra ocasião, ela daria uma boa funcionária para os Kabra.

— Ah, você não vai vomitar, vai? — perguntou Nellie. — Porque eu odeio ver vômito.

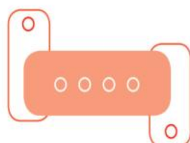
Ela se debruçou vasculhando entre os detritos no chão, à procura de um saquinho para enjoo.

Pronto.

Quando Nellie estava olhando para o outro lado, Natalie colocou a mão no bolso e tirou um pequeno vidro com um líquido escuro dentro. Com um movimento ágil, levou o frasco lentamente até o refrigerante de Nellie. Duas gotas eram suficientes.

A nave sacolejou outra vez, assustando Natalie, que derrubou todo o conteúdo do frasco dentro do refrigerante.

Ops.



O toque de um telefone despertou Dan de um sono profundo.

A primeira coisa que ele notou foi a mão de Amy, pálida, agarrando com força o descanso de braço.

— Não sei como você consegue dormir numa hora dessas... — ela disse entredentes.

O pequeno jato se inclinou para a esquerda, fazendo Amy deixar escapar um grito.

— Legal! Faz isso de novo, Serge! — pediu Dan.

O piloto deu risada.

— Você gojtar?

— Não! — gritou Amy.

Alistair estava penando para ouvir o telefone.

— Quem é? — Ele fez um gesto para que todos ficassem quietos. — Irina?

Amy soltou um resmungo.

— Sim, eles escaparam — Alistair disse em voz alta.

— Estão comigo, sãos e salvos... O quê? Você disse Japão? Alistair deu uma gargalhada. — Oh, minha querida. Você acreditou... você realmente acreditou que não foi de propósito que Dan e Amy deixaram os irmãos Kabra pegar as passagens deles? Que eles não instruíram a babá de propósito para embarcar no avião como isca... Puxa vida. Oh, que pândega... não, não, não,

Irina... O quê? A ligação está cortada. Talvez você tenha me entendido mal. Sim, É CLARO QUE OS IRMÃOS CAHILL ESTÃO INDO PARA O JAPÃO. É EXATAMENTE ISSO. Adeus, querida.

— Hã... O que foi essa conversa? — perguntou Dan.

Alistair sorriu.

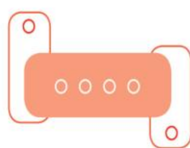
— Eu conheço Irina muito bem. Agora ela está convencida de que vocês é que enganaram os Kabra, e não o contrário. E acreditem: depois do que eu acabei de dizer, o Japão é o último lugar do mundo onde ela procuraria vocês...

— Espere. Você acha que a convenceu? — perguntou Dan. — É... não se ofenda, mas sua mentira me pareceu bem fraquinha.

— Posso ter fracassado em alguns pontos da minha vida, mas sou muito sagaz como observador de pessoas. Sei exatamente o que funciona com Irina Spasky.

Amy virou a cabeça na direção de Alistair, com o rosto quase sem cor. Ele era inteligente em diversos aspectos, mas era um pouco antiquado. E tinha deixado passar despercebida uma coisa incrivelmente óbvia.

— Não... não tenha tanta certeza... — Amy disse.



A voz do piloto, em russo, pediu a liberação da pista, que logo foi concedida.

Inclinando-se para a direita, o jato foi lentamente perdendo altitude em direção a um pequeno aeroporto na periferia de Moscou. Naquela paisagem seca, árida, a faixa de aterrissagem era uma mancha cinzenta, fantasmagórica.

Os dedos da única passageira seguraram o descanso de braço enquanto as rodas do avião batiam com força no chão. A aterrissagem era sempre mais brusca do que ela esperava.

Quando o jato desacelerou, taxiando na pista, ela olhou para uma aeronave prateada, brilhante, que estava sendo reabastecida. Impressionante.

— Pare aqui — ordenou Irina.

Ela podia ver o velho, mancando com sua bengala. Estava todo aprumado e alinhado, como sempre. O chapéu-coco e os óculos de sol davam

um toque sutil de elegância. Trina gostava de homens tradicionais, que não eram escravos da moda. Naquele dia, as roupas dele pareciam um pouco apertadas, mas, com todo aquele estresse da busca às pistas, quem não tinha ganhado alguns quilinhos?

Um minuto depois, os diabretes apareceram, embrulhados em sobretudos e chapéus. Protegidos, como sempre. Primeiro por Grace Cahill, agora pelo tio. Ela nunca conseguira entender por que Alistair vendera a alma para aqueles dois. Algum dia ele ia aprender.

Eles vão trair você, Alistair, ela pensou*, a não ser que você os traia primeiro.*

Trina sorriu. Pensar nas fraquezas humanas sempre levantava seu ânimo após uma longa viagem. Nos seus bons tempos de KGB, havia aprendido sobre tantas variedades interessantes de traição: chantagem, manipulação, sedução, dupla espionagem.

Equipes... bah!, ela pensou. Era inútil formar equipes para descobrir as 39 pistas. Com um segredo tão poderoso em jogo, a inveja é inevitável e nenhuma aliança sobreviverá. Ela encontraria as pistas sozinha. Sem a ajuda de riquinhos preguiçosos, magnatas decadentes da indústria alimentícia ou de órfãos choramingões. Para eles, os amadores, aquele jogo era um mistério. Mas não para Trina. Ela sabia que o prêmio merecia ficar com a pessoa que mais perdera na vida. Com a loba solitária em busca de justiça. E vingança.

O trio atravessou a pista e embarcou no jato. Irina se recostou no assento, olhando de relance para o celular, que ainda mostrava as coordenadas de GPS e o nome da última pessoa para quem ela tinha ligado: OH, ALISTAIR.

— Oh, Alistair... pois é — ela murmurou. — Você está facilitando demais essa perseguição...

— *Chto?* — perguntou em russo o piloto, pedindo orientações.

— Siga-os, Alexander.

Ele acionou a alavanca e o motor do avião despertou com um ruído. À frente deles, a nave prateada estava começando a se posicionar para a decolagem.

Finalmente ela ia descobrir se Alistair tinha falado a verdade sobre o destino dos irmãos Cahill.

Ela sorriu. Ninguém jamais fazia Trina Spasky de boba.

CAPÍTULO 5

O IRMÃO DE AMY NUNCA FICAVA À VONTADE NUM LUGAR enquanto não tivesse feito alguma coisa sem noção. Em Tóquio, isso aconteceu logo na manhã após a chegada deles ao Hotel Muito Obrigado.

— Dan, você não pode simplesmente pegar uma coisa! Isso é roubar — disse Amy, vendo o esforço do irmão para enfiar um cinzeiro do hotel no bolso de trás da calça.

— Eles nem vão perceber que sumiu! — protestou Dan. — Preciso disto para a minha coleção.

Dan colecionava tudo. Qualquer objeto que coubesse dentro de casa e não estivesse acorrentado ao chão servia para alguma de suas coleções.

— Sua irmã ter razão — advertiu o tio Alistair numa voz severa, parando para se apoiar na bengala a caminho da porta de entrada. Ele cheirava a loção pós-barba e talco. No trajeto entre o aeroporto e o hotel, ele comprara roupas novas para Amy e Dan e insistira para que eles se refrescassem e dormissem bastante.

Amy não tinha dormido nem um nanossegundo. Primeiro, porque estava nervosa. Segundo, porque Dan ficava resmungando *Prrr* enquanto dormia. Ele estava mesmo sentindo o falta de Saladin.

Mas isso não refreara sua obsessão por colecionar coisas. Amy estendeu a mão. Relutante, Dan colocou o cinzeiro nela.

— Está bem, mas então você pode me arranjar uns fósforos do Hotel Muito Obrigado? — ele perguntou.

Amy pôs o cinzeiro de volta numa mesa do saguão, enquanto Dan se arrastava atrás dela. Eles ainda não conseguiam pronunciar o nome verdadeiro do hotel, por isso tinham lhe dado aquele apelido, porque era a única coisa que todos os funcionários diziam para eles. Amy pegou uma carteira de fósforos do balcão da frente e sorriu para o recepcionista.

— Muito obrigado! — o homem disse.

Enquanto eles se encaminhavam para a porta, Dan avistou Alistair, que estava olhando distraidamente em outra direção.

— Vamos fugir — murmurou Dan. — Temos que encontrar o resto da equipe. Nellie e Saladin.

— Você está maluco? — Amy sussurrou de volta. — O tio Alistair pagou pela nossa estada no hotel. Ele sabe falar japonês e vai ajudar a gente a se orientar na cidade.

— Você gosta dele! — Dan disse, horrorizado. — Ele conseguiu convencer você!

Amy ficou ofendida.

— Eu não gosto e nem confio nele. Mas sem ele estamos perdidos, Dan. Por isso precisamos fingir, pelo menos até Nellie nos encontrar.

— Ou a gente encontrar ela! — Dan resmungou enquanto iam ao encontro de Alistair na entrada do hotel. Juntos, eles saíram para um dia quente e ensolarado. Do lado esquerdo, pessoas fantasiadas de heróis de mangá cumprimentavam os consumidores na frente de um shopping reluzente, de vários andares. O cheiro de alguma flor estranha vinha de um parque, que ficava do outro lado de uma rua apinhada, repleta de carros e bicicletas. Amy achou Tóquio parecida com Nova York, mas sem as pessoas gritando umas com as outras.

Os olhos de Dan se voltaram para o alto, mirando uma estrutura de aço que se erguia acima do parque.

— Legal, alguém trouxe a Torre Eiffel pra cá e pintou ela de vermelho e branco!

Alistair sorriu.

— A Torre de Tóquio é mais alta que a torre parisiense, mas também é mais leve, graças aos avanços na construção siderúrgica. Avanços que, aliás, foram desenvolvidos por um engenheiro dos Ekaterina. Minha ilustre família. E estão vendo aquela torre residencial alta, com os lados curvos? Ela sugere uma flor japonesa encontrada em abundância no parque Shiba. É obra de um arquiteto Janus...

— Peraí, esse parque tem flores de aço? — perguntou Dan.

— Eu conheço alguém com cérebro de lata — respondeu Amy, virando-se em seguida para Alistair. — Como você sabe tanto sobre seu clã?

— Algum dia vou lhes mostrar minha coleção. Mas, por enquanto, vamos nos concentrar na tarefa que temos em mãos. São dez minutos de táxi até a Biblioteca Metropolitana.

— Biblioteca. Oba. Mal posso esperar — disse Dan, distraído, mexendo na carteira de fósforos. — Ah, tive uma ideia. Vocês dois vão na frente. Enquanto isso, eu vou comprar sushi de salmão e pegar um táxi até o aeroporto. Encontro vocês depois.

— Por que você acha que Saladin está no aeroporto? — perguntou Alistair, andando em direção à rua.

— Imagino duas hipóteses. Primeira: os Kabra fizeram uma lavagem cerebral em Nellie e estão percorrendo a cidade com ela, tentando encontrar a gente. Segunda: Nellie conseguiu dominar os Kabras com avançadas técnicas de ninja que ela absorveu de mim por telepatia sem perceber. Particularmente estou apostando na primeira. Seja como for, o Saladin deve... — O rosto de Dan se turvou. — Eu... não consigo parar de pensar nele, ainda naquela esteira rolante, dando um montão de voltas...

— Eu sei que vocês amam seu bicho de estimação. Mas precisam pensar primeiro na sua segurança. Os Kabra já devem estar esperando que vocês venham para o Japão. Provavelmente também estejam imaginando que vão aparecer no aeroporto em busca do seu querido felino e da sua babá...

— *Au pair* — Dan corrigiu.

— Vocês não podem correr o risco de cair numa armadilha — concluiu Alistair.

Amy também estava aflita por não saber onde Nellie e Saladin estavam.

Ela estava tentando falar com Nellie no celular desde que haviam chegado. Odiava ter de impedir que Dan fosse atrás deles. Mas o conselho de Alistair fazia sentido.

— Conhecendo Natalie e lan — disse Amy, seguindo Alistair em direção a um ponto de táxi —, eles vão encontrar a gente.

— Mas... — protestou Dan.

— Temos que seguir em frente — decidiu a menina. — Nellie sabe se virar.

Dan deu um suspiro.

— Saladin também, eu acho. Ele é gato, vai se virar até melhor...

Enquanto os três atravessavam a praça, Dan não parava de acender fósforos, para em seguida assoprá-los.

— Dá pra parar com isso? pediu Amy.

— Por quê? — quis saber Dan, acendendo outro fósforo. — É divertido. Assim não fico pensando que estamos aqui, ignorando as duas únicas pessoas de quem a gente gosta de verdade, e que estamos no país dos ninjas e do Godzilla e de artes marciais maneiríssimas, e que vamos desperdiçar outro dia numa biblioteca.

Ao se aproximar de um táxi, Alistair disse alguma coisa para o motorista num japonês fluente, rápido, e fez sinal para que Amy e Dan entrassem no veículo.

Eles aceleraram entre os automóveis, passando por vários prédios modernos de aço, e de vez em quando por um antigo pagode decorado, rodeado de jardins.

— Por que a gente não pode ficar num desses chalés? — perguntou Dan.

— São templos antigos — respondeu Alistair. — Vocês vão ver outros desses quando chegarmos mais perto do lugar aonde estamos indo, O ditador militar, que aqui no Japão era chamado de xogum, ordenou que todos os templos fossem transferidos para cá. Naquela época, a região de Roppongi era um posto avançado da capital, que então se chamava Edo. Parte da área era um território de caça para o xogunato.

— Fascinante — exclamou Amy. Ela adorava aprender sobre as origens das cidades.

Dan concordou com a cabeça, olhando desanimado pela janela.

— Acho que eu acabei de ver uma celebridade.

O celular de Alistair tocou.

— Alô...? Sim... ah, muito bom, Serge. Ela o *quê?* Ora, ora, que curioso... Ah! Muito bem. E muito obrigado. *Da. Da svidanya!* — Ele guardou o telefone e virou-se para Dan e Amy. — Serge está em segurança na Sibéria com os dois filhos. Irina caiu no truque como uma patinha russa. Pensou que eles eram nós. Quando percebeu que tinha sido ludibriada, começou a disparar palavrões que deixaram até Serge constrangido.

— Legal! — vibrou Dan, comemorando com a irmã e o tio.

— Preciso agradecer a você, Amy — disse Alistair, com um sorriso radiante. — Agi como um amador ao não pensar que Irina podia estar nos rastreando pelo GPS do celular!

—Eu pensei nisso, tipo, naquela hora — comentou Dan num tom de modéstia. — Não falei nada porque sou mais tímido.

Amy revirou os olhos.

— E eu sou a rainha da Inglaterra.

— É verdade, você é mesmo enrugada e chata.

Dan desviou antes que Amy conseguisse dar um tabefe nele.

O táxi logo parou em frente a um edifício gigantesco, moderno e quadrado, margeado por um parque verdejante.

— Arisugawanomiya! — anunciou o taxista.

Dan pareceu entrar em pânico.

— Que foi que eu fiz agora?

— É o nome do parque, e aquele prédio é a sede da Biblioteca Metropolitana de Tóquio — Alistair explicou, enquanto pagava ao taxista e saía do carro. — Irina não vai demorar muito para nos encontrar. Nós retiramos os dispositivos de GPS, por isso é importantíssimo ficarmos sempre juntos. Coloquem seus telefones no modo vibratório enquanto estivermos dentro da biblioteca.

— Como vou aguentar tanta diversão? — resmungou Dan.

No instante em que eles entraram no prédio, uma bibliotecária esbelta surgiu do lado de Alistair, curvando-se para cumprimentá-lo e falando

depressa com ele em japonês. Ela sorriu para Dan e Amy e fez um gesto para que eles a seguissem.

— Você conhece essa moça? — Dan sussurrou enquanto subiam uma escada suntuosa de mármore. — Tipo, da época em que você caçava com os xoguns?

— Não, ela só está sendo gentil — respondeu Alistair. Enquanto ele andava, mal dava para perceber que era manco. — Ela está mostrando respeito pela minha idade. Também é possível que a senhorita Nakamura se lembre de quando eu aparecia na televisão, dez anos atrás. Naquela época os burritos para micro-ondas sabor teriyaki estavam estourando a boca do balão.

Eles entraram numa salinha isolada, forrada de estantes de livros. Numa das paredes, duas janelas pequena davam para a rua. No centro havia uma mesa com laptops.

— Por favor, não hesitem em falar comigo se tiverem alguma dúvida — disse a senhorita Nakamura com um leve sotaque, curvando-se novamente para Alistair e fechando a porta atrás de si.

— Eu disse a ela que estamos fazendo uma pesquisa para um novo site interativo sobre possíveis recheios de burritos — contou Alistair, apoiando as duas mãos na bengala enquanto se inclinava na direção de Amy e Dan. — Mas minha pergunta para vocês é: por que *realmente* estamos aqui?

Os olhos de Amy se lançaram direto para os de Dan. Alistair já fizera aquela pergunta antes, e todas as vezes eles tinham dado um jeito de não responder. Ele sabia que os irmãos Cahill estavam escondendo alguma coisa.

O problema eram as espadas. Alistair não sabia da existência delas. Não tinha visto as letras secretas gravadas em uma das lâminas. Não fazia ideia de que a segunda pista era tungstênio.

Ele está ainda mais confuso do que a gente, pensou Amy. Solução de ferro e tungstênio não eram duas peças de quebra-cabeça que se encaixassem obviamente. O primeiro era um ingrediente de tinta, o segundo era o material que brilha nas lâmpadas incandescentes. Que relação poderia haver entre os dois? Amy e Dan precisavam descobrir tantas outras coisas... mas uma coisa estava bem clara: de algum modo, as espadas eram a chave para a próxima pista. *Talvez Alistar possa mesmo nos ajudar a fazer algumas descobertas*, pensou Dan.

Porém os riscos eram grandes. O tio podia simplesmente pegar as informações e fugir. Ele já havia feito isso antes. *Não confiem em ninguém.* Ultimamente esse era o lema de Amy e Dan. Todas as vezes em que haviam se esquecido disso, tinham se arrependido.

E eles precisavam urgentemente reduzir o número de arrependimentos.

— Era um... código — disse Dan, improvisando uma mentira leve. — Na partitura. A música de Mozart. O código dizia... é... *Vá para o Japão*. Em clave de dó. É só isso que a gente sabe.

Alistair deu de ombros, sentando-se em frente a um computador.

— Não é muita informação, mas isso não nos deteve antes. Que tal cada um pesquisar um pouco e depois compararmos o que achamos?

Amy e Dan tomaram o cuidado de sentar de frente para ele, a fim de que seus monitores não ficassem visíveis. Amy digitou no campo de busca:

Japão tungstênio espada
87.722 resultados

— Hoje o dia vai ser longo — murmurou. Dan digitou:

imagens guerreiro ninja
1.694.117 resultados

Ele sorriu. Talvez aquilo não fosse ser tão chato como imaginava.

Pintura corporal e a tatuagem era derivado de escravos e prisioneiro de Antigo Japão. alguns desenhos tem sido réplica histórica por nossos artistas de tatuagem, todos graduação universitária de História.

Dan rolou a tela. As imagens eram mais claras que a tradução do japonês. Alguns desenhos eram incríveis, cobriam as costas inteiras de uma pessoa. Havia dezenas: dragões, cenas históricas, paisagens, pergaminhos decorados...

Ele parou. Alguma coisa em uma das imagens lhe parecia familiar.

Rolando a página outra vez para cima, Dan encontrou a imagem e clicou nela. Lentamente, uma versão ampliada preencheu a tela.

— Dan, o que você pensa que está fazendo? — perguntou Amy, olhando por cima do ombro dele.

— Isso não é hiperlegal? — se entusiasmou Dan.

Amy apontou para a tela do laptop dela, que mostrava um mapa do Japão.

— Teoricamente estamos procurando uma pista!

— Oh, desculpe, Indiana Jones. Olhe mais de perto... Está vendo estas letras? São as mesmas que nós vimos na espada!

Ops.

Dan imediatamente tapou a boca com as mãos. Tinha dito sem querer a palavra que rimava com empada.

Os olhos de Amy se esbugalharam. *Dan, seu idiota!,* ela disse em silêncio.

Dan e Amy olharam de relance para Alistair, que estava concentrado anotando alguma coisa que via na tela. Devagar, ele ergueu os olhos. Parecia pálido, quase doente.

— Tio Alistair...? — disse Dan. — Você está bem?

Ele ficou alguns segundos sem responder. Tirou os óculos e limpou as lentes com um lenço de bolso.

— Estou. Olhar a tela por muito tempo fica mais difícil quando você é velho. Perdão. Vocês... ahn... encontraram alguma coisa?

— Sim — disse Dan.

— Não — retrucou Amy.

— Sim e não — esclareceu Dan. — E você?

Alistair fez que sim com a cabeça, um tanto ausente.

— Venham ver.

Amy e Dan contornaram a mesa para ver o conteúdo na tela de Alistair. Ele estava minimizando a tela com sua conta de e-mail para revelar uma página que mostrava uma pintura de um guerreiro japonês de aspecto feroz, segurando uma cabeça decepada.

— Eca... — resmungou Amy.

— Cara, são só pixels — disse Dan. — Mas... eca.

— É o... hã... Rato Careca — Alistair explicou, numa voz ainda distante e distraída. — Também conhecido como Toyotomi Hideyoshi.

— Toyoto yo *quê?* perguntou Dan.

— Ele... ele foi o maior guerreiro da história do Japão — continuou Alistair. — Mas quase todos os registros o retratam como um homem horrendo. Viveu no século XVI. Começou como camponês e alcançou um poder incrível. Conquistou as diversas tribos e facções e unificou o país como uma grande potência pela primeira vez. — Alistair fez uma pausa, baixando a voz. — Ele também era um dos ancestrais da família Cahill.

— Bem que notei uma certa semelhança entre ele e a Amy — disse Dan.

— Na verdade, ele era um Tomas. Descendente de Thomas Cahill. Thomas viajou ao Extremo Oriente no século XV]. Alguns dizem que foi para fazer comércio, outros, que foi para se esconder de vergonha, por não ter conseguido encontrar sua irmã rebelde. De qualquer modo, ele se fixou ali e sua família deu origem ao clã dos Tomas, célebre por sua brutalidade guerreira.

Dan olhou mais de perto.

— A família Holt... eles são Tomas. Parecem troncos de árvore com cérebros de dinossauro. Esse cara parece uma doninha.

— Faz sentido que Hideyoshi seja um Tomas — refletiu Amy. — A força. O jeito repulsivo como ele está segurando essa cabeça.

— A evolução é estranha. Não favorece os Tomas. — A expressão soturna de Alistair se aliviou um pouco e chegou perto de virar um sorriso. — É claro que sou suspeito para falar, pois sou um Ekaterina. De qualquer modo, tenho fortes motivos para crer que nossa busca deve começar por Hideyoshi. O homem tinha diversos segredos. Alguns dizem que foram os segredos que o levaram à ruína.

— Segredo é o nosso sobrenome, cara — disse Dan. Alistair olhou bem nos olhos do menino, depois nos de Amy. A cor estava começando a voltar a seu rosto.

— Eu ia guardar essas informações para mim. Depois do que aconteceu em Salzburgo, não tinha mais certeza de que poderia confiar em vocês dois. Na verdade, hoje estive tentado a realizar toda essa busca por Hideyoshi sem o conhecimento de vocês.

— Bom, então somos dois — exclamou Dan.

—Três — corrigiu Amy. Olhando para o irmão por um instante, de relance, ela acrescentou: — A gente também não achava que podia confiar em você, tio Alistair.

Alistair assentiu com a cabeça.

— Eu me esforcei muito para reconquistar a confiança de vocês. Confiança é uma coisa frágil. Difícil de construir, fácil de quebrar. Com ela não se pode pechinchar. Apenas quem confia de coração aberto deve merecer confiança. — Ele voltou o olhar para Dan. — Para romper o círculo de desconfiança, alguém precisa dar o primeiro passo. Estou feliz por ter tomado a iniciativa. Vocês merecem.

Com um gesto solene, ele voltou a olhar a tela.

— Hideyoshi era um homem um pouco paranoico, que gostava de acumular coisas — Alistair continuou, rolando a tela para baixo até o texto biográfico. — Por exemplo, o Grande Confisco de Espadas de 1588, quando ele obrigou todos os fazendeiros e camponeses a lhe entregar suas espadas. Ele alegava que queria derretê-la para construir uma grande estátua de Buda. Mas era mentira.

— E qual era a verdade? — perguntou Amy.

Alistair deu de ombros.

— Esse é um dos grandes mistérios não desvendados. Ele também tomou medidas para impedir que fazendeiros e camponeses subissem à classe guerreira. Parecia ter medo disso.

— Mas ele se ergueu da pobreza — disse Amy.

— Amy-san, pense como uma guerreira — sugeriu Dan. — Ele tinha medo justamente porque se ergueu da pobreza. Achava que outra pessoa poderia fazer a mesma coisa e chutar o traseiro ninja dele.

Alistair assentiu com a cabeça.

— Talvez ele suspeitasse que outros descendentes dos Tomas — ou, pior, dos Ekaterina — vivessem nas províncias. Os Ekat e os Tomas já estavam em guerra naquela época. Estaria Hideyoshi tentando esconder as espadas dos Ekat para impedir que se erguessem contra ele? Não sabemos. Se ao menos soubéssemos onde ele escondeu as espadas... Isso talvez nos levasse ao porquê. — Dando de ombros, Alistair voltou-se para os irmãos. — Pronto, já

contei tudo o que sei.

Dan olhou de relance para Amy. A bola estava com eles.

Ele nos contou os segredos dele, diziam os olhos de Amy. *Nós devemos isso a ele.*

Ele estava olhando o e-mail, respondeu Dan em pensamento. *ISSO ele não mostrou pra gente.*

Mas isso é diferente, ela argumentou. E nós precisamos dele.

Além de ter dinheiro e falar japonês, de que ele serve pra gente?

Além de ter uma bela orelha esquerda, pra que você serve?

Dan encarou a irmã com raiva. *Você é mais velha, fale você.*

Amy virou-se para Alistair.

— Nós achamos que encontramos duas das espadas — ela disse. — Em Veneza.

— As espadas de Hideyoshi... na Itália? — Alistair parecia aturdido.

Dando um suspiro, Dan resmungou:

— Estavam na casa de um tal italiano, chamado Fidelio Racco.

— Racco... — disse Alistair. — Um Janus. Entretanto, a pista aponta para uma base secreta dos Tomas. Que curioso. Aqui no Japão, correm rumores de que há esconderijos secretos de Hideyoshi, mas todos supostamente são guardados por seus descendentes. Muitos deles são da Yakuza.

Dan sorriu. *Agora* sim aquilo estava começando a ficar interessante.

— Nossa... que demais! — exclamou Das. — Eu lutei contra eles no nível 4 do... acho que do *Ninja Gaiden.* Esses caras gângsteres do mal! Cortam seus braços e servem de almoço.

— Mal posso esperar pra conhecê-los — disse Amy.

— A gente tentou trazer as espadas para cá — Dan continuou. — Estão na nossa bagagem. urna delas tinha umas coisas escritas. Achamos que essas coisas são importantes... que podem nos dar informações sobre a próxima pista.

Alistair arregalou os olhos.

— Existe algum meio de recuperar essas espadas?

— Bom, talvez a gente não precise — Das apontou com o rosto para 0tela dele. — As mesmas letras estão nessa tatuagem.

Dan nunca tinha visto Alistair se mexer tão rápido.

Ele se debruçou sobre o ombro de Dan e espremeu os olhos para ver melhor a imagem.

— *Tem certeza* de que era isso que estava escrito na espada? — perguntou.

— Ahã — respondeu Dan. — Bom, quer dizer, não exatamente. Tinha outras letras estranhas também, que não aparecem aqui.

Amy balançou a cabeça.

— Como você pode ter certeza? Você não sabe nem uma palavra em japonês quanto mais ler os ideogramas.

— Ah, é verdade — disse Dan. — E desde quando eu sei ler música? Mas, puxa, quem foi que memorizou uma peça inteira de Mozart e encontrou nossa última pista? Peraí, deixa eu tentar lembrar... Ah, já sei! Fui eu!

— Dan, você tem *certeza* de que estão faltando letras? — indagou Alistair. — Porque essa mensagem, do jeito como está, não quer dizer muita coisa. Não passa de uma oração mágica pedindo sorte, honra, triunfo, e coisas assim.

— Certeza absoluta. Tinha uma letra bem bizarra no começo de cada linha. Como se fosse outra língua. Tipo, talvez aquela, sânstico.

— É *sânscrito*, seu cérebro de tatuagem — disse Amy, sentando-se diante do computador dela. — Pelo jeito, você não lembra de tudo perfeitamente.

Ela virou-se para o tio, que digitava enfurecido no teclado.

— Afinal, o que você sabe sobre essa tal Yakuza, tio Alistair?

Ela teve a impressão de ver o corpo do tio tremer.

— Eles são cruéis e muito perigosos — ele sussurrou. — Acreditem em mim, é melhor não cruzarmos o caminho deles.

— Você conhece algum deles pessoalmente? — perguntou Dan.

— Eles me conhecem e me detestam. Eu sou um Ekat. Os Tomas e os Ekat têm sido grandes inimigos há séculos. Há muito tempo existe a suspeita de que a Yakuza possui um mapa de uma cripta subterrânea secreta. E se entendi direito essa última mensagem, talvez tenhamos encontrado uma cópia dele.

Ele clicou em IMPRIMIR. Da impressora da biblioteca, um mapa foi surgindo aos poucos na bandeja de papel, mostrando uma imagem antiga de uma complexa rede de túneis.

— Legal! — exclamou Dan.

Você sabia disso o tempo todo? — perguntou Amy.

Alistair fez que não com a cabeça. Outra vez, seu rosto ficou pálido e contraído.

— Faz tempo que estou procurando certos... documentos Ekat roubados, que não têm nada a ver com isto. Um dos meus colegas conseguiu encontrar um cofre escondido. Recebi uma mensagem dele por e-mail enquanto estávamos em Salzburgo, com vários anexos, inclusive este mapa.

Alistair mostrou aos irmãos o papel impresso, cujo título era RELEVÂNCIA DESCONHECIDA.

— Peraí... Documentos Ekat? Colegas? O que mais você está escondendo de nós? Como você pode...?

As palavras de Amy entalaram na garganta. No monitor de Dan, o cursor estava avançando sozinho do meio da tela para o canto superior esquerdo.

— Dan? Pare com isso, ok?

— Parar com o quê?

— A gente sabe que você acha as bibliotecas chatas, mas será que você não consegue levar nada a sério? Você está fazendo uma brincadeira, né? Tem alguma coisa no seu bolso mandando um sinal pro computador. Se não for isso, então por que o cursor está se mexendo?

Agora o cursor estava clicando em VOLTAR, percorrendo depressa todas as páginas que Dan tinha visitado: tatuagens, informações sobre Hideyoshi e o Confisco de Espadas, os perfis no Facebook de três meninas (lo sexto ano...

— Ei! — gritou Dan.

— É um *keylogger*, um programa que monitora o que urna pessoa faz no computador — explicou Alistair, levantando o Iaptop devagar. — Alguém hackeou o computador e está olhando tudo o que você viu hoje.

Com um puxão firme, ele arrancou o cabo da eletricidade de trás do computador, e a tela ficou preta. Começou a soar um apito contínuo e, num painel de LCD junto ao botão de energia, piscavam caracteres japoneses suspeitos, vermelhos, que pareciam querer dizer EMERGÊNCIA.

— Como fizeram isso? — perguntou Amy.

Dan pegou o Iaptop e examinou o PC-card.

É um wireless 802.11g. Quem fez isso deve estar bem perto daqui. Não sei, talvez uns 30 metros... ou 50.

Alistair andou até a janela.

— O que significa que ou eles estão no prédio, ou em algum daqueles carros lá fora.

Algum daqueles cem carros, ele poderia ter dito. Isso contando os carros parados no meio-fio, no estacionamento ao lado e os engarrafados no trânsito.

Toc-toc-toc-toc!

As batidas na porta fizeram todos pularem de susto.

— Está tudo bem aí dentro? — perguntou uma voz tímida do outro lado.

Parecia a senhorita Nakamura, mas tinha alguma coisa suspeita no tom de voz dela...

Alistair caminhou até a porta.

— Talvez ela saiba como rastrear o hacker.

— Não! — exclamou Amy.

— Senhorita Nakamura — disse Alistair, dando um puxão na maçaneta —, sua biblioteca foi hackeada...

A porta se abriu de repente, e Alistair deu de cara com o gigantesco tórax de uma camiseta cinza tamanho GGG.

— Grande descoberta, Sherwood — disse Eisenhower Holt, com um sorriso tão largo que quase encostava nas bordas de seu corte de cabelo militar. — Agora façam fila, todos vocês... e *marchem!*

CAPÍTULO 6

BZZZZZ...

O celular de Amy estava vibrando.

Ela olhou ao redor, checando os passageiros dci van. No banco da frente, Eisenhower Holt discutia com a mulher, Mary-Todd, que estava ao volante. No banco logo atrás, as irmãs Madison e Reagan Holt, de 11 anos, competiam para ver quem conseguia lançar mais catotas de nariz no cabelo do irmão mais velho, Hamilton. Arnold, o pit bull da família, latia esfomeado, abocanhando os pequenos projéteis em pleno voo com suas mandíbulas gigantes.

— Parem com isso, ele vai me matar! — gritou Hamilton.

— Essa é a ideia — respondeu Madison, batendo palmas.

— Sherwood é a *floresta,* meu bem — Mary-Todd insistia com o marido. — O detetive era Sherlock.

— Depois a gente olha na internet! — declarou Eisenhower. — Só devo lhe lembrar, Mary-Todd, que mediram meu Q.I. na academia militar em West Point e o resultado foi quase perfeito: 100. Bom, quer dizer, 89... mas eu nem tinha treinado!

— Cem é considerado normal, meu pudinzinho — respondeu Mary-Todd.

— Normalidade é a inimiga da criatividade — Eisenhower bufou. — Um Holt nunca é normal, como foi demonstrado por nossa astuciosa captura dos

irmãos Cahill!

Bzzzz...

Amy avançou a mão até o bolso esquerdo da calça e tirou o celular, tomando o cuidado de impedir que os outros vissem. Do lado direito ela estava espremida contra Alistair, que espumava de raiva. Ele, por sua vez, estava espremido contra Dan, que parecia ausente, lendo um punhado de panfletos turísticos que os Holt tinham largado no chão da van.

Ela dirigiu os olhos rapidamente para a tela do celular:

GOMEZ, NELLIE

Amy abafou um grito e lançou um olhar intenso para Alistair e Dan, mostrando-lhes a tela na altura da cintura.

Nellie estava viva!

— AÊÊÊ! LEGAL! — exclamou Dan.

— O moleque concorda comigo! — disse Eisenhower com um sorriso, virando a cabeça para o fundo da van. — Garoto esperto. Você ainda vai longe. E vai com a gente... como prisioneiro! Hahaha!

Toda a família Holt caiu na gargalhada, exceto Arnold, que parecia confuso com a repentina ausência de lanchinhos voadores.

— Pena que, mesmo com tanta esperteza, você não descobriu que a gente estava na cola de vocês — Eisenhower continuou. — Com a nossa tecnologia patenteada de hackeamento, primeiro a gente hackeou o rastreador que estava no gato... até descobrir que o gato era seu tio!

Madison e Reagan olhavam para ele, totalmente admiradas com a esperteza do pai.

Então seguimos seu tio até o aeroporto, onde ordenei que tentássemos o maior feito tecnológico de todos: invadir o sistema do serviço de passagens da companhia aérea!

— Mas daí eu lembrei que a gente só precisava seguir a limusine — Mary-Todd se pronunciou.

Madison se meteu:

— Quando chegamos no outro aeroporto, nós vimos vocês entrarem no

jato. Daí foi só falar com aquele piloto gato, o Fabio. Perguntamos pra onde vocês estavam indo. — Ela sorriu. — E ele contou pra gente.

— *Rauff* — disse Arnold.

— Então — disse Eisenhower —, conseguimos fretar nosso próprio voo para o Japão. Chegamos no aeroporto antes e esperamos vocês chegarem, seguindo cada passo até o golpe final: hackear o laptop para surrupiar todas as suas informações! E agora que vocês três estão nas minhas mãos, posso realizar meu objetivo de vida. Não só vou encontrar as 39 pistas primeiro, como também vou colocar o nome dos Holt onde ele merece estar: bem no topo do brasão dos Tomas. A História deixará de ver os Holt como boçais. Não vamos mais ser a ovelha negra, a mancha na cueca da família, uma reles nota de rodapé na lenda dos Tomas. E vocês vão nos ajudar a cumprir nosso destino, nos levando justamente até essa coisa que a pesquisa de vocês revelou: a próxima pista, que está nos túneis de Tóquio!

— Você pensou tudo isso sozinho? — Amy perguntou, mal conseguindo conter o alívio que sentia por saber que Nellie estava bem.

— Uns 53 por cento.

— Mais tipo uns 47 — completou Mary-Todd.

— Eu sabia que tinha alguma coisa errada com a minha conta — Eisenhower comentou.

— Hã, pai? Fui eu que fiz todos esses lances tecnológicos — choramingou Reagan.

— Pai, o quê? — berrou Eisenhower.

— Senhor pai — disse Reagan.

— Seus argumentos são tão imbecis quanto a sua conversa — Alistair não se conteve. Sua voz estava rouca, descontrolada. — Você não conseguiu nada hackeando o sistema. Você roubou meu mapa, seu falastrão.

— Tio Alistair! — disse Amy. Ela nunca tinha visto o tio daquele jeito.

— Tem alguém miando aí atrás? — disse Eisenhower. — Será que é um *E-kat?*

— *Raurrr?* — fez Arnold, babando ao ouvir a menção a um gato.

Alistair soltou uma risada desafiadora.

— Por que vocês acham que vão conseguir ler esse mapa do jeito certo?

Está escrito em japonês.

— Ahá! Os Holt não dormem no ponto! — Eisenhower trovejou. — Eu escutei você atrás da porta, falando de uma velha cripta subterrânea. Então vamos começar... pelo bairro das criptas subterrâneas. Uahaha!

A van deu uma guinada para a esquerda.

Dan ergueu os olhos de um mapa do metrô de Tóquio. Seu rosto parecia iluminado, como ficava sempre que ele decifrava um código.

— Cripta? Acho que ia ser melhor se a gente conferisse os túneis do metrô.

A van deu uma guinada para a direita.

— Preciso fazer xixi — anunciou Madison.

O veículo parou no acostamento cantando os pneus.

— Dá para alguém decidir de uma vez para onde vamos? — Mary-Todd gritou.

Enquanto os Holt retomavam suas inúmeras discussões, Alistair sussurrou para Dan:

— Os túneis do metrô, meu rapaz? Explique melhor.

— Primeiro, eu decorei seu mapa — Dan começou a falar com um entusiasmo meio excessivo.

— Chiiiiu! — fez Amy.

— Os túneis secretos e o metrô — Dan continuou. — Eles se encaixam... quase perfeitamente! Talvez o metrô tenha sido construído dentro dos túneis que já existiam!

Os Holt ficaram quietos de repente.

— *Dan*... — avisou Amy — você está contando isso pra eles!

Dan ergueu o olhar, confuso.

— Eu estava contando pro tio Alistair.

— Mas nós ou-viii-mos — Reagan disse num tom de provocação e mostrou a língua. — Além disso, se não contasse pra nós, ia virar presunto.

— *Rauff* — fez Arnold, exibindo seus incisivos que gotejavam saliva.

O rosto de Dan ficou branco. Ele lançou um olhar culpado para Amy e Alistair, cujo rosto de repente se fechara.

— Hã, quer dizer... o negócio é que, na verdade, não encaixa direito.

Acho que eu me enganei. Porque... tipo... tem uma diferença enorme. No meio do mapa antigo, tem um cruzamento com uma sala grande. No mapa do metrô, os trilhos são paralelos. Por isso... pois é, não deve ser o lugar certo...

— O lugar onde os dois mapas são diferentes é justamente onde pode estar o segredo! — Eisenhower concluiu.

— Brilhante como sempre! — disse Mary-Todd.

Amy soltou um resmungo. Quanto mais burro Dan ficava, mais crescia a inteligência de Eisenhower Holt.

— Legal — disse Hamilton com um risinho zombeteiro.

De repente, Eisenhower voltou-se para Dan com os olhos espremidos.

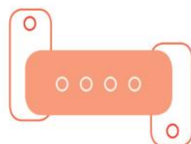
— Olha lá, vocês não estão tentando atrair a gente pra uma armadilha, né? A gente não é tão burro quanto parece. Quer dizer... enfim.

— Bom... — Dan olhava para Amy e Alistciir, sem saber o que fazer. — Tem estações de metrô dos dois lados. Acho que a mais próxima é Yotsuya, que fica na ponta norte.

— Então, vamos para a que fica na ponta sul — ordenou Eisenhower.

A van voltou para a avenida, dando outra guinada.

— Agora eu preciso *mesmo* fazer xixi — disse Madison.



Eles esperaram em silêncio até o trem partir da estação Nagatacho. Agora eles eram os únicos na plataforma do metrô. O horário dos trens, que Alistair pegara com o atendente, informava que o próximo vagão chegaria às 17h40. Ele conferiu seu relógio.

Então olhou para os trilhos. Os trilhos escuros, estreitos, que levavam para o interior de um túnel preto como piche dos dois lados.

— São 17h17 ele disse com a voz trêmula. — Temos exatamente 23 minutos.

Eisenhower avançou até a beira da plataforma.

— Tropas, formação!

— Eu quero ir na frente! — pediu Madison.

— Ela deixou a gente esperando enquanto estava no banheiro — reclamou Reagan. — Eu posso ir primeiro? Por favor?

— É quase aniversário da mamãe — lembrou Hamilton.

— *Rauff* — disse Arnold, mergulhando no vão do metrô para perseguir um rato imundo que cruzava os trilhos apressado.

— Cada Holt por si! — Eisenhower gritou. Em seguida ele tirou do bolso um par de luvas de jardinagem verdes, calçou-as e desceu pela beira do vão. — Cuidado pra não encostar no quarto trilho!

— Agora eu preciso mesmo fazer xixi — disse Madison.

— *Terceiro,* meu pãozinho de mel — corrigiu Mary -Todd.

Enquanto Madison e Reagan o seguiam, Alistair agarrou os braços de Dan e Amy e ficou alguns passos para trás. Estava tentando fugir. Porém Mary-Todd e Hamilton postaram-se no caminho dele, de braços cruzados.

— Na-na-ni-na-não! — disse Hamilton.

— Boa tentativa, tio — sussurrou Dan.

Eram 17h19. Faltavam 21 minutos.

Dan suspirou e desceu até o trilho, seguido de Amy, Alistair e dos Holt que restavam. Um líquido, escuro feito tinta, corria entre os trilhos. Um papel de chiclete passou voando. À frente deles, o túnel estava mergulhado na escuridão. Dan sentiu tontura. Ele e Amy não tinham muita sorte em lugares subterrâneos. Imagens começaram a tremular em sua mente. *Fugir... fugir... de Jonah Wizard num museu subterrâneo em Veneza... dos Kabra nas Catacumbas de Paris... de um trem... de uma lembrança...* Ele ainda podia sentir a mão de Amy tirando-o da frente do metrô que se aproximava em Paris, sua mochila sumindo sob toneladas de aço em alta velocidade, o grito brotando de sua garganta. Para qualquer outra pessoa, a foto polaroide desbotada que ele guardava dentro daquela mochila — de um casal sorridente — pareceria borrada e desinteressante. Mas para Dan era tão importante quanto a sua própria vida. Ele havia olhado todos os dias para aquela foto, decorado cada detalhe. Era a única recordação, a única imagem que lhe restava dos pais, de quem ele mal se lembrava. E agora estava perdida, abandonada em outro continente.

— Um-dois-três-quatro, um-dois-três-quatro... — Eisenhower contava

ritmado.

Amy puxou Dan para a frente, afastando a lembrança da mente dele. Splash-splash-splash-tchuc faziam seus passos.

— *Tchuc?* — ele gemeu.

— Nem queira saber — disse Amy. Mesmo na escuridão quase completa, Dan notou que o rosto dela estava branco como papel.

Eles continuaram avançando pelo meio da via para evitar o terceiro trilho, até que a luz decrescente da estação atrás deles sumiu por completo.

— FaZER reconhecimenTO! — Eisenhower gritou.

As mãos de Dan tremiam enquanto ele iluminava o mapa do metrô com a lanterna de bolso. À frente, a luz da próxima estação estava quase invisível. Eles já haviam percorrido metade do caminho.

— De acordo com o mapa — disse Dan —, devíamos estar chegando perto agora. O cruzamento deveria ficar à esquerda.

— Descansar! — Eisenhower ordenou. — Examinar métodos ocultos de saída!

Amy estendeu a mão do lado esquerdo, tateando a superfície coberta de limo.

— Aqui não tem nada além de uma parede.

— Continue tentando — disse Eisenhower.

Dan empurrou e socou feito um desesperado, mas a parede era sólida. Cimento grosso. Ele conferiu o seu relógio, que já estava perdendo a capacidade de brilhar no escuro.

17h30.

— E-essa foi uma ideia bem estúpida — disse, e sua voz ecoou pelo túnel. — Olha, temos 10 minutos. Faz 11 minutos que a gente saiu da estação. Só temos o tempo de voltar antes que...

— Abortar missão! — latiu Eisenhower. — Alinhar à esquerda! E... um-dois-três-quatro!

Dan começou a correr, quase tropeçando por cima da irmã.

— Ai! — gritou Amy. — Dan!

— Foi mal! — disse Dan, apressado. — Te vejo na plataforma...

— Dan, prendi meu pé!

Ele se virou e iluminou com a lanterna a silhueta agachada de Amy. Ela estava fazendo uma careta, com o pé esquerdo preso embaixo de um dos trilhos.

— Eu vou salvá-la! — gritou Hamilton.

— Não, eu! — disse Reagan com voz estridente. — Nunca me deixam salvar primeiro!

— Afastem-se! — trovejou Eisenhower.

— *Rauff* — latiu Arnold.

Dan se espremeu entre eles, abrindo caminho com os cotovelos, tentando alcançar a irmã, que berrava a plenos pulmões:

— Vocês só estão piorando!

Os pelos da nuca de Dan começaram a ficar arrepiados. Um vento fraco, porém constante, soprava do túnel, vindo do sul. Dan viu os olhos arregalados de Amy fixos nele.

— Dan? Será que esse horário dos trens é mesmo preciso?

— Não sei! — respondeu Dan.

— Quando um trem está entrando numa bifurcação, você não sente que o ar está sendo empurrado...?

Foooooooooom!

Dan virou o rosto :na direção do som. Dois faróis distantes, feito olhos de um réptil perfurando a escuridão, se aproximavam. E cresciam muito rapidamente.

— Família Holt... dar no pé! — ordenou Eisenhower.

Reunidos, os Holt deram as costas para o trem que se aproximava e partiram numa corrida ensandecida rumo à próxima estação.

— Não deixem a gente aqui! — gritou Amy. Dan continuou puxando. O pé de Amy estava entalado. Não saía do lugar.

—AAAAI!

— Eu... vou... conseguir — Dan disse entredentes. Ele se ajoelhou no fio de água que corria entre os trilhos, agora encrespado de ondas pela vibração.

— Foge, Dan!

— Peraí... já sei...

Os cadarços. Dan enfiou os dedos nos cadarços do tênis dela e puxou

com força.

Estavam amarrados em um nó cego. Molhados e presos. O pé de Amy parecia colado no calçado. Se ele conseguisse ao menos tirar o tênis e usar a umidade para fazer o pé escorregar...

Um som agudo de freada preencheu o túnel. O vento chicoteava ao redor dele como um tufão, soprando poeira e pedrinhas em seus olhos. A visão de Dan embranqueceu. Seu corpo ordenava que ele saísse correndo. Naquele exato momento.

— FOGE LOGO!

— Para com isso, Amy! Não posso deixar você pra trás...

Ela já o tinha salvado uma vez. Ele podia salvá-la. Precisava fazer isso.

Puxe!

O vento estava furioso. O barulho comprimia seus ouvidos como se fosse sólido. Dan puxou outra vez, mexeu, sacudiu, bateu.

Amy estava resistindo, empurrando-o para longe. Tentando salvá-lo. Ele sentia no pescoço o hálito frio da irmã, via as veias saltadas em sua garganta.

Ele percebeu que ela estava berrando, mas não conseguia ouvir nada.

FOOOOOOOOM!

O corpo de Dan congelou quando ele se virou e viu o clarão das luzes que se aproximavam.

CAPÍTULO 7

— AAAAAAAAH!

Amy não sentiu muita coisa. O vento. O barulho metálico dos freios, a buzina sobressaindo a todos os outros sons.

Ela deve ter fechado os olhos, pois também não viu mais nada.

Apenas sentiu.

Seu corpo foi puxado para cima e para trás ao mesmo tempo. Ela estava voando.

E então seu ombro bateu no cimento frio, sólido.

Quando ela abriu os olhos, tudo estava escuro e em silêncio.

— Será que eu... m-m-morri? — ela ouviu a própria voz, num timbre estranho, mais agudo, mais fino.

Por um bom tempo, não se ouviu mais nada. Silêncio absoluto. E então:

— Morreu sim. Eu sou Deus — brincou Dan.

Ouviu-se o *tchhhhhh* de um fósforo sendo aceso, e uma luz trêmula delineou os contornos dos dois rostos.

Amy sentou-se. Seu tornozelo esquerdo doía, e ela estava sem o tênis.

— Tio Alistair? Dan?

O cabelo de Dan estava arrepiado, seu rosto enegrecido pelo pó preto, e seus olhos do tamanho de bolas de beisebol.

— Foi ele. O tio Alistair salvou nossas vidas. Estendeu a mão. Da parede.

Como...? — Dan foi cambaleando na direção da irmã, seu corpo debruçado enquanto olhava boquiaberto para o pé de Amy. — Ainda está aí. Ele não amputou seu pé quando...

Ao dizer isso, os joelhos de Dan perderam a força, e ele desabou no chão.

— Dan! — gritou Amy. Quando ela tentou agarrar o braço do irmão, seu tornozelo latejou de dor.

— Está tudo bem — disse Dan, sentando-se. — Eu estou bem. Não precisa chamar a emergência. Meu cabelo ficou branco? Que nem nos filmes, quando as pessoas levam um susto muito assustador?

— Agora vocês dois estão em segurança — disse Alistair, mexendo o fósforo para iluminar os contornos da grande câmara onde se encontravam. — Dan, seu cabelo não ficou branco. E você tinha razão sobre o esconderijo. É mais ou menos onde achou que fosse. Tinha uma marquinha, um símbolo de aspecto antigo em cima de algo que parecia um painel de eletricidade. Quando eu apertei, a porta se abriu. Tudo que fiz então foi puxá-los e trazer vocês dois comigo.

Amy avançou apoiada no pé que não doía, mantendo o outro no ar, e deu um abraço em Alistair.

— Obrigada.

Ela sentiu o tio recuar um pouco. Por um terrível instante, achou que tinha feito algo muito errado. Dava para perceber que ele não era do tipo que curtia abraços. Então, meio constrangido, Alistair passou os braços em volta dela.

— Eu... estava devendo uma — sussurrou.

— Ou duas — disse Dan.

Alistair confirmou com a cabeça.

— Acho que meu histórico com vocês em situações de perigo de vida não é muito bom.

— Bem, depois dessa seu saldo é positivo — disse Amy, enterrando a cabeça no ombro do paletó de seda de Alistair, que ainda cheirava a loção pós-barba.

Delicadamente, Alistair se libertou dela, olhando para baixo, preocupado.

— Como está seu pé?

— Como se tivesse ficado entalado embaixo de um trilho e depois sido arrancado do tênis — Amy falou, contraindo o rosto. — Estou conseguindo mexer o pé, mas acho que torci o tornozelo.

— Duvido que você consiga sapatear agora — disse Dan, com uma voz ainda um pouco assustada.

Amy sorriu para o irmão, pois jamais imaginara que um dia ia gostar de ouvir suas piadas imbecis. Ela sentiu uma onda de afeto por ele.

— Ah, não, não faz essa cara... eu não quero um abraço! — Dan recuou.

Atordoado, ele ligou a lanterna e vasculhou a câmara com o facho de luz, até iluminar uma pilha de velhas relíquias jogadas descuidadamente pelo chão, cobertas de uma poeira grossa, escura: roupas, estranhos objetos de metal opaco, uma caixa também de metal, um globo, um cilindro volumoso. Quando todos chegaram mais perto, Alistair comentou:

— Bem, talvez a Yakuza controle algum tipo de rede subterrânea, mas pelo jeito faz séculos que eles não pisam aqui.

— Ei! O que um promotor de justiça faz quando encontra alguém da máfia japonesa?

— Você está se recuperando rápido demais — resmungou Amy.

— Eu sei, eu sei. Espera um pouquinho... — Alistair parou por um instante e sorriu. — Ele aponta o dedo Yakuza!

O sorriso de Dan sumiu.

— Como você sabia? Acabei de inventar isso nesse minuto.

— Trocadilhos são um sinal de inteligência, escondida bem lá no fundo — respondeu Alistair, Calçando suas luvas brancas. Ele se debruçou sobre a pilha de objetos e, com cuidado, levantou uma pequena peça de roupa quebradiça. — É difícil saber qual a idade disto, debaixo de tantas décadas de poeira metálica.

— Ei, olha isto aqui! — gritou Dan. Ele estava abrindo um rolo de pergaminho que tinha tirado de trás de um gaveteiro.

— Cuidado! — alertou Amy.

O pergaminho agora estava aberto, enegrecido nas bordas, mas ainda legível: três linhas de ideogramas japoneses.

— O que está escrito? — perguntou Dan.

Alistair olhou de perto.

— Acho que é um tipo de haikai. Esperem, deixa eu acertar a métrica... "Para o tesouro! de Hideyoshi achar/ Usar geometria".

— Tesouro? Será que isso inclui as espadas? — especulou Amy.

— Estamos ricos! Uhu! Eu sabia! Certo, geometria. Deixa que eu resolvo essa. Peraí, me dá só um instante... — disse Dan.

— Pode ser qualquer coisa... — Amy olhou a sua volta.

— Estamos numa sala grande — declarou Dan. — Então... o volume de um paralelepípedo, talvez?

— Como? — indagou Alistair.

— Um paralelogramo tridimensional, tipo essa câmara — explicou Dan.

— Como isso vai resolver o problema? — perguntou Amy. — É como tentar achar a hipotenusa de uma pilha de feno.

— Isso é uma piada? Porque, se for, você tem que dar algum sinal. Tipo, dê dois tapinhas na sua cabeça pra eu saber a hora de rir.

Ele soltou o pergaminho com uma das mãos. O estalo do rolo fechando ecoou nas paredes e se perdeu no silêncio.

Um silêncio mortal.

Amy olhou em volta, nervosa.

— Hã... já não devia ter passado outro trem?

Dan enfiou as mãos nos bolsos.

— Não tem como conferir. Acho que larguei minha tabelinha com os horários lá nos trilhos.

— Afinal, seria lógico... não era pra outro trem já ter passado? — questionou Amy. — Se não nesta direção, então na outra? Os trens são bem frequentes, não são? Por que tudo está tão quieto?

Alistair se levantou em um pulo.

— Bem observado. Devem ter desligado a força. O que significa...

Um tumulto distante de vozes parecia atravessar as paredes. Estava vindo do norte, da pista do lado contrário à que eles tinham usado.

— Quem será? — perguntou Dan. — A polícia?

O rosto de Alistair de repente parecia envelhecido e enrugado.

— Não — ele respondeu numa voz trêmula. — A Yakuza.

— O que vamos fazer?

— Eles não podem achar a gente, certo? — disse Amy. — Então, será que é melhor a gente ficar aqui?

Alistair agarrou os dois pelo braço, puxando-os em direção à porta.

— Eles vão acabar cruzando o trilho e encontrar o tênis perdido, a tabela de horários, as manchas de dedos na placa de metal na parede. Precisamos ir.

— Cubo! — exclamou Amy, de repente se soltando do tio e correndo de volta para a pilha. — Vejam! Esfera! Cilindro! Para... paralenãoseiquelá! São formas geométricas, não são, Dan? Estão bem aqui!

Dan já estava pegando o globo e enfiando dentro da mochila.

— Peguem tudo!

— Depressa! — disse Alistair. Ele agarrou um pequeno cubo numa mão, um tubo triangular na outra. Amy recolheu o cilindro comprido e dirigiu-se para a saída.

Em poucos instantes, eles estavam nos trilhos outra vez. Com um empurrão, Alistair fechou a porta pesada atrás de si. Onde antes era uma parede contínua, coberta de limo, agora havia o contorno fraco de uma porta recém-aberta.

O trem que quase os atropelara estava parado mais à frente. Os últimos vagões ainda não tinham alcançado a plataforma da estação seguinte.

Amy puxou o tênis de debaixo do trilho e o enfiou no pé. Ela andava com muita dificuldade, seu tornozelo latejava. Porém, a ideia de ficar parada ali a deixou em pânico. Cerrando os dentes de dor, ela correu. Os três seguiram o trilho em disparada, rumo ao ponto de onde tinham vindo. A estação logo ficou visível, mas a via estava pontilhada por luzes de lanterna, fachos que dançavam feito vaga-lumes.

Eles pararam onde estavam. Sua respiração entrecortada ecoava no túnel.

— A polícia — sussurrou Alistair. — Não podemos deixar que nos achem. Senão vão nos prender.

As luzes estavam chegando mais perto, e as vozes, ficando mais altas. Do outro lado, o som parecia indicar que os membros da Yakuza haviam trocado de via e que vinham para onde eles estavam.

— Mas e a Yakuza? — perguntou Dan.

— Eles vão nos matar — respondeu Alistair.

— Não tem muito o que pensar — disse o menino, indo na direção dos policiais.

— Não! — Amy o agarrou pelo braço.

— Então pra onde você sugere que a gente vá? — ele chiou.

Amy olhou para o alto. Logo acima da cabeça dela estava o primeiro degrau de uma escada.

— Precisamos levar os objetos — disse Alistair. Sem perder tempo, ele tirou o paletó de seda, estendeu no chão, colocou as peças em cima, depois juntou as bordas. Dan tirou uma corda da mochila e deu um nó, fazendo uma trouxa firme.

Amy já estava subindo a escada, fazendo careta para aguentar a dor. Dan pôs a outra ponta da corda entre os dentes, agarrou o degrau com força e içou o corpo para cima.

Embaixo dele, Alistair estava olhando para o escuro, boquiaberto, com uma mão na escada e a outra segurando a bengala.

— Vem! — Dan gritou entredentes.

— Vão vocês! — berrou Alistair,

O som de passos ecoou no túnel. Um homem surgiu do escuro, com o rosto coberto de fuligem, de modo que apenas os dentes e os olhos refletiam a luz. Até que Dan percebeu o brilho de uma adaga em sua mão direita.

Alistair afinal se mexeu, O menino estava no segundo degrau quando ouviu um berro gutural:

— *IIIIIAAAAAAA!*

Dan olhou para baixo e viu a lâmina do homem da Yakuza cortando o ar em direção às pernas do tio Alistair.

CAPÍTULO 8

— *CUIDADO!* — GRITOU AMY.

— *Aaaahh!* — exclamou Alistair, alçando-se para cima.

Tóimmmm!

Dan sentiu um tranco na escada. Ele a segurou com mais força, enquanto assistia à incrível cena que se desenrolava embaixo dele.

Com um golpe ágil e preciso, Alistair bateu a bengala com força, derrubando a faca da mão do agressor. Então, na volta, acertou o cara da Yakuza na lateral da cabeça, fazendo o homem cair rodopiando até os trilhos.

— Vai logo, Dan! — Alistair mandou, gritando para cima.

— Como você aprendeu a fazer isso? — perguntou Dan surpreso.

— Sou cheio de surpresas... agora *mexa-se!*

Amy conseguira afastar para o lado a grade no topo da escada. Dan saiu para a rua, puxando os objetos atrás de si. Um instante depois, dando um grunhido alto, Alistair se içou até a calçada. Uma mãe empurrando um carrinho de bebê desviou deles. Na mesma hora, Dan começou a recolocar a grade no lugar; ele havia coberto três quartos do buraco quando Alistair o puxou para longe.

— Não há tempo para isso! — afirmou, levando Dan consigo enquanto atravessava a rua.

— Espere! Cadê a Amy?

Amy estava tentando alcançar os dois, caminhando com dificuldade na direção deles.

Cliiiiinch.... CLIIINCH!

Dedos manchados de fuligem brotavam do chão na tentativa de empurrar a grade.

— Com licença — pediu Alistair, correndo de volta até o buraco. Como um jogador de golfe, ele tomou impulso com a bengala e deu uma cacetada nos dedos que emergiam. Bem forte.

— AAAAAAA.AAAAAIIII! — ouviu-se um grito atormentado.

Dan ouviu as batidas de vários corpos despencando no chão, escada abaixo.

Alistair se ajoelhou, dando as costas para Amy.

— Pode subir — ele disse.

Amy pulou em cima do tio, que cruzou os braços embaixo dos joelhos dela, fazendo careta enquanto atravessava a rua mancando atrás de Dan. As sombras deles alongavam-se ao sol poente, lembrando a silhueta de um monstro deformado.

FOOOOM!

Um carro desviou na última hora. O motorista esbravejou.

— Os objetos... — Alistair gritou entre os dentes cerrados. — Deixe naquele beco. Depois voltamos para buscá-los!

Dan avistou um lugar escuro e estreito entre dois prédios e ali jogou o paletó embolado do tio Alistair. Eles dobraram a esquina apressadamente e subiram um morro entre construções baixas de tijolos, onde o cheiro de shoyu e camarão frito brotava de janelas térreas em forma de vapor. Alistair encaminhou-se para o topo do morro e entrou por um portão aberto nos fundos de um vasto playground vazio.

— Aonde estamos indo? — gritou Dan.

— Eu tenho amigos! Só precisamos arranjar um táxi...

Como por magia, um táxi surgiu na rua. Alistair soltou uma das mãos que seguravam Amy e acenou loucamente, gritando em japonês.

Quando o veículo virou na direção dele, porém, começou a acelerar, com o motor roncando.

— *Cuidado!* — Dan berrou.

Alistair pulou para longe. Amy foi arremessada no asfalto enquanto os pneus do táxi raspavam no meio-fio, não os acertando por um triz. O carro freou ruidosamente e girou.

As quatro portas se abriram de uma vez só.

— *Yakuza!* — gritou Alistair.

Agora até Amy estava andando depressa. Correndo atrás dela, Dan ouviu um assobio agudo.

— Amy, *agache!*

Um disco metálico prateado com bordas serrilhadas cortou o ar. O projétil passou sibilando rente à cabeça de Dan enquanto ele saltava em cima da irmã, agarrando-a pela cintura e a derrubando no chão.

Ela gritou quando os dois caíram no asfalto novamente.

— Que foi isso? — disse Amy, recuperando o fôlego.

— Um shuriken — gritou Dan. — Aquela estrelinha mortal dos ninjas!

— Por aqui! — ordenou Alistair. Dan sentiu a mão do velho tio agarrar seu pulso e puxá-lo para cima. Numa fração de segundo eles estavam entrando num grande túnel de aço, que fazia parte do playground.

Tum! Tum! Tum-tum-tum-tum-tum!

Dan contraía o rosto conforme cada *shuriken* atingia o lado de fora do túnel, a poucos centímetros da cabeça deles.

Os três saíram pelo outro lado e foram parar num complexo equipamento de escalada feito de madeira grossa. Alistair corria agachado, com a cabeça baixa e a bengala sob o braço. Faíscas caíam feito granizo em volta da cabeça deles.

De trás vinham latidos e instruções furiosas em japonês. Portas de carros bateram. Pneus cantaram. Dan, Amy e Alistair se puseram a correr às cegas saindo do playground, atravessaram um gramado, entraram num quintal e por fim passaram por cima de uma cerquinha.

— *Aiiiiiiii!* — gritou Amy quando seu pé ficou preso na corrente da cerca.

— Continuem! — insistiu Alistair.

Dan percebeu que as estrelinhas cortantes tinham parado de voar. Os

caras da Yakuza não iam usá-las num bairro residencial... ou será que iam?

Eles saíram em outro quarteirão com lojas dos dois lados. À direita, Dan ouviu o motor de um carro em alta velocidade.

— Para a esquerda! — gritou.

A rua era uma ladeira que acabava num grande mercado a céu aberto. Os vendedores estavam guardando seus produtos, limpando as barracas. Dan percebeu que ele, Amy e Alistair poderiam facilmente se perder ali. Os homens da Yakuza estariam procurando encrenca se insistissem na perseguição.

VRUUUUUUUUM!

Dan parou onde estava. Um Porsche vermelho surgiu na rua, bem na frente deles, bloqueando a passagem para o mercado. Dobrando a esquina, o automóvel deu farol alto. Dan se encolheu, cego por um instante.

Agarrando a irmã, ele conseguiu saltar.

— Pule... *pule!*

Eles saltaram sobre a calçada, rolando por baixo de uma caixa de correio enquanto ouviam barulhos estranhos. *Plec! Plec-plec!*

Tiros passaram voando por eles, vindos do Porsche morro acima, de onde o táxi da Yakuza agora ameaçava os três.

Poft!

Um dos faróis do táxi estourou.

Plec-plec!

Um projétil trincou o para-brisa do carro, que começou a derrapar para a esquerda, girando. Os pneus bateram no meio-fio e a vasta lateral esquerda do veículo veio a toda velocidade para cima de Dan, Amy e Alistair.

Amy deu um grito. Ou talvez tenha sido o próprio Dan. O menino não soube direito. Só percebeu que estava voando. Sua cabeça bateu na lateral do prédio enquanto um borrão de aço amarelo passava rolando por ele, enorme e amassado.

Com um estrondo ensurdecedor, o táxi atravessou a vitrine de uma floricultura.

O carro foi parar num tapete de buquês destruídos e vidro estilhaçado, com as rodas pro ar. Dois homens meio grogues saíram a custo dos destroços,

cambaleando antes de recuperar o equilíbrio. Dan, Amy e Alistair se encolheram na sombra para não serem vistos, porém os homens correram morro acima, olhando por sobre o ombro com o medo e o terror estampados no rosto.

— O que foi isso? — perguntou Amy.

— Participamos de uma briga de ninjas — disse Dan, assombrado. — Pela primeira vez na minha vida real, e não na virtual. E eu detestei.

Um alarido de vozes brotava da direção do mercado, conforme os trabalhadores começavam a subir o morro para se juntar aos outros curiosos, que surgiam de todos os lados.

Devagar, Dan foi se levantando. O Porsche estava semiencoberto pela caixa de correio, mas ele conseguiu ver suas rodas brilhantes de magnésio e as janelas escuras.

— Se eles não tivessem salvado a nossa pele...

— Tomem cuidado — Alistair avisou.

De repente, Dan ouviu as portas se abrirem de supetão. Ele gelou.

— *Prrr?*

Dan ouviu o miado choramingado. Seu coração bateu mais forte quando um animal sedoso roçou seu tornozelo. Ele olhou para baixo e viu um gato, um Mau Egípcio idêntico a Saladin, exceto pela aparência meio sarnenta.

— Oh... — disse Amy com um sorriso esperançoso.

— Esse gato é igualzinho a você sabe quem — comentou Dan.

O gato se aproximou de Amy, que estendeu os braços para pegá-lo.

— Essa raça é muito comum por aqui — Alistair respondeu numa voz distraída, com os olhos ainda fixos no Porsche. — Será que tem alguém... vivo ali dentro?

Em resposta, uma pessoa saiu cambaleando de trás da caixa de correio. O fôlego de Dan ficou preso na garganta.

— Da próxima vez, moleques, não entreguem as passagens de bandeja — disse Nellie Gomez.

CAPÍTULO 9

DAN FICOU BOQUIABERTO, IGNORANDO A IRMÃ, QUE ABRIA E FECHAVA a boca numa surpreendente imitação de baiacu pintado.

— *Prrr?* — fez Saladin.

— *Demaaaaaaaaaaaaais!* — Dan gritou para quem quisesse ouvir. Pegou Saladin no colo e se jogou nos braços de Nellie.

Amy estava com cara de quem tinha visto um fantasma. Mas para Dan, Nellie era bem real. Ela tinha aquela textura... de couro e metal. E, uma fração de segundo depois, Amy também se jogou em cima dela. Chorando, é claro. O que fez Nellie chorar também. O que quase estragou todo o clima. Até o tio Alistair estava com os olhos marejados.

Saladin subiu nos braços de Amy, e ela deu um sorriso descrente.

— Mas como você...?

— Como eu achei vocês? — Nellie riu. — Estava em todos os noticiários: metrô interditado, pessoas nos trilhos... Daí eu, tipo, *putz!* Só podem ser a Amy e o Dan!

— Onde você arranjou esse carro tão legal? — acrescentou Dan.

— De onde vieram esses tiros? — emendou Amy.

— Cadê a sacola preta? — Dan quis saber.

— Como você escapou dos Kabra? — foi a vez de Alistair.

— Opa, calma lá — Nellie interrompeu com uma risada. — Eu ainda

preciso de ajuda!

Atrás dela, duas figuras sombrias saíram do carro.

— Ela não fugiu de nós — disse lan Kabra.

— Dão besbo — confirmou Natalie com uma voz fanha.

Dan sentiu seu sangue descer até os pés. Amy agarrou o braço dele.

— A gente acaba de sobreviver a um ataque ninja — Dan disse a ela. — Lembre que eles são dois, contra nós quatro.

— *Prrr* — disse Saladin.

— Foi mal, cinco — sussurrou Dan.

— *A-tchiiim!* — espirrou Natalie. — Odeio gatos.

— *ATACAR!* — Dan gritou.

lan lançou para ele um sorriso paciente e brandiu uma pistola atordoadora.

— *Dan... agache!* — gritou Amy.

— Você perguntou de onde vieram os tiros? — disse lan. — Eis a sua resposta. Vocês sobreviveram à Yakuza porque eu tinha essa arma na mão. E porque insisti em alugar um carro com agilidade e precisão, e não a velharia que sua babá queria.

— Se vocês alda dão berceberam, seus ibecis, dós salvabos vocês. *A-tchiiim!*

— Mas... por quê? — Dan perguntou. — Vocês odeiam a gente.

— Isso é berdade — Natalie admitiu com um suspiro cansado.

— Ei, Nat. Toma seu remedinho pra alergia, ok? Assim você não fica espirrando em cima de mim no carro. — Sorrindo para Dan e Amy, Nellie abriu a porta do motorista. — Entrem, todos vocês.

— Mas... — disse Amy, olhando relutante na direção dos Kabra.

— Temos que sair daqui antes que a Yakuza volte. Vou explicar tudo. Ah! E as malas estão lá no porta-malas.

Beleza!, pensou Dan. Isso significava que as espadas estavam lá. O menino subiu no banco de couro macio com Amy e lan, enquanto os outros se espremiam na parte da frente.

— Nossa, isso sim é que é estilo — observou Dan. — A gente pode ficar com este carro?

— Nós deixamos umas... roupas e acessórios perto da estação de metrô — disse Alistair polidamente. — Talvez eu possa lhe indicar o caminho, Nellie.

— Apertem os cintos de segurança! — Nellie mandou. Ela deu partida e o carro se afastou do meio-fio. Nellie pisou no acelerador para cruzar um sinal amarelo. Alistair fez um gesto para que virasse à direita, enquanto ela continuava falando:

— Certo, atualizando. Quando vi o Poindexter e a Mortícia no avião, eu pirei. Eu pensei, tipo, o que aconteceu com as crianças? Achei que eles tinham devorado vocês. Então eles me contaram o que aconteceu. Ainda se gabando. Eles têm tipo 14 e 11 anos, mas falam como se tivessem saído de um tabuleiro daquele jogo *Detetive. Roubamos as passagens, hohoho!*... Enfim, eles tentaram me ameaçar, etc. etc., e é claro que eu discuti e fiquei pensando aqui comigo: *Haha, agora só falta eles botarem veneno na minha bebida*... Mas daí eu pensei, tipo, Ah, peraí é claro que eles não são tão podres assim. Então eu vi a Mortícia fazendo isso, tipo a *2 centímetros de mim*... E aí, hello? Eu fiquei meio pé da vida... tipo, fingi que ia beber e então *tchá*, espirrei o lance na cara deles. Daí eu tipo *Haha, que comédia*, mas eles ficaram doidinhos e começaram a se empurrar pra pegar a bolsa deles... daí os dois, tipo, *Eca, tem nojeira no meu rosto!* E eu disse: *Vê se cresce, cara!* Aí eu peguei a bolsa deles e sentei em cima. Hmmm. Não foi uma boa ideia.

— O veneno estava em forma concentrada — lan falou. — Na quantidade que Natalie tinha usado, podia ter nos mutilado, talvez nos deixado cegos.

Amy se afastou dele com repulsa, quase esmagando Dan na janela do carro.

— E vocês iam deixar a Nellie beber essa coisa? — ela disse.

— Nós só queríamos deixá-la incapacitada por um tempo — falou lan. — Só uma gota. Mas Natalie deixou o frasco escorregar durante uma turbulência. Antes que tivéssemos tempo de alertar sua babá de piercing no nariz, ela nos encharcou. Ainda bem que ela deixou que pegássemos o antídoto na bolsa.

— Que gentileza — afirmou Amy.

— Em troca, eu convenci os dois a me darem toda a grana que tinham na

carteira — explicou Nellie.

— Isso foi suborno — Natalie resmungou.

Nellie virou o volante bruscamente para a direita, e Dan achou que ia carregar uma marca impressa de Amy para o resto da vida. De canto do olho, ele viu a mão de Amy roç0' sem querer na de lan. Ela deu um gritinho e recolheu a mão rapidinho.

— *Prrr!* — fez Saladin, arqueando as costas e cuspindo em Ian.

— Ahn, enfim. — lan se afastou do gato. — O motivo para ainda estarmos aqui é que gostaríamos de propor uma aliança temporária. Como explicamos para sua *au pair* suína, temos uma coisa de que vocês precisam.

— Tipo, duasp assagens de avião? Tarde demais. E a gente ia preferir fazer aliança com um balde de lodo do que com um Kabra... se é que dá pra distinguir as duas coisas. — respondeu Dan.

— Está bem — replicou lan. — Vamos usar nosso artefato e encontrar a pista sozinhos...

Alistair virou-se na direção de lan.

— Artefato?

— Que alívio, enfim uma mente aberta — disse lan com um sorriso maroto. — Como o senhor Oh bem sabe, os Lucian vêm colecionando as pistas há muitos anos. Os Ekat também. E presumivelmente também os... Ei, qual é mesm° o clã de vocês, Daniel?

— O clã Cahill — retrucou Dan, que odiava o fato de ele e Amy serem os únicos que não sabiam a que clã pertenciam. — E você tá pirando se acha que vamos colaborar com vocês.

— Dan, eles salvaram nossa vida — lembrou Amy.

— E também tentaram matar a gente! No desabamento em Salzburg nos canais de Veneza...

— Pois é... Viram só como as coisas mudam! — observou Natalie, esfuziante.

— Nosso... item pertenceu a um guerreiro japonês. Vai ser importantíssimo para encontrar a próxima pista. Mas, puxa, nem eu nem a Natalie entendemos japonês. E é aí que você entra, senhor Oh. — Ele se debruçou sobre o banco da frente. — Você nos dá o que sabe. Nós lhe damos

o que temos. Vamos trabalhar juntos.

— É só pra essa pista — Natalie logo acrescentou. — Depois disso, dispensamos vocês. Temos uma reputação a zelar.

— Pare aqui — Alistair pediu a Nellie.

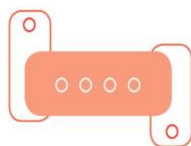
Irrrrrrc! Cantando pneu, o Porsche parou em um canto afastado.

— Como vou saber se podemos confiar em vocês? — perguntou Alistair.

— N-nós já sabemos que não p-p-podemos — disse Amy.

Ian sorriu e enfiou a mão no bolso, de onde tirou um saquinho de veludo estampado com o brasão dos Kabra. Ele o enfiou sobre a mão esquerda de Amy.

— Isto é para você, Amy Cahill. Agora, como vamos saber que podemos confiar em vocês?





Uma moeda.

Uma reles moeda de ouro com um símbolo — era com aquilo que os Kabra estavam comprando a confiança deles. Alistair leu os escritos em japonês no verso, segundo os quais talvez a moeda tivesse pertencido a Hideyoshi. Talvez. Dan achou aquilo o fim da picada. Colaborar com os Kabra era como dar um beijo na própria irmã. Tá, talvez não tão ruim assim.

— A moeda é muito bonita — sussurrou Amy, enquanto eles dobravam a esquina na direção do beco onde Dan tinha largado os objetos. Logo à frente deles, o tio Alistair relatava a Ian e a Natalie o que tinha acontecido no metrô.

— Parece uma ficha de fliperama! — resmungou Dan.

— O tio Alistair não acha isso — murmurou Amy. — E ele é numismata.

— Ele fica pelado em público? — Dan perguntou.

— Numismata é uma pessoa que *coleciona moedas!* Além disso, estou sentindo que lan está falando a verdade.

— Isso é porque ele encostou na sua mão e te enfeitiçou.

— Xiu! — fez Amy, quando lan olhou de relance na direção deles.

O céu de fim de tarde parecia ter sido pintado com um vago tom arroxeado quando eles chegaram ao beco em frente à estação de metrô. O paletó de seda ainda estava no canto, como uma velha bolsa que alguém tivesse jogado fora. Apesar da penumbra, Dan conseguiu ler no rosto de Amy aquele olhar que ele á conhecia.

Foi mal te envergonhar na frente do seu namorado, ele pensou.

Alistair se ajoelhou e pegou o recipiente em formato de cubo.

— Vamos depressa — ele disse.

Com um suspiro relutante, Dan tentou tirar a tampa enferrujada do cilindro. Ao seu lado, Alistair jogou o cubo para longe, com nojo.

— Aqui só tem lagartixas.

Quando ele estendeu a mão para pegar outro objeto, um carro preto e comprido parou do lado oposto do rua. Um homem de uniforme saiu do banco do motorista e contornou o veículo para abrir a porta do passageiro.

Dan se escondeu na sombra para observar. Um homem asiático, magro feito um cabo de vassoura e muito velho, saiu do carro. Seus cabelos brancos prateados caíam por cima dos ombros, e ele vestia um elegante terno escuro com um lenço de seda no bolso. Seguindo pela calçada a pé, ele pegou o celular enquanto se ajoelhava junto à entrada do metrô e espiava lá dentro.

Dan cutucou Amy no ombro.

Ele ouviu o tio Alistair soltar uma exclamação abafada e murmurar alguma coisa em voz muito baixa, algo que soava como *bye-bye.*

— *Bye-bye?* — disse Dan, e Alistair de repente o puxou mais para dentro da sombra.

O senhor idoso voltou para dentro do carro, que logo sumiu de vista.

— Quem era ele? — perguntou Dan. — O rei da Yakuza?

— Nós... — A voz de Alistair parecia estar presa na garganta. — Temos

que sair daqui depressa. Abram todos os recipientes. Agora.

Com um grunhido, Dan finalmente conseguiu arrancar a tampa do cilindro, soltando um rio de para- fusos, pinos, porcas e rebites.

— Fascinante... — lan derramou para fora algumas ferramentas da caixa retangular na qual estava mexendo. — Adoro martelos.

Alistair soltou um suspiro frustrado.

— Essa câmara que nós achamos talvez tenha sido um depósito de equipamento do metrô que eles lacraram durante a construção, muitos anos atrás, e depois esqueceram.

— Mas que operário do metrô deixa haikais misteriosos por aí? — perguntou Amy, enquanto tentava abrir a tampa do tubo triangular.

— Talvez sejam versos de uma música — disse Dan com um sorriso cansado. — Deve ser o trilho sonoro do metrô.

— Olha só! — Amy avançou até a luz do poste, enquanto tirava de um tubo um pergaminho comprido. Os outros se amontoaram à sua volta, e Dan apontou a lanterna para o texto que havia no centro do velho documento. Estava escrito numa caligrafia escura, elegante, cercado por uma paisagem desbotada, parecendo inacabada, com uma formação rochosa e uns morros.

Alistair começou a traduzir:

— “No lugar da conquista final, entre os três chifres jaz a riqueza do povo. E pela união dos elementos é concedida a entrada, revelando o mais elevado.”

— Claro como *wasabi* — comentou Dan.

— Essas letras bem abaixo — disse Amy. — Elas parecem.., letras normais.

Dan então iluminou um grupo de letras toscas, escritas com traços grossos, na parte de baixo do pergaminho:

TOOTA

— Toota? Será que é uma transcrição fonética da palavra francesa *toute?* — especulou Ian.

— Com certeza, lan — respondeu Dan. — *Francês,* num pergaminho japonês.

— "Conquista final"... — murmurou Alistair. — É isso! Essa é a chave. Eu sei onde está a pista!

— Onde? — Amy e Dan perguntaram ao mesmo tempo.

Um sorriso surgiu no rosto de Alistair, pela primeira vez naquele dia.

— No lugar onde Hideyoshi armou sua campanha final e sofreu sua derrota mais humilhante!

— Ah, sim — disse lan, incerto. — É claro. E esse lugar seria...?

— Vamos para casa — anunciou Alistair com os olhos brilhantes. — Vamos para a Coreia.

CAPÍTULO 10

BAE.

O nome, que um dia já tinha sido tão importante em sua vida, agora deixava Alistair enfurecido.

O tio Bae estivera tão perto. Do outro lado da rua!

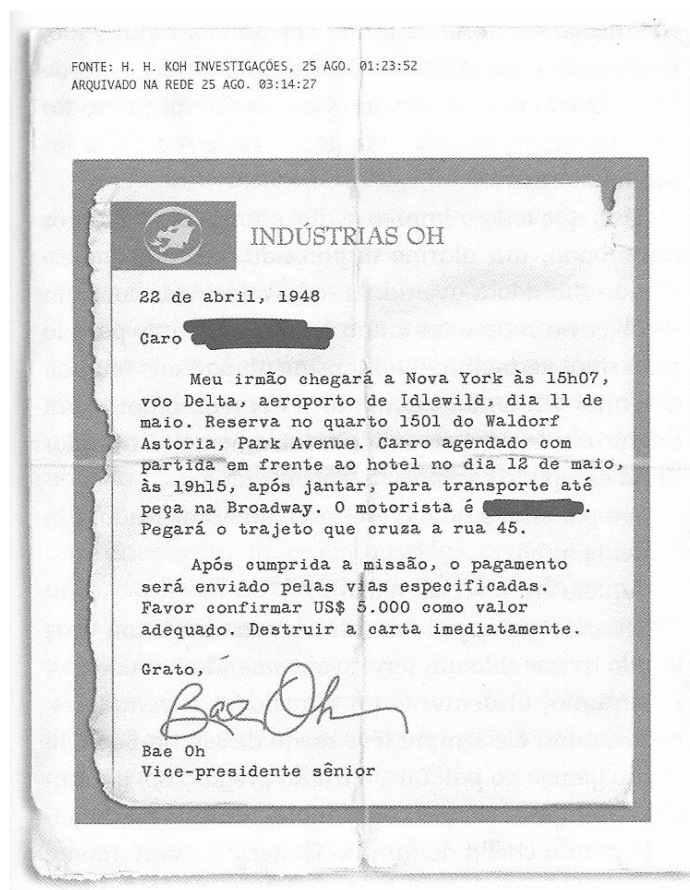
Não era o momento certo, Alistair lembrou a si mesmo. Ele teria que esperar. Era necessário planejar.

Ele se virou para olhar seus companheiros de voo. Os Kabra assistiam a um episódio antigo de The O.C. nas telas individuais em frente de suas poltronas, enquanto os irmãos Cahill faziam as palavras cruzadas da revista de bordo.

Em silêncio, ele desdobrou a folha que tinha imprimido na biblioteca. Ao longo de toda a sua vida, Alistair gastara uma fortuna com detetives particulares, à procura do homem que havia tirado dele o que ele possuíra de mais valioso. Agora a identidade do homem tinha sido descoberta. Morrera de velhice... Um senhor respeitável que secretamente tinha feito a sua fortuna como assassino de aluguel, mantendo em um cofre o relatório de cada serviço prestado ao longo da vida. Ao que parecia, ele havia guardado todos os documentos referentes ao seu trabalho.

Alistair esticou o papel na mesinha do assento. Com os dedos trêmulos leu, pela centésima vez, o que estava escrito:

Alistair se forçou a ler aquilo novamente, represando a náusea e a raiva.



FONTE: H. H. KOH INVESTIGAÇÕES, 25 AGO. 01:23:52
ARQUIVADO NA REDE 25 AGO. 03:14:27

INDÚSTRIAS OH

22 de abril, 1948

Caro [redacted]

Meu irmão chegará a Nova York às 15h07, voo Delta, aeroporto de Idlewild, dia 11 de maio. Reserva no quarto 1501 do Waldorf Astoria, Park Avenue. Carro agendado com partida em frente ao hotel no dia 12 de maio, às 19h15, após jantar, para transporte até peça na Broadway. O motorista é [redacted]. Pegará o trajeto que cruza a rua 45.

Após cumprida a missão, o pagamento será enviado pelas vias especificadas. Favor confirmar US$ 5.000 como valor adequado. Destruir a carta imediatamente.

Grato,

Bae Oh

Bae Oh
Vice-presidente sênior

Cinco mil dólares.

A vida do pai dele por 5 mil dólares.

Os detalhes do que acontecera em Nova York estavam soldados no cérebro de Alistair. Ele ainda carregava consigo o recorte de jornal carcomido, amarelado, noticiando o assassinato: "Nova York, 12 de maio de 1948. O empresário coreano Gordon Oh foi morto no cruzamento da avenida Madison com a rua 45, a caminho do teatro."

Eis o que toda a imprensa dizia: uma loja de ternos arrombada, um alarme disparando, o ladrão desesperado subindo a avenida a toda velocidade com um revólver na mão e tentando render um carro parado num sinal vermelho — a limusine alugada de seu pai. O senhor Oh tentara dominar o homem. Lutara com bravura, mas perdera a vida tragicamente. O atirador tinha escapado e jamais foi encontrado.

Seu pai estava no lugar errado, na hora errada. Um acidente infeliz.

Aquela era a versão oficial.

Quando criança, Alistair nunca suspeitou que aquilo tivesse sido um serviço encomendado. Às vezes, no entanto, acidentes eram planejados e matadores, contratados. Ele sempre teve medo de seu tio Bae Oh, irmão gêmeo do pai. Bae, o irmão preguiçoso, ganancioso, sempre fazendo corpo mole, tantas vezes rejeitado para a chefia da família Ekaterina, eternamente à sombra de seu irmão, o vigoroso e querido Gordon. Quando adulto, Bae só sabia jogar sujo, sendo tão inescrupuloso quanto um Kabra em suas transações comerciais.

Bae tinha sede de glória e riquezas... e das 39 pistas. Qualquer um que atrapalhasse seu caminho precisava ser eliminado. Até mesmo se fosse seu próprio irmão.

Não importava que Gordon tivesse, do outro lado do mundo, uma esposa que, de tanta tristeza, precisou ser hospitalizada. Ou um filho de 4 anos, cujo coração foi arrancado do peito no dia da morte do pai.

Um menino triste e sozinho, que acabou sendo criado por um homem com coração de vidro, que o ignorou e humilhou a vida inteira.

Seu tio Bae Oh. O mandante do assassinato.

Alistair olhou de relance para os irmãos Cahill. Eles estavam discutindo alguma resposta das palavras cruzadas, a conversa virando uma piada, o menino inventando alguma palavra sem sentido, depois um jorro de palavras sem sentido, uma explosão de gargalhadas. Ainda pareciam as mesmas crianças de onze anos atrás, um recém-nascido e uma menina de 3 anos. Na época em que Alistair fizera aquela promessa para Hope e Arthur. Uma promessa quase impossível de ser cumprida.

As crianças não deviam lembrar, é claro. Mas ele lembrava. E agora o casal estava morto, pelo mesmo motivo que o fez perder os próprios pais. Pelas 39 pistas.

Ele deu um suspiro. Pelo menos os irmãos tinham um ao outro.

A única esperança de Alistair era a vingança.

Seus dedos tremiam enquanto ele dobrava a folha e a colocava de volta no bolso. Naquele voo, ele sabia que não ia dormir.

CAPÍTULO 11

DIZIAM OS BOATOS QUE ALISTAIR OH ESTAVA FALIDO. SEU NEGÓCIO não tinha dado certo. Mas quando Amy viu sua mansão, numa vila perto de Seul, capital da Coreia do Sul, ela começou a pensar em receitas para recheios de burrito.

— Caramba! De quem é esse palácio? — perguntou Nellie, quando a limusine parou após a curta jornada do aeroporto até lá.

Um casarão branco, imaculado, erguia-se reluzente sobre um luxuoso gramado em declive. O caminho da entrada, decorado com crisântemos alaranjados e amarelos, levava a um pequeno bosque de cerejeiras e cornisos, suas folhas farfalhando na brisa. O simples fato de estar naquele cenário dava vontade de sorrir.

— Cadê a casa principal? — perguntou Natalie, quando eles saíram do carro.

— *Voilà* — Alistair apontou a mansão com um gesto desanimado. Ao longo de todo o dia, Amy observou que ele parecia cansado, meio fora de sintonia.

— Onde? Atrás desse chalezinho?

Ian deu uma cotovelada nas costas da irmã.

— Minha casa é uma das poucas regalias que restaram dos meus dias de magnata dos burritos — disse Alistair, enquanto subia pelo caminho da

entrada. Foi acompanhado dos Kabra e do motorista, que carregava as malas de Dan e Amy. — Assim como o senhor Chung, meu motorista. E Harold, meu mordomo. Nossa modesta equipe. Antigamente era tudo bem mais grandioso.

— Como diz o ditado, o que vem fácil vai fácil. Não que eu já tenha passado por isso — comentou lan. — Mas a casa tem belas... ahn... esquadrias nas janelas.

— Obrigado, elas foram importadas da América do Sul — respondeu Alistair.

Dan se aproximou da irmã enquanto eles seguiam atrás dos outros.

— *Esquadrias?* — ele resmungou. — Que cara normal de 14 anos fala sobre esquadrias?

Amy deu de ombros.

— Você conferiu a sacola? — ela sussurrou.

— Conferi. Rênulo e Remo ainda estão lá.

Amy descalçou os sapatos e pisou na grama macia, recém-cortada. Uma brisa fresca fez cócegas em seu nariz e a menina deu uma gargalhada, girando os braços enquanto rodopiava no gramado, apoiada no tornozelo que não estava machucado.

— Ah, que ótimo. Bem na Coreia do Sul minha irmã resolveu virar a Noviça Rebelde.

Ops.

Amy deixou os braços caírem. Agora todos estavam olhando para ela. Ela se sentiu como na aula de balé. Atarracada, descoordenada e feia. Baixou os olhos para o canteiro de trevos como se, olhando fixo o bastante, pudesse desaparecer dentro dele.

— O que sua irmã está fazendo — disse lan, andando em direção à casa — se chama divertir-se. Talvez você pudesse aprender com ela, Daniel. Costuma ser bem agradável.

— Agradável? — perguntou Dan. — Amy?

Amy mostrou a língua para o irmão. lan estava sorrindo para ela, o que lhe revirava o estômago, mas ela conseguiu retribuir o sorriso. Só para deixar Dan irritado.

Ela ficou alguns passos atrás de lan enquanto eles chegavam ao topo do morro, até que conseguiu ver os fundos da casa de Alistair. A construção se estendia num grande terraço com vista para uma piscina e um vasto gramado. De um lado, havia um riacho sinuoso que cruzava um belo jardim de pedras com um lago cheio de peixes dourados. Do outro, uma cerca viva grossa, que parecia infinita.

— Comprei isto com os burritos sabor tempurá para micro-ondas — contou Alistair, fazendo um gesto para indicar a paisagem.

— Bem calmo. É mesmo incrível o que se consegue fazer com um espaço limitado — comentou Natalie.

Alistair ergueu a sobrancelha.

— Não chega nem perto da residência dos Kabra, pelo que ouvi dizer.

— Nós odiamos ter crescido naquele lugar — respondeu lan. — Todo ano, um de nós acabava se perdendo nas campinas, e eles tinham que mandar os poodles farejadores atrás de nós.

— Os o *quê?* — Dan indagou.

Natalie deu um suspiro de lamento.

— Alguns dizem que foi uma infância opressiva, mas foi a única que tivemos.

Nellie surgiu de dentro da casa. Atrás dela vinha um mordomo de uniforme, segurando uma bandeja com seis garrafas de refrigerante, que ele colocou sobre uma mesa rodeada por seis cadeiras de madeira.

— Obrigado, Harold — agradeceu Alistair enquanto o serviçal se curvava e voltava para dentro. — Se Toyotomi Hideyoshi tivesse conseguido o que queria, este lugar hoje pertenceria ao Japão. Ele pretendia conquistar todo o leste da Ásia, e nunca tinha fracassado na vida. Alguns dizem que sua intenção era erguer o mais grandioso de seus palácios aqui na Coreia, para gerar um herdeiro que assumiria o reinado. Ele também tinha planos de construir enormes depósitos e esconderijos. Hideyoshi foi um dos colecionadores mais notórios da História...

— Eu sabia que esse cara era legal! — disse Dan.

— De acordo com as lendas da família, ele possuía o bem mais valioso de todos. Uma das pistas do segredo da família Cahill, que ainda estamos

procurando cinco séculos depois. — Ele suspirou. — Nenhum Ekat jamais encontrou essa pista. Ninguém suspeitava que ela pudesse estar na Coreia. Mas nosso pergaminho nos levará até ela, se descobrirmos como lê-lo do jeito certo.

— Cara, tô dentro — disse Dan. — Por onde a gente começa?

— Infelizmente — Alistair bocejou —, não consigo funcionar direito depois de um voo tão desconfortável. Não consegui dormir. Vocês concederiam a um velho uma soneca de meia hora em sua própria cama? Harold vai lhes servir uma refeição. Por favor, fiquem por perto, não saiam por aí.

— Claro — disse Amy.

Alistair acenou para eles e entrou na casa.

— Comida, bebida, revistas, TV, internet, aparelhos portáteis? perguntou Harold.

— Você tem aí o jogo *Warcraft?* — disse Dan, afoito.

Harold sorriu.

— Segunda porta à direita.

Enquanto Dan corria para o interior da casa, Natalie se acomodou numa espreguiçadeira com a edição coreana da revista People, e Nellie ficou mexendo no iPod.

lan estava olhando para o gramado.

— O que é aquilo? — perguntou.

— O q-q-que é o quê? — gaguejou Amy.

Ele apontou para uma cerca viva densa, com uma abertura estreita.

— Será que é um labirinto? Vamos dar uma olhada.

— M-Melhor não.

— Por que não? O que mais nós temos para fazer?

Ele está com aquela cara estranha, pensou Amy. Um sorriso curioso, como se ela tivesse acabado de recusar um sorvete ou o prêmio da loteria. Como se não tivesse ocorrido a ele que alguém pudesse simplesmente lhe dizer não.

— Alistair m-m-mandou a gente não fi-fi-ficar passeando por aí — ela explicou, enfiando as mãos nos bolsos.

lan apontou com a cabeça, num gesto provocativo.

— Achei que você fosse uma intrépida exploradora.

— Ah, t-tenha dó... — respondeu Amy, tentando dizer algo sarcástico, e resistindo ao formigamento que saía de sua nuca e se espalhava pelo seu corpo.

— Bom — ele disse, dando de ombros —, você é que sabe.

Enquanto ele se afastava, Amy fez menção de segui-lo, porém parou de repente.

O que estou fazendo?, ela pensou.

Ele era um babaca. Era um super-hiperbabaca. Era uma nova definição de babaquice. Ela não precisava ir atrás dele.

Seus dedos se fecharam em volta da moeda que ele lhe dera. Ela tirou a moeda do bolso e a jogou no ar.

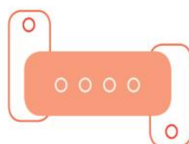
— Se der cara eu v-v-vou; se der coroa, eu f-f-fico.

A moeda aterrissou com o símbolo estranho virado para cima. Mas aquilo era uma cara ou uma coroa?

lan deu um suspiro decepcionado.

— Bom, enfim, é uma pena...

Quando os cabelos dele, brilhando ao sol, sumiram atrás da cerca viva, ela virou as costas e entrou pisando duro na casa.



— *AAAAAHHHHHHH!*

Ao ouvir aquele grito, Alistair saiu ainda zonzo e descalço do quarto. Passou correndo por Amy, que estava tomando suco de laranja na cozinha.

Ela o seguiu para fora da casa, com Harold e Dan bem atrás.

Ao longe, Amy ouviu um rosnado furioso, o barulho de algo roçando na cerca viva. lan saiu de repente da abertura, sem um dos sapatos, correndo a toda velocidade.

— SOCOOOOOORRO!

Atrás dele vinha um cachorro enorme, que parecia ser uma mistura de pit-bull com dogue alemão e também, aparentemente, de urso.

— Mas o que...? — disse Alistair. — SENTA!

— Não consigo sentar! Ele mordeu o meu traseiro! — gritou Ian.

— *É mesmo?* — disse Nellie, abrindo um sorriso.

Alistair seguiu mancando até o gramado e, ao chegar lá, apontou o dedo para a fera, que docilmente baixou a cabeça e deu um ganido.

— É assim que você me recebe quando eu volto, sua diabinha? — Alistair chamou a atenção do animal. — Que feia! Muito feia, Buffy!

— *Buffy?* — perguntou Dan.

GRRRRRRR.

— Xiu! Ela é muito temperamental em relação ao próprio nome — cochichou Alistair.

— Vou processar você! — cuspiu lan. — Vou processar você e essa cachorra. Vou processar a Coreia do Sul. E... e...

— O paisagista? — disse Natalie.

— E o *paisagista!* — gritou lan.

— Buffy na verdade é um doce de cachorra — explicou Alistair, lançando um olhar suspeito para lan.

— A não ser quando alguém a pega de surpresa.

— *Rauff! Rauffl* — latiu Buffy, jogando uma chuva de saliva para todos os lados.

— Ela é tão fofa! — disse Nellie.

— *Isto aqui é seda persa feita à mão!* — lan virou de costas, revelando um rasgo na calça que expunha uma cueca samba-canção com cifrões, cor-de-rosa num fundo branco. E então rapidamente se desvirou. — Hã... Deixa pra lá.

— Demais! — comemorou Nellie.

— Cala a boca — Natalie ordenou, ela própria mal conseguindo abafar uma risada.

— Não consigo ver qual é a graça! — gritou lan com os olhos vermelhos de raiva e vergonha. — E vocês também não vão achar graça nenhuma. Eu vou fazer você perder todo o seu dinheiro, Alistair. Vou deixar você na lama e...

— Rapazinho — Alistair interrompeu-o bruscamente —, eu sou velho e sábio demais para ser intimidado por um moleque de 14 anos que interrompe meu descanso tão necessário com suas travessuras. Por que você estava xeretando minha propriedade se eu disse para você não fazer isso?

— Que tipo de gente põe um cão de guarda no meio de um labirinto? — retrucou lan. — O que tem ali atrás, Alistair? O que você está escondendo?

Alistair limpou a garganta. Em seguida tirou um pente do bolso e arrumou o cabelo como se estivesse prestes a sair para uma reunião de negócios.

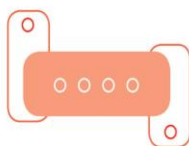
— Acho que vamos ter que fazer isso agora. Talvez o senhor Kabra queira trocar de roupa. — Ele gritou por cima do ombro: — Harold, por favor, aplique um antisséptico nos ferimentos do rapaz.

lan ficou pálido.

— Eu posso fazer isso sozinho — ele disse, entrando 1 na casa.

Nellie se recostou numa espreguiçadeira com o rosto coberto de protetor solar.

— Me acordem quando tudo isso acabar.



Enquanto eles passavam pela cerca viva, Amy enxergou a dor nos olhos de lan. Ele estava vestindo uma calça do uniforme de Harold, que era alguns tamanhos maior que a dele.

— Isso coça resmungou lan.

— Não trouxe uma calça reserva na bolsa? — Dan perguntou, — Que chato!

Dando uma risada idiota, Dan disparou na frente. lan virou-se para Amy, tentando dar um sorriso encorajador.

— Quis dizer que a mordida coça. Não a calça.

Ela acertou o passo com o dele.

— Ele... ele... ele devia ter... — Quanto mais ela tentava, pior era a

sensação. As palavras pareciam bolas de vôlei entaladas na garganta.

— Alistair devia ter me avisado? completou Ian. — Obrigado. Tirou as palavras da minha boca.

— Pois é... — respondeu Amy. Boa de papo, hein?, ela pensou, enquanto segurava o colar de jade, mexendo freneticamente na corrente.

— Mas *você* me avisou — disse lan em voz baixa. — Eu devia ter prestado mais atenção.

— Ah... — murmurou Amy, tomada pela sensação de que a temperatura de repente tinha subido uns cinco graus.

lan deu risada.

— Enfim. Acho que só vai doer quando eu sentar.

Amy continuou caminhando ao lado dele, observando suas pegadas na grama, contando quantos passos ela dava em comparação a ele. O primo tinha uma passada comprida.

Em pouco tempo, eles alcançaram os outros. Alistair parou em frente a um trecho da cerca e enfiou as mãos dentro dela, à procura de alguma coisa.

Dan estava olhando feio para Amy

Que foi isso?, era o que seu rosto indagava.

O menino lançou um olhar acusador para lan. Antes que ele tivesse tempo de devolver o olhar, Amy virou o rosto para o outro lado.

Ela conseguia ler a mente do irmão mesmo assim. Odiava quando Dan tinha razão.

Alistair agora estava afastando alguns arbustos para revelar uma porta com uma escotilha redonda, de ferro fundido. Os Kabra, os Cahill e Buffy se apinharam ao redor do tio, todos de boca aberta, inclusive Buffy, que estava babando.

Na escotilha estava grafado o número 5005. Embaixo dela havia uma tranca pesada e um disco com os números de 1 a 30 gravados, como um cofre com senha.

— Isto aqui, crianças — explicou Alistair com orgulho —, foi churrasco de costela.

Dan deu uma batidinha na tranca com os dedos.

— Deve ter ficado muito tempo no sol.

— Eu quis dizer que as vendas dos meus burritos sabor churrasco de costela financiaram isto — explicou Alistair. — A combinação envolve quatro números, e todas as informações necessárias estão aqui. Vocês têm três tentativas. Posso dar uma pista, mas vai custar uma tentativa.

Ian franziu a testa. Amy viu as engrenagens girando dentro da cabeça dele.

Ela respirou fundo. 5005. Tinha alguma coisa peculiar naquele número.

— O número é um palíndromo — arriscou lan. — É igual de trás para a frente e de frente para trás. Isso talvez signifique alguma coisa.

— É 2-0-0-2 de ponta-cabeça — sugeriu Natalie.

Dan deu um sopro de impaciência.

— Riqueza não garante inteligência. É tipo, muito óbvio, cara.

— O quê? — perguntou Jan.

— Não precisa pensar muito. O tio Alistair disse que temos todas as informações necessárias! — Dan girou no disco os números 5, 0, 0 e 5 e então puxou a tranca.

Ela não se mexeu.

— Essa foi a primeira tentativa — disse Alistair.

— Talvez *pensar* não seja uma ideia tão ruim — disse lan, olhando de relance para Dan.

— Acho que precisamos da pista — concluiu Natalie.

— Muito bem. É uma charada: Como você pode faturar com o relógio do seu primo? — lançou Alistair.

A pergunta ficou pairando no ar. A mente de Amy estava a mil.

— Primo... — disse Dan, cujo rosto virara uma máscara enrugada de concentração. — Bom, “primo” também significa ‘primeiro”, então pode ser que um dos números seja *1!*

Quando ele fez menção de girar o disco, Alistair alertou:

— Lembre-se de que vocês só têm mais uma tentativa. Se errarem, não posso deixar vocês entrarem.

A mão de Dan congelou.

— Vamos lá, pessoal, me ajudem aqui. Que outro número além do 1?

— Bem, e essa história do relógio? — lan questionou. — Que número

tem a ver com um relógio?

— Doze tem a ver com um relógio. E 60 também. Mas não tem 60 no disco, então deve ser 30. Então... 1, 12 e 30? — conjecturou Dan.

— Não! — exclamou Amy. Ela não tinha certeza, mas a charada parecia mais complexa que aquilo. A pista devia estar escondida nas próprias palavras... Só era preciso lê-las do jeito certo. — Hã... acho que não é isso. Posso tentar?

Dan fez uma careta para ela.

— Amy, sou *eu* que resolvo as charadas. Estou sacando esse lance.

Amy se afastou. Talvez ele estivesse vendo alguma outra coisa. Dan sempre via o que ninguém via. Seu irmão era um gênio das charadas. Ele que tinha decifrado um antigo enigma numa pilha de caveiras nas Catacumbas de Paris. Ele que tinha descoberto o segredo da partitura de Mozart.

Mas Dan parecia estar distraído. Ele olhava para lan como se quisesse matá-lo com um sabre de luz. Ele não estava pensando direito.

— Eu. — eu tenho quase certeza que descobri — disse Amy.

Alistair deu um sorriso e apontou para o disco.

— Fique à vontade.

Amy desviou o rosto do olhar descrente do irmão.

— Bem, pensem no começo da frase — "Como você pode faturar...". Existe uma palavra muito parecida com "faturar" que tem tudo a ver com números e matemática...

— Fatorar! — exclamou Natalie.

— O relógio também sugere números — continuou Amy, estendendo a mão até a tranca. — E o primo...

— *Números... primos?* — sugeriu Dan.

— Isso quer dizer que, para encontrar a combinação, temos que encontrar os números primos que, multiplicados, totalizam 5005? — indagou lan. — Parece um pouco improvável...

— Odeio matemática — disse Natalie.

A mão de Amy tremia enquanto ela girava o disco com cuidado.

5, 7, 11, 13.

Clique.

Ela girou a tranca e abriu a escotilha.
— Bem-vindos ao santuário Oh — anunciou Alistair.

CAPÍTULO 12

O CÔMODO É BASTANTE PEQUENO — PENSOU IAN —, *PARA TER UMA feiura tão grande.*

Ele sorriu. Era uma antiga piada da família Kabra.

O menino Cahill — Dan — olhava para aquela salinha mofada, coberta de painéis de madeira, como se estivesse prestes a chorar.

— É pra isso que você tem uma fera assassina devoradora de gente? — ele gritou. — Pra proteger uma *biblioteca?*

Amy estava deslumbrada contemplando o santuário.

— Que... lindo!

Aquela menina era modesta e atenciosa. Que bizarro. Era tão raro lan notar essas qualidades em outras pessoas,.. principalmente na busca pelas 39 pistas. Naturalmente, ele tinha sido ensinado a evitar tais características a qualquer custo, e nunca se associar a alguém que as possuísse. Eram sinais de mau gosto... PPP, como costumava dizer seu pai. Próprio Para Perdedores. E os Kabra jamais perdiam.

E, no entanto, Amy o fascinava. A alegria da menina enquanto corria no minúsculo gramado de Alistair, seu deslumbramento com aquela saleta cafona — não parecia ser possível alguém ficar tão feliz com tão pouco. Aquilo despertava nele um sentimento curioso, que havia experimentado

pouquíssimas vezes. Algo parecido com indigestão, ainda que um pouco mais agradável.

Enfim. Deve ser culpa da calça rasgada, ele pensou. A humilhação amolece a alma.

lan passou os olhos pelas prateleiras abarrotadas, as paredes de carvalho mofadas, a poltrona de couro rachado, as horrendas lâmpadas fluorescentes, os excrementos de rato nos cantos, os frisos lascados, e os objetos de arte que pareciam ter sido comprados numa liquidação para daltônicos. Lindo?

— São livros — resmungou Dan. — Pessoal de Jornada nas Estrelas, me tirem daqui, pelo amor de Deus!

Pela primeira vez, lan era obrigado a concordar.

— Livros raros — disse Alistair, apontando com um gesto grandioso um conjunto de quatro prateleiras envidraçadas. E, além disso, uma das mais completas coleções de documentos secretos sobre a família Cahill do mundo todo. É uma paixão de uma vida inteira, pois poucos itens chegaram a ser reproduzidos. Aqui está nossa maior esperança de decifrar o pergaminho!

lan pensou em se sentar, mas lembrou de como aquilo faria doer sua retaguarda. Ficar em pé também não era agradável, já que a calça de tecido barato raspava em suas pernas como uma lixa. E os resmungos de Dan colaboravam para fazer daquilo uma experiência insuportável.

Ele teria que evitar o menino. A irmã, pelo menos, era interessante. lan imaginou se a falta de cinismo dela seria contagiosa.

Que mau gosto. Mas mesmo assim...

— Talvez fosse bom nós formarmos equipes — sugeriu lan. — Uma corrida. Amy e eu vamos olhar o material nas duas estantes de cima, Natalie e Dan ficam com as duas de baixo.

— Excelente — disse Alistair. — Você concorda, Amy?

— Hã... — Amy tentou responder, desviando os olhos depressa. — É...

Que pena, pensou lan. Tantas garotas reagiam a ele daquele jeito. Aquilo limitava bastante a conversa.

— Nunca participei de uma equipe *extrakabricular* antes — disse Natalie, sorrindo com o próprio trocadilho. — Mas acho que posso tentar.

Dan estava olhando fixamente para um quadro horrível, em que fora

retratado um casal que lan conhecia bem. O homem tinha cabelo grisalho, arrepiado e embaraçado, sobrancelhas grossas e um olhar intenso. A mulher tinha um rosto com feições fortes, que lembrava um cavalo: um maxilar comprido e orelhas grandes. Acima dos dois pairavam vários tipos de símbolos de aspecto peculiar.

— Quem é esse lindo casal? — perguntou Dan.

— Ah, sim, são os elegantes Gideon e Olivia, os Cahill originais, pintados no começo do século XVI — respondeu 1cm. — Seus ancestrais.

Os Kabra melhoraram os genes da família — ponderou Natalie.

— Estão prontos? — Alistair estendeu o pergaminho numa mesa, depois pegou um livro da prateleira. — Vou ajudar a equipe dos mais novos, Natalie e Dan. Um, dois, três, já!

lan passou os dedos pela fileira de livros, alguns com títulos manuscritos nas lombadas: Historicus Cahilliensis: Ekaterina, vols. I e II, Joias da arquitetura Ekat, Crítica da literatura Cahill do século XVIII... Alguns pareciam livretos, anotações arrancadas de fichários de três aros. Ia ser difícil encontrar alguma coisa de útil ali.

Amy tirou da estante um livro grosso, intitulado *Origens dos Cahill: um compêndio de estudos contemporâneos.*

— Viemos aqui procurar uma pista, não estudar história — reclamou Dan.

— Mas sabemos tão pouco sobre a nossa família...

Natalie ergueu o olhar de um livro que estava vendo.

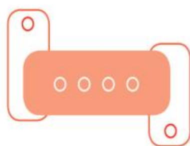
— Não sei por que seus pais nunca lhes contaram a que clã vocês pertencem. Nós conhecíamos nossa história inteira antes mesmo de aprendermos a andar.

lan viu a cara de Amy quase cair no chão. Sentiu um formigamento por dentro. Percebeu que era compaixão, uma emoção que muitas vezes já tinha sentido pelo banqueiro dos Kabra, nos dias em que o mercado de ações ia mal. Aquela sensação, entretanto, de alguma forma era um pouco mais... vívida.

Ele deu um chute na irmã.

— Natalie, você perdeu o senso de... nobreza?

Ela virou o rosto e olhou feio para o irmão.



— "A família Cahill remonta à Dublin do começo do século XVI, com o brilhante e excêntrico Gideon Cahill e sua esposa Olivia" — Amy leu em voz alta.

Alistair confirmou com a cabeça, num gesto de incentivo. Sua sobrinha estava tão entusiasmada que mal conseguia pronunciar as palavras.

— "Alguns dizem que Cahill havia, de fato, feito uma descoberta que mudaria os rumos da humanidade." — continuou Amy. — "Porém, nunca se soube qual era a natureza dessa descoberta. Em 1507, um incêndio repentino devastou o lar dos Cahill. Todos escaparam, menos Gideon, que, no desespero de salvar a obra de sua vida, foi encontrado carbonizado em sua escrivaninha."

— Que lance é esse que os Cahill têm com o fogo? — sussurrou Dan.

Alistair sentiu um aperto no peito. As crianças tinham vivido tantas tragédias... o incêndio que matara seus pais, o que destruíra a casa de Grace.

Ele lembrou por que ele próprio nunca quisera ter filhos. Corria-se o risco de sentir amor por eles. E esse tipo de sentimento podia ser perigoso na busca pelas 39 pistas.

— "De acordo com fontes contemporâneas, na época de sua morte, Gideon estava estudando os segredos da alquimia, na tentativa de transformar metais comuns em ouro." — Amy prosseguiu. — "Ele procurava uma substância chamada 'pedra filosofal'. O problema era que a substância ainda não existia. Era considerada a chave da busca final. Sendo mais perfeita que o ouro, a pedra filosofal, também conhecida como alcaeste, seria poderosa o bastante para transformar outras substâncias em ouro."

— Valeu, professora — disse Dan, folheando enfurecido uma pilha de livretos. — Pode continuar, mas desta vez tente ler em *silêncio.*

— Vocês não *entenderam?*— gritou Amy, pulando da cadeira. — Nós descobrimos!

— Descobrimos o quê? — perguntou Dan.

Amy agarrou o irmão e o virou de frente para ela, como fazia quando ele tinha 3 anos.

— Gideon fez esta “descoberta que mudaria os rumos da humanidade”! Ele decifrou o segredo da pedra filosofal. *Nós descobrimos o segredo das 39 pistas!*

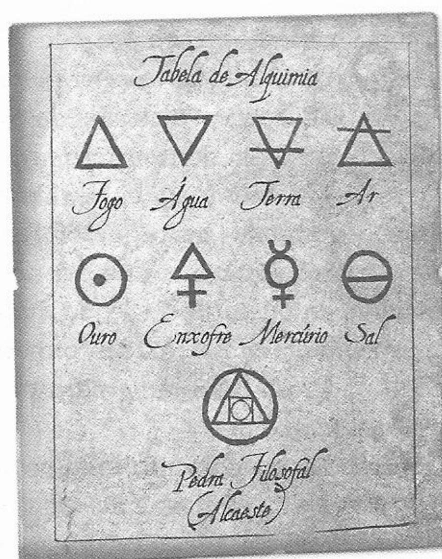
— Você decifrou o código do pergaminho? A pista?

— Não, lan! Uma coisa mais importante que a pista.

Natalie largou o corpo numa cadeira, irritada.

— Então nós perdemos? Eu *odeio* formar equipes.

Alistair olhou por cima do ombro de Amy, empurrando os Kabra, que insistiam em tapar a visão dele. Amy folheou as páginas até chegar a um diagrama de símbolos alquímicos:



Amy tirou uma moeda do bolso.

— O desenho da pedra filosofal está nesta moeda!

— Legal — respondeu Dan. — Mas o que tem de tão importante nisso?

— Não estão vendo? — repetiu Amy. — Esta página é o segredo de tudo... da soma das 39 pistas!

— Então... quando conseguirmos todas elas... — disse Dan, com um sorriso lentamente se abrindo no rosto.

— Vamos possuir o segredo da alquimia: a pedra filosofal! — Amy pôs a moeda de volta no bolso e olhou para o livro. Também vamos descobrir

como a moeda se encaixa na história. Mas ouçam...

— “Após o incêndio de 1507, Thomas e Kate fugiram da Irlanda para a Inglaterra, contrabandeando componentes da obra de Gideon, à qual juraram dar continuidade. Thomas se casou e gerou uma família, porém começou a negligenciar a irmã e a missão. Irritada, Katherine fugiu, levando consigo algo tão importante que Thomas largou tudo para procurá-la. Depois de tentar encontrá-la em Paris, em Veneza e no Cairo, Thomas desistiu. Atraído pela severa cultura dos samurais, ele se instalou no Japão e adotou um estilo de vida modesto. Seu filho mais novo, Hiyoshimaru, cresceu e se tornou Toyotomi Hideyoshi.”

— O Rato Careca era filho do Thomas... do Thomas original? — perguntou Dan. — Isso é interessante.

Alistair olhou de relance para os Kabra, preocupado. Conseguia ler seus rostos secos, sarcásticos — a impaciência com o fato de Dan e Amy estarem descobrindo coisas que as outras equipes já conheciam havia muito tempo. Ele sabia que os Kabra estavam se esforçando para suportar a espera até que os irmãos Cahill superassem esse déficit de aprendizagem. Afinal, Dan e Amy tinham se mostrado ótimos em achar novas pistas que haviam passado despercebidas a todos os outros. E pareciam estar no caminho certo.

— Será que não dá pra pular a introdução e chegar logo às partes que ainda não sabemos? — indagou Natalie, bocejando.

— Levanta essa bunda da cadeira, Natalie, e vamos continuar procurando — disse Dan. — Estamos a... 37 pistas de distância do segredo da alquimia!

Ele virou de costas, na tentativa de enfiar um livro de volta numa prateleira ao mesmo tempo em que estendia a mão para pegar outro. Um velho livro surrado, cambaleando na borda da prateleira, caiu no chão.

Alistair franziu o rosto.

— Tome cuidado, alguns destes livros são valiosíssimos! — ele avisou, agachando-se para recolher o exemplar delicado e examinando os ideogramas japoneses manuscritos na capa. — Este tem cinco séculos. Foi achado por um líder guerreiro inimigo. Foi a única coisa encontrada na barraca de Hideyoshi durante um ataque-surpresa.

— O que diz aí? — perguntou Dan.

Alistair ajustou os óculos.

— Na capa está escrito: HIDEYOSHI, NOVE. Talvez seja um caderno de rabiscos ou desenhos de quando ele era criança.

— Peraí, mas então por que estaria escrito HIDEYOSH I? perguntou Amy. — Ele não tinha outro nome quando era criança?

Alistair arregalou os olhos.

— Sim... Hiyoshimaru! Bem pensado. Se o livro fosse mesmo da infância dele, esse seria o nome escrito.

Amy pegou o livro com cuidado. Enquanto ela folheava as páginas, que mostravam paisagens, cenas de batalha e monstros, os outros se amontoaram ao seu redor. Alistair notou que lan Kabra encostara de leve no ombro da menina.

— Est-t-tes... estes desenhos são b-b-bons demais pra uma criança de 9 anos...

Com as mãos trêmulas, Amy abriu o exemplar numa página que mostrava um rabisco estranho, de aspecto moderno, com estrelas e linhas aleatórias.

— Uma criança poderia perfeitamente ter feito isso — disse Natalie.

— Hideyoshi... nove... — repetiu Dan. — Ei, esta é a página 9!

De repente, sem dizer uma palavra, Amy pôs a mão no livro e arrancou a página.

Alistair achou que fosse ter um ataque cardíaco.

— Amy! — exclamou ele. Isto é uma relíquia!

Amy rapidamente se debruçou na mesa, colocando a página arrancada em cima do pergaminho.

As duas imagens se encaixavam. A maioria das linhas formava uma paisagem detalhada de uma área rochosa. Outras linhas, contudo, mais próximas e menores, pareciam formar caracteres coreanos.

E Alistair entendeu que a loucura da menina fazia todo o sentido.

— Os três chifres... ele disse.

— Como é que é? — perguntou Dan.

— Haha! — Alistair deu um abraço na sobrinha. Ela era mesmo uma garota extraordinária. — Graças a Amy, agora sei onde fica este lugar. E vamos para lá amanha cedinho.

CAPÍTULO 13

ASSIM QUE O DIA RAIOU ELES PARTIRAM. DAN NÃO SE SENTIA MUITO bem. Viajar por uma estrada esburacada depois de ter comido ovos no café da manhã não era a coisa mais agradável do mundo.

Conforme se aproximavam da cidade de Seul, uma montanha com três picos erguia-se diante deles.

— Os três chifres... Eu devia ter percebido desde o começo — disse Alistair. — É Samgaksan, a montanha com três picos. A confusão é que agora este lugar é conhecido como Bukhansan.

— Não sei por que, mas pensar em uma coisa com três chifres neste momento está me deixando mais enjoado! — reclamou Dan, fechando os olhos e se afundando no banco e no moletom de Harvard que Alistair lhe emprestara, grande demais para ele.

Amy olhou pela janela do carro. O dia estava cinzento e sombrio, e a montanha parecia quase vertical. Eles tinham trazido lanches embalados na mochila, mas aquela caminhada obviamente ia durar mais de um dia.

— A gente vai ter que escalar isso? — perguntou Nellie. — Meu tênis não é bom para esse tipo de coisa.

— As montanhas são fortes — disse Natalie, espanando um grãozinho de

pó de seus tênis Prada cor-de-rosa com pedras preciosas incrustadas, que ela dera para Harold limpar no dia anterior. — Temos que ser fortes também.

— São só uns 800 metros de altura, mas creio que não teremos que escalar — respondeu Alistair, conferindo a página do livro sobreposta ao velho pergaminho. — O desenho antigo tem uma linha sólida que o serpenteia; suponho que seja a famosa muralha. Ela cruza diversos vales e regiões baixas.

— O que é isso? — perguntou Dan, apontando para uma curiosa formação rochosa em zigue-zague.

— Hã, parece a letra M. Ou, se você olhar ao contrário, um W. Ou de lado, meio que parece um S... — tentou Nellie.

— Talvez sejam palmeiras — disse Dan. — Que nem no filme *Deu a louca no mundo*. Vocês conhecem? Uns caras precisam achar o dinheiro escondido, e a única pista que eles têm é que a grana está embaixo de um grande W. E ninguém entende o que isso quer dizer... mas daí, quase no final, aparecem essas quatro palmeiras juntas formando... chutem qual letra? É um clássico!

Amy, Alistair, Natalie, lan e NeIlie encararam o menino com um olhar vazio.

— Não existe W no idioma coreano — respondeu Alistair. — Nem palmeiras na Coreia. Talvez sejam bordos...

— *Prrr* — fez Saladin, esfregando o focinho no joelho de Dan.

— Depois eu te conto o resto da história — Dan sussurrou para o gato.

O motorista os deixou no estacionamento do Parque Nacional de Bukhansan. Vários turistas se amontoavam em volta de um mapa gigante da trilha, que Alistair cuidadosamente comparou com a folha sobreposta ao pergaminho. Ele seguiu com o dedo a linha escura serpenteante, parando em diversas marcas pretas.

— Imagino que estes sejam antigos templos. Assumindo que o grande x é nosso tesouro escondido.

— Fica entre dois dos templos — concluiu Natalie. — Mas quais?

Alistair deu de ombros.

— Há vários templos aqui, bem distantes uns dos outros. Isso pode levar vários dias.

— Então vamos logo! — disse Dan.

— Alguém tem que ficar aqui com o Saladin e o senhor Chung — Nellie se pronunciou, olhando a montanha com cara de dúvida. — Ok, vocês me convenceram. Eu fico.

Os outros partiram, seguindo uma trilha batida.

— Hideyoshi conquistou a maior parte do que hoje é a Coreia do Sul — contou Alistair. — Inclusive Seul, que naquela época se chamava Hanseong. Mas os soldados resistiram bravamente, construindo esta muralha para deter a invasão.

— Por que Hideyoshi enterraria os tesouros dele aqui? — perguntou Amy.

— Para aproveitar a proteção da muralha, talvez. — Alistair deu de ombros. — Ele deve ter imaginado que este território continuaria lhe pertencendo.

— Excesso de confiança é uma maldição — comentou Ian.

— Falou quem entende do assunto — provocou Dan.

Quanto mais eles avançavam pela trilha em aclive, menor era o número de turistas. Cada vez que eles passavam por um templo, Alistair conferia as folhas sobrepostas e acenava a cabeça negativamente.

Suas costas estavam empapadas de suor, e ele estava resfolegante quando finalmente se sentou sobre uma pedra.

— Hora do almoço — anunciou, entregando as folhas para Amy. — Meu bem, você pode guardar isso na sua mochila?

— Almoço? Nós mal começamos! — protestou lan, continuando a seguir a muralha. A calça folgada de Harold estufava a cada vez que a brisa batia.

Natalie sentou-se do lado de Alistair, esfomeada.

—Você por acaso não trouxe pastrami com mussarela de búfala e tomate seco no pão ciabatta integral ao molho pesto?

— Pode ser manteiga de amendoim e banana no pão de forma? — ofereceu Dan.

Alistair observava os arredores com muita atenção.

— Receio que tenhamos passado pelo lugar certo e não percebemos. A muralha pode ter sido reposicionada ao longo dos séculos. Talvez não tenha

mais o formato que tinha no desenho.

Enquanto Amy fechava o zíper da mochila, sentiu alguma coisa atingi-la no topo da cabeça. Era um torrão de musgo, que rebateu e foi parar aos seus pés.

—Ei!

lan estava dando risada enquanto limpava a terra das mãos.

Dando risada. E além de tudo estava olhando fixa- mente para ela. Seus olhos caçoavam dela, deixando-a paralisada. Como se planejassem algum comentário venenoso, típico de um Kabra. Na frente de todo mundo. Ela represou as lágrimas, resistindo à vontade de sair correndo ou se encolher no chão.

— Joga de volta — chiou Dan. — Bem forte!

Ian juntou as mãos ao redor da boca.

— Amy, você aceita um desafio? Uma corrida até o topo do rochedo mais próximo? Te dou vantagem... Ou você é lerda demais pra isso?

— Ela não é lerda! — Dan gritou de volta. — Bom, na verdade, é sim.

Amy ficou de pé. Ser humilhada por um Kabra era uma coisa, mas por um irmão caçula pentelho era inadmissível.

Ela olhou para o rochedo. Aquilo era maluquice. lan estava provocando, armando para que ela passasse ainda mais vergonha. A não ser que...

Lá estava. Outra trilha mais direta cortando por entre os arbustos.

Ela começou a correr.

— Amy... deixe a sua mochila aqui! — Dan gritou. — E lembre de batizar o primeiro filho de vocês com o meu nome!

Ela ignorou o irmão. Seu tornozelo doía loucamente, mas ela se *recusava* a deixar lan vencer. Ele estava correndo, cruzando o topo da muralha, pulando. Movendo-se em zigue-zague, lan se embrenhou num trecho repleto de árvores, dando uma sonora gargalhada e indo em disparada ao encontro dela. Amy tirou a mochila das costas e deu uma cacetada no braço dele.

Que idiota.

— Ai! — ele reclamou. — Esta camisa é uma Armani, feita sob medida!

A mochila caiu rolando no chão, derramando as folhas de Alistair: a página e o pergaminho presos por um clipe.

— Achado não é roubado! — gritou lan, pegando as folhas do chão e pulando sobre um rochedo.

— Seu traidor! — Amy estava furiosa. Não ia deixar o primo se safar com aquilo de jeito nenhum. Ela escalou a pedra, seguindo lan passo a passo até chegar ao topo. Ali ele virou-se para ela, ofegante.

— Até que você não foi mal para uma Cahill — ele disse com um sorriso malandro.

— Você... v-v-você... — As palavras ficaram presas na garganta dela, como sempre acontecia. lan a encarava com olhos que dançavam risonhos. Ela ficou com tanta raiva e ódio que achou que fosse explodir. — . . .não p-p-pode...

Naquele instante, porém, uma coisa muito estranha aconteceu. Talvez tenha sido um gesto da cabeça dele, um movimento da sobrancelha, ela não soube direito precisar o que foi. Mas foi como se alguém de repente mostrasse uma pintura em um ângulo diferente, e o que parecia ser um mar tempestuoso se transformou num belo buquê. Era uma ilusão de ótica, provando que tudo era apenas questão de perspectiva. Os olhos de lan não estavam caçoando dela, não mesmo. Estavam fazendo um convite, propondo que ela risse também, com ele. De repente a raiva de Amy se dissipou, como uma nuvem.

— Você... também é um Cahill — ela respondeu.

— *Touché.*

Os olhos dele não se desviaram dos dela, nem um milímetro.

Dessa vez ela conseguiu encará-lo. Bem nos olhos. Dessa vez não sentiu o impulso de pedir desculpas, nem de atacar ou sair correndo. Ela não se importaria se ele ficasse olhando para ela daquele jeito o dia inteiro.

— *Ei, Amy? Essa trilha não é brincadeira, e estamos morrendo de fome!* — gritou Dan. — *E o tio Alistair quer o mapa de volta!*

Amy sentiu que estava ficando vermelha. Ela desviou o olhar.

— Aqui está — disse lan, entregando as folhas para ela.

A página arrancada do livro, que tinha sido presa por um clipe de papel, pendia torta. Nervosa, Amy arrumou o papel para que ficasse sobreposto como antes. Tudo alinhado, marca por marca...

O olhar dela sobrevoou a paisagem e depois voltou para o papel.

— Oh, meu Deus... — ela murmurou.

— Que foi? — respondeu lan.

Amy conferiu outra vez. E mais outra, só para ter certeza. Mas era inconfundível: a figura que eles tinham notado mais cedo no mapa. Aquela que parecia uma letra.

Não eram palmeiras. Nem bordos.

— *Dan!* — Amy gritou, pulando rochedo abaixo como se jamais tivesse machucado o tornozelo. — *Venham pra cá depressa, todo mundo!*

Ela correu de volta na direção da muralha, mas os outros já estavam vindo em disparada, e encontraram Amy no meio do caminho. Ela agarrou a mão do irmão e o puxou para perto de si, subindo a trilha e o rochedo íngremes.

— Eu te amo, Dan. Você é um gênio.

Dan a encarou de um jeito estranho.

— O lan te deu alguma droga?

— Olha — ela indicou o lugar com um gesto. — O que você está vendo?

— Essa formação rochosa. Cocô de bicho — Dan deu de ombros.

— Esta formação rochosa. O que parece? — Amy insistiu novamente.

— Tipo um zigue-zague? — lan falou.

De repente, foi como se Dan tivesse levado um choque.

— É um W! — ele gritou. — *Amy, você achou nosso W!*

Alistair sorriu.

— Excelente. Um X assinala o ponto no mapa... e o ponto é uma formação rochosa em forma de W.

Amy pegou as folhas sobrepostas e começou a descer a encosta. Quando chegou na beira do afloramento rochoso, afastou trepadeiras e arbustos da base.

— Espalhem-se — mandou lan. — Procurem uma caverna. Uma entrada escondida.

Os outros começaram a remexer e arrancar a vegetação, examinando a pedra.

— Vejam! — gritou Natalie.

Amy correu até o lado dela. Ela tinha arrancado um arbusto grosso da

parede rochosa, revelando a figura entalhada de um homem. O homem tinha um rosto fino, simiesco, com olhos penetrantes e uma fenda formando a boca.

— Cruzes! — ela disse.

— O Rato Careca — declarou Alistair com assombro, passando os dedos no relevo. — Esta é uma imagem de Hideyoshi, no estilo japonês da época.

— Brilhante — exclamou lan esfregando o queixo, pensativo.

— Como vamos entrar? — Dan perguntou, com o rosto ainda enterrado no mapa. — Vocês devem ter notado que este W gigante é feito de pedra sólida. Tem que ter alguma instrução aqui...

Amy e os outros se amontoaram ao redor de Dan. O menino apontou para a parte de baixo das folhas sobrepostas.

— Essas letras no fim. Toota. O que isso quer dizer?

TOOTA

— O pai de Hideyoshi era Thomas Cahill. Talvez ele tenha ensinado inglês para o filho — arriscou Alistair.

— É Toyota! — disse Amy. — As letras. Elas formam Toyota, sem o Y.

— Ótimo, Amy — respondeu Dan. — Nossa terceira pista é uma picape enterrada.

— Creio que ela está sugerindo que o pergaminho pode ser falso — esclareceu lan.

— Obrigado, senhor e senhora Kabra — disse Dan, examinando o pergaminho de perto. — Mas isso não é falso. Não mesmo.

O menino depositou o mapa com cuidado no chão e sacou do bolso um pequeno canivete suíço. Então, com golpes ágeis, começou a rasgar o pergaminho em pedacinhos.

— *Dan!* — Alistair gritou.

Amy sentiu seu coração parar.

— *O que você está fazendo?*

Na sequência, Dan puxou a tesourinha do canivete. Num piscar de olhos, recortou todas as letras com precisão. Mexendo com cuidado nos delicados recortes, ele os dispôs assim: o grande A dentro do grande O; os dois Ts menores um do lado do outro, de ponta-cabeça dentro do A; e por fim o O menor entre os dois Ts:



Dan assentiu com a cabeça.

— "E pela união dos elementos é concedida a entrada...". Eu só uni os elementos.

Ele estava olhando para Amy com um sorriso largo. E ela sabia exatamente o que o irmão estava pensando.

A menina pôs a mão no bolso e de lá tirou a moeda que Ian lhe dera. Nela havia o mesmo símbolo: a pedra filosofal.

— Agora vamos dar algo pra esse rato comer — ela disse.

Com cuidado, Amy enfiou a moeda na fenda que formava a boca de Hideyoshi.

E o chão começou a tremer.

CAPÍTULO 14

BRRRRRUUUUMMMM.

Os joelhos de Ian fraquejaram. O aforamento rochoso fez o chão tremer, cuspindo uma poeira cinzenta que logo começou a subir em tranças ao redor deles.

Protegendo os olhos com a mão, ele avistou Amy de pé junto à figura de Hideyoshi, que agora se mexia em direção a ela. A menina estava em choque, com a mochila caída no chão aos seus pés.

— Afaste-se! — ele gritou.

Ian puxou Amy para longe e a jogou no chão, aterrissando em cima dela. Uma chuva de cascalho caiu sobre suas costas, infiltrando-se em seus cabelos e pipocando no chão como uma onda de aplausos.

A segunda coisa em que ele pensou foi que aquilo ia estragar sua camisa. E aquele foi o choque: o fato de não ter pensado na camisa primeiro. Nem na moeda. Nem em si mesmo.

Ele tinha pensado *nela*.

Porém, aquilo não era parte do plano. Amy existia para cumprir um propósito. Ela era parte de uma tática, um degrau de uma escada. Ela era...

— Adorável — ele disse.

Amy olhava para ele petrificada, com os cílios salpicados de pó. Ian segurou a mão dela, que estava fechada em punho.

— N-n-não precisa fazer isso — ela sussurrou.

— Fazer o quê? — perguntou lan.

— Ser sarcástico. Dizer coisas como “adorável”. Você salvou minha vida. Ob-brigada.

— Só fiz meu dever — lan respondeu. Ele baixou a cabeça e deixou seus lábios roçarem nos dela. Bem de leve.

Aos poucos o ar foi ficando mais limpo, e o barulho havia cessado. lan sentou-se e soltou a mão de Amy. A figura entalhada tinha se elevado na diagonal, despontando a alguns centímetros da pedra. No lugar onde antes estava o desenho de Hideyoshi, surgira uma abertura retangular.

De dentro do buraco vinha um cheiro podre, azedo.

Alistair foi o primeiro a ficar de pé, espanando as calças engomadas.

— O esconderijo de Hideyoshi...

Dan e Natalie estavam bem do lado dele, tossindo e sacudindo a poeira. Dan tentou espiar lá dentro, mas recuou de repente.

— Urgh, alguém esqueceu de dar a descarga.

Alistair tinha encontrado a mochila de Amy, e dela retirou duas lanternas a pilha.

lan ajudou Amy a ficar de pé.

— A moeda está com você? — ele perguntou numa voz branda — Talvez precisemos dela depois, para fechar a entrada.

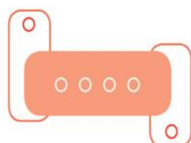
— No b-bol... — Amy indicou seu bolso. — Guardei a moeda aqui quando a coisa c-começou a abrir...

Alistair entregou uma lanterna para ela.

— Você e eu vamos na frente, Amy.

Enquanto Amy entrava na caverna com as pernas bambas, Natalie olhou feio para lan. Ele piscou para ela e entrou também.

A irmã nunca dava crédito a ele.



Concentração.

Amy só conseguia sentir os próprios lábios.

A luz fluorescente azulada da lanterna dançava nas estalagmites de uma caverna abobadada, O cheiro de amônia dos excrementos de animais inundava suas narinas. Eles estavam dentro de uma caverna que muito provavelmente não era visitada por um ser humano havia séculos, e os tênis dela faziam um barulho molhado ao pisar num tapete de alguma coisa que ela preferia não saber o que era. E só o que Amy conseguia sentir era o formigamento nos lábios.

Tudo estava acontecendo ao mesmo tempo. A moeda, o esconderijo, o...

O quê? O que exatamente tinha acontecido alguns instantes atrás?

lan caminhava em silêncio ao lado dela. Ela deveria odiá-lo. Ela o odiava. Mas não conseguia mais lembrar por quê. Apesar do lugar em que estavam, ela sentiu-se alerta, viva e incrivelmente feliz.

— Obrigada — ela sussurrou para ele.

— Pelo quê? — perguntou lan.

— Por me dar a moeda naquele beco em Tóquio. Se você não tivesse feito aquilo, talvez nada disso tivesse acontecido.

lan assentiu com a cabeça.

— A moeda era um dos tesouros mais valiosos da família Kabra. Corriam rumores de que era a chave de uma pista dos Tomas, mas meus pais não acreditavam. Precisei roubar a moeda deles. — lan deu de ombros. — Não vai ser agradável enfrentar meu pai quando ele descobrir.

Amy enfiou a mão no bolso e lhe entregou a moeda.

— Eu... não posso aceitar. Eu prometi.

— Não precisamos mais dela disse Amy.

— Obrigado. — lan pegou a moeda e pôs no bolso. Porém seus olhos estavam voltados para o teto. — Amy? Está vendo alguma coisa se mexer lá em cima?

Amy apontou a lanterna para o teto, iluminando uma sombra que tremulava e dançava — e que então se dissipou numa nuvem de gritos estridentes.

— *AGACHEM!* — Dan berrou enquanto uma massa fluida de morcegos

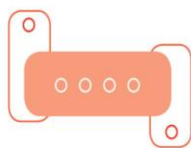
voava sobre suas cabeças. Os bichos gritavam e batiam as asas, cujas pontas roçaram o cabelo de Amy feito chuva enquanto ela se encolhia. Então, como fumaça saindo por uma chaminé, os morcegos fugiram pela entrada estreita.

— Você está bem? — perguntou lan.

Amy fez que sim com a cabeça.

— Odeio morcegos. — Ela ficou sentada, mexendo a lanterna de um lado para o outro, deixando que o facho de luz iluminasse o rosto dele. Só para ver.

E foi então que Dan deu outro berro.



— *Amy, ilumine isso aqui!*

Era a coisa mais legal que ele já tinha visto. Mais legal que o suprimento vitalício de jogos para videogame que ele quase tinha ganhado na rifa do sexto ano.

Alistair e Amy correram até o ponto em que Dan estava e iluminaram com as lanternas uma torre monstruosa de objetos empilhados do chão ao teto. Do topo, onde antes estavam os morcegos, pendia um grupo de estalactites. Elas rodeavam a pilha como uma cerca de ponta-cabeça, mantendo-a no lugar.

Eram espadas. Uma torre de espadas, num cuidadoso arranjo entrecruzado. Os cabos despontavam para fora, alguns sofisticados e crivados de pedras preciosas, outros amassados e opacos. Pareciam mãos estendidas, como se desafiassem alguém a puxá-las, o que provavelmente faria a pilha desmoronar feito um castelo de cartas.

— O Grande Confisco de Espadas de 1588 — murmurou Alistair. — Foi aqui que ele guardou todas elas.

Mas Dan já estava contornando a torre de espadas, avançando para a esquerda. A caverna ali parecia se expandir, ficar mais larga e funda, com montes de objetos que davam a impressão de se multiplicar ao longe,

interminavelmente. Alguns pareciam ter sido jogados ali descuidadamente, como coroas e elmos, armaduras, lanças, escudos, selas, estribos. Havia túnicas dobradas que reluziam suas joias incrustadas, estátuas cobertas de pó e rolos de pergaminhos dispostos em caixas. Uma área, no entanto, parecia isolada: uma espécie de altar, rodeando um estranho espelho triangular pendurado na parede, numa moldura repleta de entalhes intrincados.

Em volta do espelho, havia pilhas de baús imensos. Eram decorados com joias e letras caligrafadas, cada um trancado com um cadeado enorme.

Dan segurou um dos cadeados, que desmontou sozinho na sua mão, enferrujado e quebradiço. Enquanto ele abria a tampa, os olhares dos outros acompanhavam seus movimentos.

— Como a ralé costuma falar... — disse Natalie, arregalando os olhos — ...Bongo!

— Acho que é bingo — corrigiu Alistair. — Meu Deus, devem ser os despojos de Hideyoshi! Os tesouros que seus exércitos saquearam enquanto conquistavam o Japão e avançavam pela Coreia.

Dan se debruçou e mergulhou as mãos num mar de moedas de ouro. Ao seu lado, Amy abriu outro baú.

— Pratos, xícaras, tigelas... tudo de ouro maciço!

— Budas! — exclamou lan, espiando num terceiro baú. — Uma coleção de budas dourados em miniatura.

— Hideyoshi adorava ouro — Alistair disse em voz baixa. — De acordo com a lenda, ele até ingeria gotas de ouro líquido toda noite, devido às supostas propriedades mágicas desse material...

— Estamos ricos — disse lan. — Quer dizer, mais ricos... Se é que isso é possível.

Dan sorriu. *E pela união dos elementos é concedida a entrada, revelando o mais elevado.*

— Estamos mais do que ricos — ele deixou escapar um grito de entusiasmo — Descobrimos a próxima pista do segredo dos Cahill!

CAPÍTULO 15

ALISTAIR NÃO SE IMPORTAVA COM ESTAR FICANDO VELHO. MAS ficava mordido que seu sobrinho de 11 anos fosse mais esperto que ele.

Ouro.

Claro que o menino tinha razão. O ouro era o "elemento mais elevado" da alquimia. O símbolo alquímico, a "união dos elementos", era a chave da entrada. Sem dúvida aquilo viera da mente de Hideyoshi. Sendo filho de Thomas Cahill, devia ter estudado alquimia!

Alistair praguejou em silêncio. Devia ter imaginado aquilo desde o começo. Podia ter poupado todo aquele esforço, todo aquele perigo. Todos aqueles riscos desnecessários à vida dos sobrinhos.

Aquilo estava destinado a acontecer.

Ele estava destinado a descobrir uma pista que já conhecia.

Ele tentou sorrir. Para os irmãos Cahill, tudo aquilo era novidade. Eles não tinham passado uma vida inteira procurando, como ele. Agora estavam dançando com os Kabra, fazendo passinhos de uma dança que chamavam de hip-hop. Quando Alistair tentou dançar junto, sentiu dor nos quadris.

Ele ficou de olho em lan Kabra. Com certeza os Kabra também já sabiam daquela pista. Os Lucian vinham colecionando pistas há tanto tempo quanto os Ekat. Talvez apenas atuassem melhor do que ele.

— Bravo! — exclamou Ian, levantando Amy no ar. — Eu sabia que esta

cooperação entre os clãs ia valer a pena!

Quando ele desceu Amy com os braços, ela deixou seu rosto roçar de leve no dele.

Alistair sentiu seu sangue gelar. O trato com os Kabra acabara sendo proveitoso. Sem a moeda de lan, eles nunca poderiam ter encontrado aquela caverna. Mas não era esse o tipo de aliança que ele tinha imaginado.

— Eu... sugiro que partamos agora mesmo de volta para casa — falou Alistair. — Quem sabe no jantar possamos discutir com calma qual será nosso próximo passo.

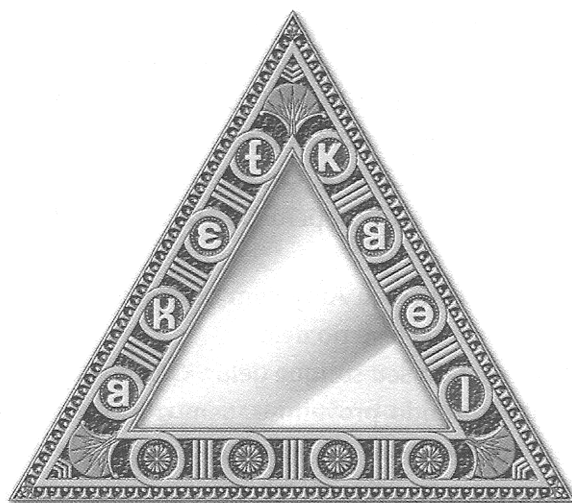
— Um momento — disse lan. Ele estava se afastando de Amy, com o olhar fixo no espelho. — Corrijam-me se eu estiver errado, mas parece que, sempre que se encontra uma pista, se descobre também uma espécie de dica para a próxima.

— Isso mesmo, espertalhão — confirmou Dan. — Mas não force sua cabecinha. Aposto que a próxima pista não é pó de pedra.

lan estava novamente olhando para o espelho.

— O que vocês acham que estas letras significam?

Alistair aproximou-se dele, iluminando a moldura do espelho triangular. Em dois dos lados corriam pela superfície dois estranhos conjuntos de símbolos.



— Pra mim, é grego — disse Natalie.

— Nossa, eu conheço essas letras! — exclamou Dan.

Da inscrição que encontramos na espada em Veneza. Lembra, tio Alistair, quando estávamos vendo aquelas tatuagens? Eu disse que tinha algumas letras faltando. São estas aqui!

— Não acho que isto seja propriamente uma língua — considerou Alistair, comparando as letras com os 13 idiomas que conhecia. — Talvez algum tipo de mensagem secreta?

Natalie começou a pentear o cabelo na frente do espelho, com uma escova com cabo de ouro.

— Espelho, espelho meu, existe alguém mais rica e inteligente e linda e...

— Isso mesmo, Natalie! — disse Dan.

Natalie ficou vermelha.

— Obrigada. Às vezes nem eu mesma acredito...

— Não! Palavras no espelho... Escrita espelhada! — Dan rapidamente tirou uma lapiseira e sua edição de bolso de *Os maiores clássicos da comédia.* Arrancando uma folha em branco do fim, ele utilizou o livro como apoio e começou a copiar as letras na folha. Então a segurou diante do espelho.

Ainda não fazia sentido.

Amy inclinou a cabeça.

— As letras são simétricas... A parte de cima de cada uma é um reflexo espelhado da parte de baixo. Talvez cada letra seja a *metade* de uma letra espelhada. Então, se conseguíssemos ver só a metade da letra, talvez desse para entender.

— Essa é a coisa mais imbecil e mais esdrúxula que eu já ouvi — disse Dan.

Amy pegou o papel e começou a apagar metade de cada letra:

Devagar, ela começou a completar cada letra:

ahstkael

— Ahstkael... — disse Amy. Isso não é uma cadeia de lojas de produtos naturais na Suécia?

— Nossa próxima pista está na Suécia? — Natalie se entusiasmou. — Estou mesmo precisando de um novo casaco de peles.

Dan pôs a mão no queixo.

— Hã... pessoal, essas são letras romanas. A gente não devia estar tentando formar letras japonesas? Ou *coreanas?*

— Hideyoshi era filho de Thomas Cahill — lembrou Alistair. — Eles não falavam japonês em casa. Além disso, o Oriente ainda não havia se aberto para o Ocidente, por isso palavras usando letras romanas deviam ser um código indecifrável na Coreia ou no Japão.

Dan estava rabiscando furiosamente outra vez. Começou a reembaralhar as letras como um louco, em várias combinações diferentes.

KASTELAH
THALESKA
THE SKALA
HAL SKATE
LAKE TASH

— *Lake Tash! Será que é isso?* — Natalie gritou.

Dan confirmou com a cabeça.

— Pois é. *Lake Tash*... — ele murmurou entre os dentes. — É um lago que fica no Quirguistão...

— Nossa próxima pista está no *Quirguistão?* — indagou Natalie.

— Que ótimo — disse lan com um sorriso. — Bem, foi muito agradável trabalhar com vocês. Desta vez, receio que vamos ter uma vantagem distinta.

— Mas... mas... — Amy cuspiu.

Alistair viu a expressão que se formou no rosto de Amy. Ela pretendia insistir para que a aliança continuasse, o que seria desastroso.

— Vou pedir imediatamente que nos transportem de volta para Seul. — Ele tirou depressa o celular do bolso. — Lá, nós vamos...

— Ah, duvido que tenha sinal de celular aqui — disse lan, andando na direção da entrada com a irmã logo atrás.

Na abertura da caverna, Natalie sorriu, com as mãos nos bolsos.

— Na verdade, duvido que você vá falar no celular nos próximos... hã... 500 anos.

Quando ela tirou a mão direita do bolso, estava segurando uma pistola de dardos tranquilizantes.

Alistair tentou se colocar na frente dos sobrinhos, mas Amy o empurrou para o lado.

—Natalie...?

— Olha, pessoal, isso não tem graça — disse Dan. O menino foi até onde os primos estavam, mas Natalie apontou a pistola para o seu rosto.

— *Dan!* — gritou Amy, puxando-o de volta.

Ian olhou de relance para Amy. Por um instante, ela pensou ter visto um brilho de... alguma coisa. Dúvida? Algum indício de que era tudo uma grande piada sádica? Então a impressão desapareceu, tão rápido quanto surgira. Ele olhou para baixo e tirou do bolso a moeda da pedra filosofal.

— Ah, aliás, obrigado por me devolver.

— Como ele arranjou isso? — exclamou Dan, olhando feio para a irmã.

— Eu... eu... — Amy não conseguia pronunciar as palavras. — Ele...

— Herança de família disse lan. Ele então saiu de costas pela abertura, enfiando a moeda na boca do Rato Careca. — Não se preocupem. Quando vencermos o desafio dos Cahill, quando conquistarmos o poder que nos é de direito, pode ser que voltemos para fazer uma visitinha. Se vocês ainda puderem nos receber. Enquanto isso, amigos, recomendo que economizem as pilhas. E o oxigênio.

A caverna estremeceu. Lentamente, a porta começou a fechar.

A última coisa que Alistair viu, antes de a porta bater com um estrondo, foi o cano da pistola de dardos de Natalie Kabra saindo pela abertura.

CAPÍTULO 16

IDIOTA.

Imbecil.

Burra.

Amy ficou estática, olhando para a porta, na ausência de luz onde lan Kabra estivera postado.

Tudo tinha sido uma grande piada. Ele tinha jogado a isca direitinho e depois só precisou fisgar.

Como aquilo podia ter acontecido? Como alguém era capaz de fazer isso?

As lágrimas escorreram pelo seu rosto e caíram no chão, batendo de leve como asas de mariposa:

Atrás dela, Alistair e Dan a ignoravam, discutindo estratégias, tentando descobrir um jeito de escapar. Um jeito de evitar que morressem.

Tarde demais, pensou Amy. Eis uma sensação que ela já conhecia.

Lentamente, as vozes dos dois se infiltraram em seu cérebro.

— Vou procurar outra saída — Alistair estava dizendo. Amy, você e Dan procurem falhas pela parede de pedra. Se tem morcegos morando aqui, deve ter alguma fonte de ar, algum tipo de buraco.

Atordoada, Amy concordou com a cabeça.

Quando os passos de Alistair se afastaram, Dan se agachou ao lado dela.

— Ei. Eu também quero estrangular o lan.

— Foi culpa minha. E-eu acreditei nele. Caí direitinho na armadilha...

Dan a ajudou a ficar de pé e passou o facho da lanterna pela parede, examinando cada centímetro. O lugar estava escuro como breu e, depois de alguns minutos, Amy já sentiu que estava ficando sem ar.

A voz do tio ecoou na direção deles, vinda de longe.

— Não tem outra saída. Acabei de conferir o W inteiro. É muito mais comprido do que eu tinha imaginado. Estamos totalmente presos.

Um túmulo, pensou Amy. Ele nos enterrou vivos.

Ela sentiu uma mão pousar em seu ombro.

— Lamento muito, cara sobrinha — Alistair disse com delicadeza. — Se eu tivesse percebido que você estava se enamorando do rapaz, teria feito alguma coisa. Não me dei conta disso, deveria ter sido mais atento.

Amy deu um suspiro.

— Como eu pude deixar ele me enganar? Como pude pensar que alguém ia realmente sentir...

As palavras entalaram no fundo de sua boca seca. Eu sei que isso não vai melhorar nada, mas acredite quando digo que sei como é ser traído.

Amy ergueu o olhar para o rosto mal discernível de Alistair.

— É mesmo?

Ele parecia prestes a dizer alguma coisa, mas mudou de ideia.

Pense apenas nisto, Amy: seus pais amavam vocês. Isso se via nos olhos deles, mesmo quando vocês não estavam por perto. Basta que pensem neles, e eles estarão presentes.

— Você... *conheceu eles?* — perguntou Amy.

— *AAHH!* Que nojo! — Dan gritou de outra parte da caverna. — Acho que pisei num morcego! Será que vocês podem continuar a conversa outra hora? Tipo, se antes a gente não morrer e virar banquete de morcego?

Alistair se afastou, deixando Amy com a boca cheia de perguntas.

— Dan, você nunca deve desistir, em hipótese alguma — incentivou Alistair. — Um problema é apenas uma solução esperando para ser descoberta. Vamos conseguir sair daqui... e prevejo que vamos chegar ao Lake Tash antes dos Kabra...

— Amigo, nós não vamos para o Lake Tash. Eu inventei esse lago.

Alistair estava olhando fixamente para ele.

— Mas... o anagrama... — disse Amy.

Dan deu um suspiro, iluminando com a lanterna a folha onde tinha reembaralhado as letras.

— Eu vi a resposta verdadeira na hora, mas não confio neles. Joguei uma isca para testar os dois. A resposta verdadeira é, tipo, moleza...

Ele começou a escrever outra palavra na folha, mas Amy estava olhando para mais além, observando os estranhos reflexos da luz da lanterna no espelho.

— Esperem um pouco! — ela exclamou. — Esse espelho... *quem já ouviu falar em espelho triangular?*

— Um designer de espelhos triangulares? — disse Dan.

— Ou um alquimista! Pense, Dan. A alquimia é cheia de símbolos. Os planetas, os elementos, tudo tem seu próprio desenhinho engraçado!

— Mas o triângulo era o símbolo de quê? — perguntou Dan.

Amy tentou visualizar a imagem na página.

— Ar? Ouro?

— Pera... peraí... estou vendo... — disse Dan. — Água! É isso. Não. Com a ponta pra baixo, representa água... mas, com a ponta pra cima, é fogo!

Dan apontou a lanterna outra vez na direção do espelho, erguendo a luz bem sobre a cabeça.

Logo acima do espelho, fora de seu alcance, Amy percebeu uma série de cordinhas meio engorduradas. Sentiu um embrulho no estômago. Pareciam rabos de rato pendurados.

— Será que essas coisas... estão vivas?

De repente, Dan olhou de relance para o chão. Ele se agachou, raspando alguma coisa com os dedos.

— Carvão. Deve estar vazando de cima.

Alistair ergueu o olhar.

— O que tem lá em cima?

Sufocando a ânsia de vômito, Amy se forçou a seguir o olhar dele. Para seu alívio, os rabos pendurados eram compridos demais para serem o que ela

achava que fossem. Pareciam ser apenas barbantes, levando a uma grande rachadura na pedra.

E ela percebeu um cheiro muito peculiar.

— Oh, meu Deus... Vocês estão sentindo esse cheiro... de...?

— ...cocô de morcego — disse Dan.

— Ovo podre — sugeriu Alistair.

— E esse cheiro de ovo podre — continuou Amy — é causado por...?

— Galinhas? — tentou Dan.

—Enxofre! — disse Amy.

Dan sorriu.

— Ah, é verdade. Eu aprendi isso na aula de química no ano passado! Enfiei um tubo de ensaio na mochila da Mundy Ripkin. Com uma rolha, tipo, meio solta. Daí quando ela abriu...

— Carvão... enxofre — disse Amy, vasculhando o cérebro em busca de alguma coisa que tinha lido na aula de ciências. — Eles se juntam a um outro ingrediente para fazer... o quê, mesmo...?

— Churrasco fedido? — arriscou Dan.

Amy de repente se lembrou.

— Não é churrasco, seu pamonha — ela disse, olhando os barbantes pendendo no vazio. — É pólvora.

— Hã, você acha que tem pólvora lá em cima? — perguntou Dan.

— A pólvora de fato existia no século XVI. Foi inventada na China séculos antes e se espalhou pelo Oriente. — explicou Alistair.

— Dan, acho que estas cordas estão aqui por um motivo. São pavios!

— Brilhante, minha querida! Você é genial! Então o espelho tem duas funções. Ele aponta para cima, direcionando nosso olhar, e é o símbolo do fogo. Parece muito típico de Hideyoshi. Sendo um guerreiro sempre astuto, criou uma saída de emergência em seu esconderijo, para o caso de sabotagem.

— Dan, você ainda está com os fósforos do Hotel Muito Obrigado? — perguntou Amy.

— Sua tonta, a gente não pode simplesmente explodir esta coisa! Isso pode matar a gente.

—Pólvora não é dinamite — disse Alistair. — Lembro a vocês que

estamos rodeados por um monte de xisto.

— Cheetos? Onde? — perguntou Dan.

— Xisto é um material extraordinariamente denso — continuou Alistair. — Abrir uma pedra com uma explosão, mesmo nos dias de hoje, exige um poder muito maior do que a pólvora pode proporcionar. O estouro provavelmente só abriria um buraco numa área pequena. Na verdade, é totalmente possível que a explosão não seja forte o bastante. Com o xisto estaremos mais que seguros.

Alistair estava tentando falar com um tom reconfortante, mas Amy percebeu como sua voz estava trêmula. Ela olhou para o irmão. A luz da lanterna no rosto dele fazia ele parecer um velho. Porém, mesmo com a distorção da penumbra, ela conseguia ler a mente de Dan.

Você acredita nele?, suas feições perguntaram.

Não tenho tanta certeza, ela pensou.

Nem eu. Então vamos todos ser instantaneamente esmagados por toneladas de granito, ele estava pensando.

Ou então...?

Dan desviou o olhar.

... vamos morrer de fome, lenta e dolorosamente, foi o pensamento que ele não quis dividir com a irmã. Mas ela sentiu.

E a escolha, para ela, era clara.

— Acho que é a única chance que temos de sair daqui e fazer coisas horríveis com lan Kabra — decidiu Dan.

Amy sorriu, engolindo uma pontada de medo que atravessou seu corpo.

— Vai fundo — ela concordou.

Dan virou-se para Alistair.

— Você é mais alto ele — disse, entregando-lhe os fósforos.

O velho homem acendeu um palito e o ergueu em direção aos barbantes. A chama lambeu a ponta de um deles, brilhou um pouco mais forte, cercou o fio e então se apagou com um chiado.

— Os pavios são velhos — disse Alistair, jogando o fósforo apagado no chão.

Ele abriu a carteira de fósforos e viu que só restavam três.

— O que aconteceu com o resto dos fósforos?

— Hã... — Dan hesitou num tom de culpa.

Amy franziu o rosto, lembrando de todos os fósforos que ele desperdiçara na praça em frente ao hotel em Tóquio.

Alistair respirou fundo.

— Tudo bem, então. Rezem.

Ele ergueu outro fósforo. Este também rodeou a ponta do barbante mole.

FFFFFFFFT!

— Uhu! —Dan gritou, conforme Alistair acendia outro barbante, e mais outro. As chamas dispararam para cima, na direção da pedra.

— Mexam-se! — gritou Alistair, agarrando Dan e Amy pelo braço.

Eles correram para o interior da caverna, dobrando o canto inferior do W.

Buuum!

Buum! BUUUUUUM!

TRRRRRE-E-E-EC!

Houve uma explosão de pedras dentro da caverna, batendo em objetos de ouro, esmagando baús de tesouros. O espelho oscilou, por fim caiu para a frente e se estilhaçou no chão.

Acima deles, a luz entrava por um pequeno buraco perto do topo da parede de pedra.

— *Conseguimos!* — gritou Dan.

Os três correram para ver, tropeçando por cima de pedras, destroços e cacos de vidro.

CRRRRREC!

Choveram mais pedras do teto. Amy e Alistair protegeram a cabeça com os braços, correndo para longe.

— A rocha está trincando! — Dan gritou, arrastando uma caixa de madeira para que ficasse bem abaixo do buraco. — Vamos!

Alistair subiu na caixa, estendeu o braço para pegar Amy e a levantou por sobre sua cabeça. Sua força era surpreendente.

Amy esticou as mãos para cima, porém seus dedos não alcançavam a

borda do buraco.

— Um... dois... três... e lá vai! — Alistair lançou Amy para cima.

Pronto.

— Consegui! — ela gritou.

Seus dedos agarraram um pedaço quebrado de rocha. Enquanto ela impulsionava o corpo para cima, Alistair pôs as palmas das mãos nas solas dos tênis da menina e deu um empurrão.

— *Ahhhhn!* — Ela respirou fundo aquele jorro de ar fresco, cheio de oxigênio. As pontas de seus dedos agarraram uma raiz que se fixara na rocha. Ela enfiou o cotovelo num pedaço da pedra e se içou para fora.

Amy saiu ao sol. Sentiu o glorioso cheiro de grama e terra.

Deitada em segurança na superfície, ela estendeu o braço para dentro do buraco.

— Segurem!

— *Subin-DO!* — Alistair grunhiu ló de baixo.

Amy prendeu com força os dedos em volta dos pulsos do irmão e puxou. Dan era pesado, e ela só conseguiu tirar o torso dele. Mas foi suficiente. Ele soltou-se dela e saiu do buraco se contorcendo.

Depressa, Amy se debruçou na cavidade e gritou lá para baixo:

— Tio Alistair! Você consegue empilhar mais caixas? Precisa dar um jeito de ficar mais alto!

— Estou tentando! — ele gritou de volta.

BRRRRRUUUUUUMMMM!

A rocha inteira tremeu. Uma porção dela bem à esquerda de Amy desabou lá para baixo. O tremor parecia estar ficando mais forte, seguindo a linha de uma rachadura na pedra.

— *Tio Alistair!* — Dan gritou para dentro do buraco. — *Você está bem?*

Dan virou o ouvido para baixo. Amy conseguiu escutar Alistair dizendo alguma coisa, mas o estrondo do tremor abafava o som.

Enfiando a mão dentro do buraco, Dan gritou:

— *Agarra aqui! Pula!*

Porém não houve resposta.

Dan e Amy gritaram o nome dele. Mas o buraco, que tinha apenas alguns

metros de largura, começou a se partir. A rocha inteira embaixo dos dois estava rachando. Eles se jogaram para a frente, descendo a encosta da pedra, e por fim caíram no chão.

Enquanto o W inteiro implodia, da esquerda para a direita numa onda, os irmãos Cahill pularam para longe, aterrissando de joelhos e cobrindo a cabeça com os braços.

Uma imensa nuvem de pó se ergueu no céu, enegrecendo tudo. Amy e Dan ficaram olhando, atônitos, o amontoado de pedras quebradas que havia restado.

Por fim, Amy sentiu as palavras saindo de sua boca como se tivessem vida própria.

— O que ele disse?

— Ele disse — Dan falou, ofegante — que a pedra não era xisto.

CAPÍTULO 17

QUANDO AMY CORREU PARA SE ESCONDER ATRÁS DA ÁRVORE, DAN sabia que ela estava vomitando. E ele não teve nojo nenhum, pois estava fazendo a mesma coisa.

Alistair morrera, ci centímetros de distância deles. Logo ali abaixo. Ele tinha dado às crianças sua confiança, seu dinheiro, seus conselhos, seu conforto. E, no final, sua vida.

Não parecia real. Ele devia estar atrás de um arbusto, espanando as roupas, andando na direção deles, vestindo suas calças impecavelmente engomadas. *Puxa vida, isso foi uma aventura,* ele diria.

Mas Dan só conseguia ver pó. Pó e turistas e montes de escombros e as luzes piscantes das viaturas de polícia.

E a sensação no fundo do estômago de já ter passado por aquilo. De que sua vida inteira se resumia a perdas. De que ele tinha jurado nunca se apegar aos adultos, porque era muito doloroso perdê-los.

E tinha acontecido outra vez.

O menino percebeu, vagamente, que a irmã estava lhe abraçando. Um policial estava falando inglês com um sotaque forte, contudo Dan não conseguia entender direito.

— O nome dele é... — Amy estava dizendo. — Era... Alistair Oh.

— Idade? — perguntou o policial.

As palavras "sessenta e quatro" saíram da boca de Dan. Ele não tinha ideia de como sabia daquilo, mas lhe ocorreu que Alistair jamais teria 65. Que algum dia ele, Dan, seria mais velho do que Alistair.

— Que roupa estava vestindo? — pressionou o policial, embora a pergunta parecesse incrivelmente estúpida naquelas circunstâncias.

— Paletó de seda.... uma camisa muito bonita — respondeu Dan. — Ah, ele sempre usava umas luvas brancas, também. E, tipo, um chapéu redondo...

— Co... — disse Amy. Seu lábio estava tremendo. —Co...

— Coco — completou Dan em voz baixa.

O policial estava anotando tudo, mas Dan sabia que ele não podia estar tratando daquilo como uma operação de resgate. Era uma busca por um corpo. Ninguém podia ter sobrevivido a um desabamento como aquele.

Quando ele se afastou, murmurando umas poucas palavras de condolência, Amy olhou por cima dos escombros.

— Dan...? Olhe...

Bem à direita, um pequeno grupo de homens acabara de chegar. Não se pareciam com os outros turistas e visitantes do parque. A maioria deles vestia ternos azul-marinhos com óculos escuros e sapatos pretos, e em seus ouvidos havia fones conectados a fios embaraçados.

No centro estava um homem idoso e magro, com um sobretudo jogado nos ombros, uma gravata de seda enfiada numa camisa de aparência cara e um chapéu de feltro levemente torto para um lado. Ele avançava num passo apressado, usando uma bengala crivada de joias.

— É aquele cara... — disse Dan. — O que nós vimos em Tóquio, em frente ao metrô.

— O que ele está fazendo aqui? — perguntou Amy. Dan arregalou os olhos ao ver alguém atrás do velho, uma pessoa que ele e Amy conheciam ainda melhor. Ele aparecera no incêndio que destruíra a casa de Grace. Em Paris e Salzburgo. Ele nunca dissera uma só palavra, mas de algum modo sempre estava por perto.

Não foi preciso que Dan mostrasse a ela. Amy também o viu.

— O Homem de Preto... — ela murmurou, recuando. Os irmãos se

agacharam atrás de um arbusto, rentes ao chão.

— Você consegue ouvir o que o velho está falando pra ele? — perguntou Amy.

Dan ficou de pé. Cobriu a cabeça com o capuz e se aproximou um pouco, tomando o cuidado de ficar no meio da multidão de curiosos que crescia cada vez mais. Eles também falavam sem parar, mas, quando Dan chegou mais perto do homem idoso, conseguiu vê-lo trocando cumprimentos com o policial que acabara de conversar com eles.

O Homem de Preto não parecia estar interessado na conversa. Estava avançando devagar rumo à rocha desabada, de costas para Dan.

O velho e o policial estavam conversando, e Dan conseguiu ouvir trechos do que eles falavam, mas era tudo em coreano. Eles não disseram muita coisa, e o velho parecia irritado e impaciente. Por fim, após se curvar mais algumas vezes, o policial foi embora.

Fazendo um gesto brusco para seu séquito, indicando que deviam ficar onde estavam, o velho começou a caminhar sozinho até o misterioso estranho vestido de preto.

Os dois homens ficaram em silêncio, olhando para os escombros. Dan olhou de relance para Amy, que tinha no rosto uma expressão de terror e gesticulava para que ele voltasse.

Os homens, contudo, estavam virados de costas para ele, por isso Dan chegou mais perto.

Quando o velho começou a falar, suas palavras foram claras.

— Meu sobrinho estava aqui.

O Homem de Preto virou a cabeça, e sua boca mexeu de leve, registrando apenas uma sombra de reação... Mas qual? Compaixão? Vitória? Era impossível decifrar.

Eles pareciam estar discutindo alguma coisa, no entanto Dan não conseguiu entender as palavras.

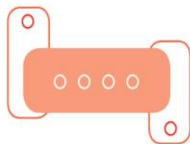
Então o velho se virou, andando num passo ligeiro até o lugar em que estava sua equipe. Ele acenou com a cabeça, sem olhar para ninguém em particular, mas todos se postaram atrás de sua figura. A comitiva inteira partiu dali em direção à entrada do parque.

Enquanto Dan voltava discretamente para junto de Amy, viu o Homem de Preto se aproximando das ruínas. Andando por entre os escombros, ele parou e agachou. Parecia ter encontrado alguma coisa, talvez uma das *relíquias de Hideyoshi*, pensou Dan. Não ia demorar muito até que as pedras fossem retiradas dali e todos descobrissem os tesouros. Haveria saques, talvez brigas para decidir a quem eles pertenciam. Todas aquelas cenas que apareciam no noticiário sempre que havia muito dinheiro em jogo.

Mas, por enquanto, tudo parecia apenas um amontoado de pedras. E o objeto que o Homem de Preto tirou dos escombros não pertencia a Hideyoshi.

Quando Dan viu o que era, um grito raspou em sua garganta.

Era um chapéu-coco, amassado e deformado.



— Oh, meu Deus, crianças, achei que vocês tivessem morrido! — gritou Nellie. — Eu fiquei sabendo do que aconteceu. Vocês estão com uma cara horrível!

Nellie correu até Amy e Dan, carregando Saladin no colo, quando eles chegaram se arrastando ao estacionamento do Parque Nacional de Bukhansan. Ela e o senhor Chung estavam sendo interrogados pela polícia.

Amy ficou com pena do senhor Chung. Ele não parecia nada bem.

Nellie deu um forte abraço em Dan e Amy com um braço só, esmagando o gato, que reclamou com um *Prrr* abafado.

Distraída, Amy acariciou com os dedos o pelo prateado de Saladin.

— Nós escapamos. É uma longa história, mas o tio Alistair...

A voz dela foi ficando distante. Atrás de Amy, Dan enxugou uma lágrima.

— Pois é, eu sei — disse Nellie. Ela colocou a mão sobre o ombro de Dan, num gesto de condolência. — Vamos lá, é melhor a gente voltar.

No caminho até a casa do tio Alistair, Amy contou a Nellie o que tinha acontecido, relatando tudo até o momento em que viu o chapéu-coco. Nellie assentia com a cabeça, escutando com atenção, e então todos ficaram em

silêncio durante o resto da viagem. Dan pensou em alguma coisa para dizer, porém todas soavam estúpidas. *Ele era um grande homem. Era muito apegado à família Cahill. Vamos sentir saudade dele.*

Ele se deu conta de que não conhecia o tio Alistair de verdade. O tio sabia mil vezes mais coisas sobre eles do que eles sabiam sobre o tio. Ele os traíra, mas no fim havia salvado suas vidas.

Na casa de Alistair, os pássaros trinavam nas árvores, e o horizonte estava pontilhado de nuvens brancas e fofas. Era como se nada tivesse acontecido. Harold, o mordomo de Alistair, foi encontrá-los na porta, com o rosto sombrio e atormentado.

— Sinto muito — disse Amy.

Dan, Amy e Nellie deixaram seus sapatos na entrada e se arrastaram cansados até a cozinha, onde Harold tinha preparado sanduíches. Enquanto Nellie comia, Dan empurrou seu prato para o lado. Ele pôs a mão no bolso e tirou uma folha de papel amassado e um grande dobrão de ouro.

— Esta moeda foi a última coisa que ele me deu...

— O que tem no papel? — perguntou Amy.

Dan alisou a folha em que tinha decifrado a última charada.

KASTELAH
THALESKA
THE SKALA
HAL SKATE
LAKE TASH

ALKAHEST

— Era isso? — perguntou Amy. — *Alkahest* era a pista, em vez de *Lake Tash?*

Dan confirmou com a cabeça.

— Pois é. Alcaeste, o nome dci pedra filosofal.

— É uma palavra da alquimia — observou Amy. — Como isso pode ser uma pista se não existe de verdade?

Dan deu de ombros, jogando a moeda no ar.

— Como eu vou saber? Hideyoshi era um nerd da alquimia.

A moeda caiu de volta na mão dele, revelando uma deusa egípcia e algumas palavras incompreensíveis.

Amy arregalou os olhos.

— Peraí! Oh, meu Deus! Me dó essa lapiseira!

Ela agarrou a lapiseira da mão de Dan e rabiscou uma palavra no papel, embaixo das que Dan escrevera:

AL SAKHET

— Que é isso? — perguntou Nellie.

Amy estava quase saltando por sobre a mesa para alcançar Dan.

— Nós tivemos uma matéria sobre o Egito no ano passado! “AI” significa “de”. “Sakhet” é uma antiga deusa egípcia.

Nellie inclinou a cabeça.

— Sério?

— A mensagem no espelho... — Dan murmurou. Ele precisava admitir que, para uma menina burra, às vezes ela era até bem esperta. — Hideyoshi estava apontando para a próxima pista...

— Nellie — perguntou Amy —‘ nós temos dinheiro para viajar para o Egito?

— Bom, os Kabra abandonaram vocês, mas não voltaram para pegar de volta a grana que me deram. Então é hora de selar os camelos, vamos viajar!

Fez-se um estranho silêncio no recinto.

Dan deu de ombros.

— É... difícil pensar em fazer isso. Depois do que acabou de acontecer...

— Não precisamos pensar nisso agora — disse Nellie. — Olha, se vocês não estão com fome, pelo menos vão tomar banho. Vocês estão fedendo ovo podre. Os dois. Dan, você pode usar o chuveiro de Alistair e Amy pode usar o do banheiro de hóspedes.

Dan precisava admitir que aquilo parecia uma boa ideia. Ele recolheu o guardanapo e se dirigiu para o quarto de Alistair.

O Egito podia esperar. Por enquanto.

Aquele lugar tinha um cheiro gostoso, um cheiro que lembrava o velho Alistair, com fragrância de colônia e roupa limpa. Tudo estava muito arrumado, o que não era surpresa — as fotos alinhadas na cômoda, a pilha de livros de capa dura no criado-mudo, os travesseiros dispostos no ângulo certo — com apenas uns poucos toques casuais, como um par de luvas jogadas do outro lado da cama...

Um par de luvas brancas imundas.

Dan desviou do caminho do banheiro e pegou as luvas. Estavam cobertas de terra e grama e mais alguma coisa...

Carvão.

— Amy...? — Dan gritou. — *AMY, VEM AQUI!*

Um grito de felicidade brotou na sua garganta, mas não chegou a sair quando sua alegria foi esmigalhada por uma constatação que turvou sua vista.

De algum modo, o tio Alistair estava vivo.

E tinha abandonado os dois outra vez.

EPÍLOGO

O VELHO FECHOU A PORTA DO ESCRITÓRIO E AFUNDOU EM SUA poltrona de couro. Girou o assento na direção da janela, apoiando os pés num banquinho. Eles doíam mais que o normal naquele momento. Com a idade avançada, ele já não apreciava mais as longas caminhadas.

De baixo vinha o som abafado do trânsito, os gritos frustrados dos motoristas, os berros alucinados dos vendedores ambulantes na calçada. Um lembrete constante do verdadeiro e desesperado sentido da vida: velocidade, desejo, posse. Ele estava cansado daquilo tudo. Mas não ia demorar muito mais. O caminho certo finalmente estava desimpedido.

Ele ligou o aparelho de som. Morte e transfiguração, de Richard Strauss. Bizarramente apropriado, depois do que acontecera.

Um dia estressante. O necessário a ser feito nem sempre era agradável.

Enfim. Primeiro a morte. Depois a transfiguração.

Ele apertou um botão no interfone.

— Eun-hee, por favor, faça contato com o senhor Mclntyre. Tenho uma notícia para ele.

O velho esperou um instante, mas não obteve resposta. Que estranho. Eun-hee estava ali quando ele entrara, havia alguns minutos. Ela nunca saía de sua mesa na antessala.

— Eun-hee...? — ele tentou outra vez.

O interfone fez um ruído. Mas a resposta não foi de modo algum a que ele estava esperando.

— Olá, tio — disse uma voz grave, sedosa, que lhe deu um calafrio cortante na espinha. — Foi agradável seu passeio no parque?

O dedo ossudo de Bae Oh começou a tremer.

— Quem... *quem é?*

— Ora, é o seu herdeiro — respondeu a voz. — Que foi, estraguei seu dia? E que lindo dia deve ter sido: você me viu morrer e achou que não ia mais precisar fazer você mesmo o serviço.

— Mas... — Bae Oh cuspiu. — Como você pode ter sobrevivido...?

— Muita gente está se perguntando isso. Mas eu garanto que, quando eu tiver dado um jeito em você, ninguém vai fazer essa pergunta.

Bae Oh podia estar em sua nona década, mas seus reflexos ainda eram inigualáveis. Ele pulou da cadeira e abriu a porta que dava acesso à antessala.

Estava vazia.

Ouviu-se o som distante de passos lá fora, depois fez-se silêncio. Ele tinha fugido.

Bae Oh sentiu seus joelhos fraquejarem. Ele se apoiou na beira da mesa, sentindo o coração bater a mil enquanto, atrás dele, a música crescia.

FIM

CONTINUA EM:
ALÉM DO TÚMULO